Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23161 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 18 JANEIRO 90 60$00

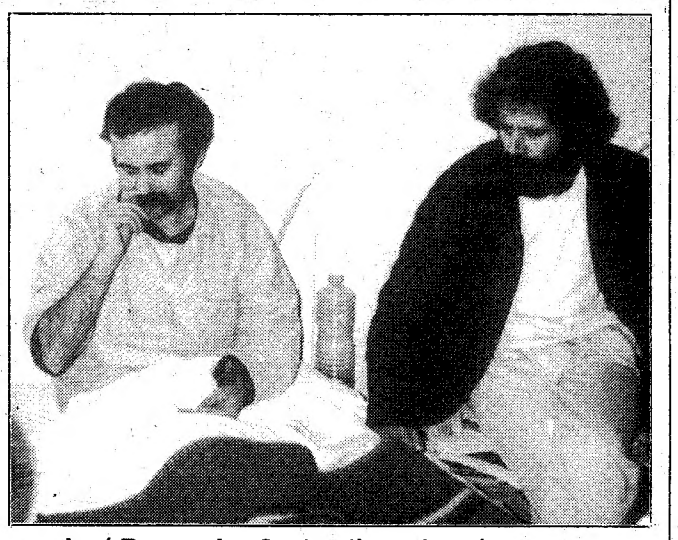
Perestroika vai acelerar

A decisão do Soviete Supremo visa mudar a base actual da economia da URSS

O Soviete Supremo da URSS, em reunião liderada por Mikhail Gorbachev, decidiu dar prioridade ao debate, em próxima sessão, a decorrer para a semana, das leis sobre a reforma económica, o aperfeiçoamento da federação e o reforço da ordem. As questões agendadas referem-se, concretamente, à propriedade, terra, impostos, autogestão e economia locais, bem como à harmonização das leis das repúblicas com as de Moscovo. Trata-se de um pacote de medidas que irão mudar a actual base económica da União Soviética, segundo a agência noticiosa Novosti. De referir que a decisão agora tomada surge numa altura em que se intensificam os confrontos entre azerbaijanis e arménios, num conflito étnico estreitamente relacionado com o disputado enclave de Nagorno-Karabakh, anexado ao Azerbaijão, mas com uma população maioritariamente arménia. Esta manhã, o ministro soviético da Defesa, Dimitry Yazov, anunciou a mobilização de reservistas do exército, para reforçar as tropas enviadas para a região, a fim de restabelecer a ordem. Yazov qualificou a situação no Azerbaijão, que já provocou 58 mortos, como "um grande desastre". Um comunciado militar de ontem dizia que "um acentuado aumento de ataques tornou a situação insustentável", pelo que os soldados foram autorizadas a disparar.

Pág. 11

- Travam-se violentos combates no Azerbaijão, onde o ambiente é de guerra civil
- Moscovo mobilizou reservistas do Exército, para manter a ordem entre as etnias em conflito
- O ministro da Defesa da URSS classificou a situação como um «grande desastre»
- Há dezenas de mortos e mais de uma centena de feridos



José Ramos dos Santos (à esq.) está em greve da fome há 39 dias

Presos das FP/25 criticam Otelo

O DL ouviu em Caxias os cinco grevistas da fome

Internados no hospital-prisão de Caxias, os cinco grevistas da fome do processo FUP/FP-25 reivindicam o direito que assiste a Ramos dos Santos de ser libertado, passados que estão os três anos de prisão preventiva estipulados na lei, mas não aceitam qualquer compromisso. Além disso, anunciaram a formação de uma célula revolucionária, criticando o comportamento de Otelo e de outros implicados no mesmo processo, relativamente ao Poder.

Págs. 16 e 17

Jovens quebram tabus sexuais

A revolução sexual não terminou nos anos 60. O tema é ainda interdito a maiores de 18 anos na sociedade portuguesa. Estudantes de Psicologia e Medicina procuraram quebrar os tabus, discutir o tema aberta e cientificamente. Para tanto, apenas bastou que um homem, Machado Vaz, e uma equipa de ex-alunos, criassem um curso de Sexologia Clínica na Reitoria da Universidade do Porto.

Estes estudantes realizaram um colóquio subordinado ao tema «Desvios Sexuais - onde pára a normalidade», em que se desmistificou o conceito de perversão. A homossexualidade foi a estrela da noite.

Pág. 15

Eurico Vasconcelos

Alunos fecham escola no Barreiro

Centenas de alunos bloquearam, desde as sete e meia da manhã de hoje, os acessos à Escola Secundária de Santo António, próxima do Barreiro. Protestam contra a drástica redução de funcionários que impede o normal funcionamento da escola. «O Ministério da Educação está-se nas tintas», dizem.

Pág. 13

DL

As novas tecnologias em Metz
Da nossa enviada especial Dina Soares
Págs. 2, 3 e 4

Pinto Soares mestre em estratégia
Pág. 12

Auto-Retrato de Marcello Duarte Mathias
Pág. 5

Crónicas de Alberoni e Carlos Gaspar
Págs. 5 e 6

GRANDE ANGULAR

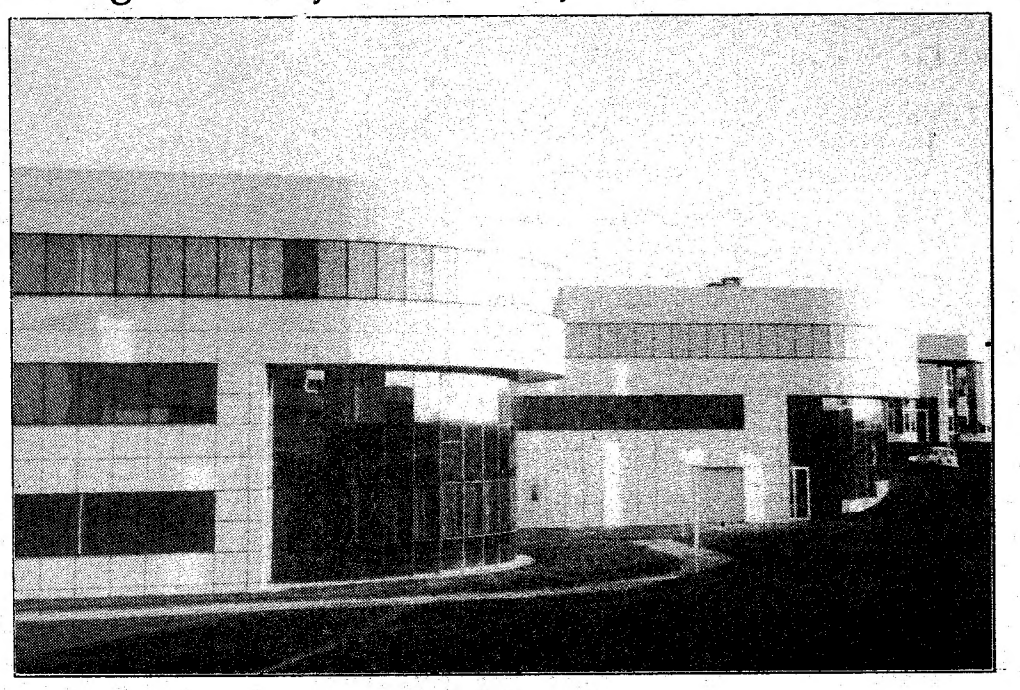
Falar e ver ao telefone, escolher e encomendar um frango ou uma garrafa de vinho, mandar a radiografia ao médico, comprar um bilhete de teatro, tudo sem sair de casa, já é possivel em duas cidades francesas... E muito mais ! Mas os resultados práticos nem sempre têm sido os que se aguardavam. O DL explica como funcionam hoje estes projectos do ano 2000

Metz: a capital da Comunicação

A decadência das indústrias do aço e do carvão levou a Lorena a repensar o seu futuro e voltar-se para a inteligência artificial no campo das comunicações

Há cinco anos era apenas um grande campo verde onde o gado pastava. Hoje, continua a ser um grande campo verde, mas os animais foram substituídos por empresas de alta tecnologia no domínio da comunicação. É o Tecnopólo Metz 2000, primeiro e único do seu género na Europa e um dos mais importantes a nível mundial. Com mais de cem empresas e quatro escolas já instaladas, o centro cresce ao ritmo de um adolescente: de duas em duas semanas chega um novo habitante. Actualmente, são 400 hectares, 700 empregados e 1400 estudantes. Dentro de dois anos deverão ser 800 hectares, 3 mil alunos e outros tantos trabalhadores.

Capital industrial da Europa durante o século XIX, Metz começou, há cerca de vinte anos, a ser uma cidade ultrapassada. As grandes indústrias pesadas como a siderurgia e a extracção mineira entravam em crise, gerando o desemprego. Adivinhavam-se tempos difíceis para toda a região francesa da Lorena. Jean-Marie Rausch, presidente da câmara metense há mais de duas décadas e actual ministro do Comércio Externo, considerou então que era chegada a altura de pôr em prática um plano que há muito vinha acalentando: transformar Metz numa capital da inteligência artificial no domínio das comunicações.



Em Metz, o ensino da comunicação começa no liceu

Ensino e negócios em harmonia

A 10 minutos do centro da cidade, o Tecnopólo Metz 2000 é um «bairro inteligente», todo interligado por fibra óptica, que agrupa empresas e estabelecimentos de ensino e de investigação cujo denominador comum é a «high tech», especialmente no que diz respeito à concepção, estudo e planeamento, já que ali não se produzem equipamentos.

Filiais de grandes multinacionais como a Apple ou a Wang, pequenas e grandes empresas francesas e sociedades surgidas já no âmbito do próprio Tecnopólo, convivem com escolas como a Supelec (o mais famoso centro francês no domínio da electricidade), a Escola Superior de Comércio e o Instituto de Física. Em projecto estão já um Instituto de Línguas e um Instituto Universitário de Tecnologia.

O estabelecimento de ensino mais original do Tecnopólo é, todavia, o Liceu da Comunicação, único em toda a Europa, que começou a funcionar em Outubro do ano passado e que agrega os currículos normais de um liceu ao ensino específico no campo das comunicações, formando técnicos em vários domínios.

O ponto nevrálgico do complexo é o Centro de Estudo de Sistemas de Comunicação que oferece às empresas um conjunto de serviços que vão da informática ao telemarketing, passando por uma estação de satélites, o Europorto, inaugurado no início de 1989 e que se destina a estabelecer contacto directo com toda a Europa e os Estados Unidos. Trata-se do primeiro teleporto europeu, uma espécie de porto franco de telecomunicações.

Objectivo: não envelhecer

A escolha do domínio das comunicações não foi feita ao acaso. Robert Baehrel, responsável pelo empreendimento, explica-nos as razões: «O conceito de tecnopólo tende a tornar-se, dentro de alguns anos, uma coisa banal. Daí o interesse em escolher um sector específico que não envelheça facilmente».

Face a tal exigência, foi criada a Fundação Metz 2000, cujo objectivo é seleccionar, entre as empresas candidatas, aquelas que melhor se integram nos objectivos pretendidos. Constituída por responsáveis da cidade de Metz, da região da Lorena, da Câmara de Comércio, das

As razões do «Senhor Computador»

Autarca e ministro, ganhou uma alcunha que explica o que está a levar a cabo na sua cidade. E é sensacional !

Jean-Marie Rausch é presidente da câmara de Metz há mais de 20 anos. O seu interesse pelas novas tecnologias no domínio da informação valeram-lhe as alcunhas de «Senhor Media da política» e «Senhor Computador». O facto de ter surgido como motor de todos os empreendimentos da cidade neste domínio acabou por valer-lhe o lugar de ministro do Comércio Externo no Governo de Michel Rocard. O cargo que teve o seu preço: a aceitação, por parte de um candidato de centro-direita, do apoio dos socialistas nas últimas autárquicas. No entanto, o grande sonho de Rausch continua a ser transformar Metz na capital da comunicação do século XXI.

Jean-Marie Rausch: o seu sonho é transformar Metz em capital da comunicação do século XXI

«Diário de Lisboa» - Como surgiu a ideia de criar um tecnopólo em Metz?

Jean-Marie Rausch - A ideia nasceu há mais de 15 anos, quando me apercebi que as velhas indústrias do tipo da siderurgia e da extracção de carvão iam perder a sua importância e criar muito desemprego. Interroguei-me então sobre qual seria o sector em ascensão no futuro e percebi que seria o das novas tecnologias adaptadas à comunicação. Há dez anos, comecei a cablar Metz. Ao mesmo tempo, fui fazer um estágio aos Estados Unidos onde, particularmente nas cidades com indústrias siderúrgicas como Pitsburg, estavam a ser criados parques tecnológicos. Foi então que decidi fazer o mesmo em Metz.

«DL»- Quais são os grandes objectivos deste projecto?

JMR - O grande objectivo é criar empresas e centros de investigação, em junção permanente com as universidades e as grandes escolas, de forma a poder desenvolver as indústrias de comunicação.

«DL» - De onde vieram os apoios financeiros para todo este empreendimento?

JMR - O dinheiro para a construção das infraestruturas veio do Governo e da região da Lorena, principalmente de Metz.

«DL» - Quanto é que foi gasto?

JMR - Já se gastaram cerca de 200 milhões de francos.

«DL» - As pessoas da indústria siderúrgica não se opuseram a estas novas actividades?

JMR - Não, pelo contrário. Eles sabiam que era preciso criar outro pólo de desenvolvimento para substituir a indústria siderúrgica em crise. Quase toda a cidade está de acordo com esta iniciativa, salvo os meus adversários políticos.

«DL» - De onde veio a tecnologia inicial?

JMR - Veio de empresas como a Société Télémécanique Élèctrique, a Apple e algumas outras, que se instalaram em Metz para estudarem, cada uma, um sector específico.

«DL» - E as pessoas para trabalhar nestas novas áreas, de onde vieram?

JMR - Claro que não as encontramos todas aqui na cidade, tiveram que vir de fora, mas agora estamos a formar técnicos da comunicação nas novas escolas especializadas.

«DL» - O Tecnopólo conseguiu resolver o problema do desemprego em Metz?

JMR - Ainda não conseguiu resolver, mas tem ajudado. Com a crise da siderurgia, 50 mil pessoas, em vinte anos, perderam os seus empregos. Ora, nos últimos cinco anos resolvemos 10 por cento do problema com a produção de novas tecnologias. Simultâneamente, está-se a proceder a uma reconversão da siderurgia, o que também permite a recuperação de alguns postos de trabalho. No entanto o desemprego ainda atinge, neste momento, 9,3 por cento da população.

«DL» - O projecto está completo?

JMR - Este projecto nunca está completo. Actualmente ele ocupa 40 hectares mas está planeado o seu aumento. Todas as empresas deste sector serão bem-vindas.

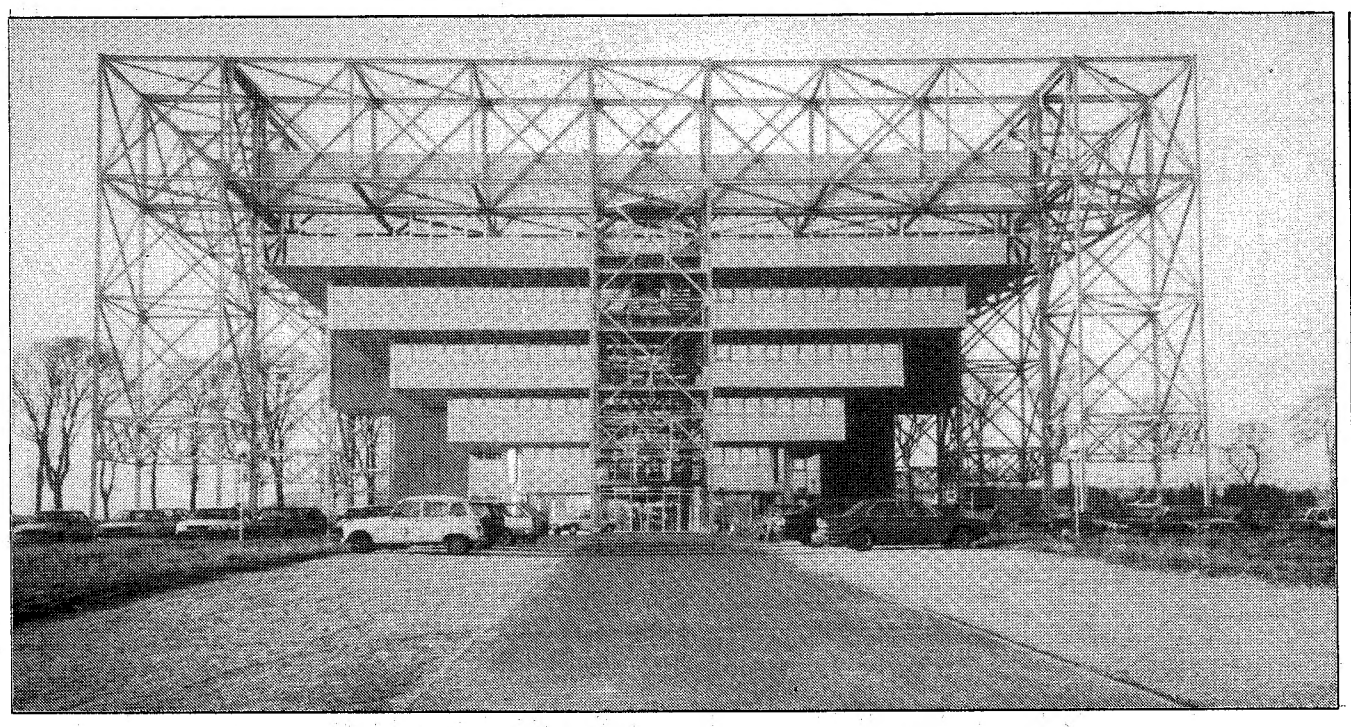
«DL»- As novas indústrias modificaram a vida da cidade?

JMR - Criaram novos empregos e atrairam à cidade novos quadros que ganham mais dinheiro e que o gastam na cidade, criando riqueza. A cidade está mais rica.

«DL» - Qual será, em seu entender, o papel das novas tecnologias da comunicação nos anos 90?

JMR- Representarão um emprego em cada dois. As pessoas estarão cada vez mais bem informadas e se, actualmente, estamos a assistir à perestroika e a todas estas modificações na sociedade, nomeadamente a Leste, tal deve-se à maior informação que as pessoas têm. O grande papel das novas tecnologias será o de informar, cada vez melhor, as pessoas.

D.S.



Centro de Estudo de Sistemas de Comunicação: o ponto nevrálgico do Tecnopólo Metz 2000

universidades, das empresas já instaladas e da France Telecom, esta fundação reune mensalmente não só para apreciar as candidaturas, mas também para analisar a evolução do Tecnopólo.

«Por vezes somos obrigados a recusar candidaturas pois não podemos deixar que as características do empreendimento se desvirtuem», conta Robert Baehrel, acrescentando que quando isso acontece, a Fundação compromete-se em encontrar outro local para a implantação dessas empresas.

A Fundação Metz 2000 dedica-se, ainda, à promoção do Tecnopólo e vende às empresas, por 3.250 escudos o metro quadrado, o terreno necessário para elas se instalarem. A edificação dos imóveis fica geralmente a cargo de uma empresa de construção civil, especialmente criada para o efeito, e que se ocupa igualmente da manutenção dos espaços comuns. Se as empresas quiserem construir o seu próprio edifício podem fazê-lo, desde que obedeçam ao estilo arquitectónico estipulado.

No princípio foram as infraestruturas

A primeira preocupação foi criar as infraestruturas necessárias. A localização do terreno reservado para a instalação do Tecnopólo foi escolhida de forma a ficar a menos de 15 minutos do aeroporto de Metz/Nancy - que deverá ficar pronto este ano - no cruzamento das auto-estradas que ligam Paris à Alemanha Federal e o Norte ao Sul da Europa, muito perto da estação de comboios que em breve contará com o serviço do TGV (Train à Grande Vitesse) e, o que é mais importante, no caminho da auto-estrada de fibra óptica, que ligará toda a Europa e atravessará o Atlântico, cuja conclusão está prevista para daqui a cinco ou dez anos, e que vai estabelecer um contacto directo entre o Velho Continente e a América do Norte.

A situação geográfica privilegiada de Metz - que se encontra bem no centro da Europa Comunitária - constituiu igualmente um factor de peso na instalação do Tecnopólo. «A 300 quilómetros de Metz temos Paris, Bruxelas, Frankfurt e Zurique, o que significa uma comunidade de 100 milhões de habitantes com grande poder de compra. Além disso, a sua situação fronteiriça torna-a também muito atraente para as empresas norte-americanas, que conseguem assim penetrar mais facilmente na Europa do Norte», afirma Robert Baehrel.

Esta vocação internacional já está a ser concretizada com a criação de um conselho interparlamentar que agrupa representantes da França, Alemanha, Luxemburgo e Bélgica, bem como com clubes de exportação de empresas dos três países e acordos privilegiados entre universidades. Ainda dentro do espírito da internacionalização, está a ser estudada a criação do World Trade Center Franco-Alemão de Metz, um centro financeiro que, a partir do ano que vem, irá trabalhar no sentido de incrementar os negócios entre os dois países.

Dina Soares

«Ler» a biblioteca por computador

No meio de certa «desarrumação», 25 municípios franceses interligaram-se informaticamente para melhor gerirem os seus serviços. E a coisa funciona «quase» bem

Como se organiza uma biblioteca municipal, ou um serviço de protecção civil, ou um departamento de relações públicas de uma câmara? Existem duas hipóteses: fazer um projecto partindo dos princípios básicos de planificação de qualquer destes serviços, ou recorrer-se à experiência de outras edilidades. Tradicionalmente, a segunda hipótese tornava-se pouco prática, dado o tempo que demorava a recolher todas essas informações. Face a isso, as câmaras francesas resolveram interligar-se através de uma rede informática. Era o nascimento do Oredic.

A ideia foi suscitada em Maio de 1983 pela Association des Maires des Grandes Villes de France (uma espécie de associação de municípios), que entrou com os primeiros financiamentos e, em meados de 1984, o serviço começou a ser estruturado, entrando em funcionamento ainda nesse ano.

«Até há pouco tempo não existia documentação apropriada às necessidades das câmaras. Só a partir de 1982, com o advento da regionalização, é que começaram as ser estabelecidas as primeiras regras nesta área. O serviço Oredic veio precisamente criar e organizar todas estas informações e pô-las, de forma mais prática, ao serviço das edilidades», explica Joseph Roth, chefe daquele serviço na câmara de Metz.

O Oredic fornece dois tipos de serviços básicos: a troca instantânea de informações e o banco de dados, alimentado através de *dossiers* preparados pelos seus 25 sócios. Assim, embora só as câmaras tenham acesso directo ao Oredic, ele acaba por beneficiar uma população estimada em 2 milhões e 500 mil pessoas.

O acesso é feito mediante o pagamento de uma quota que, no conjunto da taxa fixa e do tempo de utilização, atinge em média os 2.600 contos por ano. Além disso, as câmaras têm ainda que proceder à instalação do seu próprio equipamento que custa cerca de 1.300 contos.

O tipo de informações fornecido pelo Oredic abrange os mais variados sectores, só tendo como limite a imaginação dos seus utentes. Desde a organização financeira, à política municipal, ao recenseamento da população, à cultura, ao direito, aos transportes e à recolha de lixo - para mencionar só alguns exemplos - tudo se pode encontrar no banco de dados do Oredic.

E aqui surge o primeiro problema. «As informações não estão estruturadas em bancos especializados, está tudo misturado, o que torna a consulta muito mais difícil», afirma Joseph Roth. Neste sentido, está actualmente em estudo um projecto no sentido de separar a informação por diversos bancos.

De acordo com o chefe do Oredic em Metz, a «desarrumação» das informações tem ainda outras desvantagens. «Exige um grande domínio do modo de funcionamento do serviço, sob pena de se perder muito tempo na procura de uma informação gastando-se, consequentemente, muito dinheiro», afirma Joseph Roth, referindo ainda o problema de formulação das perguntas: «Quando as questões não são postas de forma muito correcta, acaba por se receber respostas totalmente disparatadas e que não têm nada a ver com o que nós queremos».

Apesar de todos estes problemas, o Oredic é bastante utilizado. De acordo com um inquérito realizado por aquele serviço, 330 dos 340 serviços camarários que estão ligados ao Oredic utilizam regularmente o serviço de troca de mensagens e têm uma opinião favorável das informações recebidas.

Da mesma forma, os objectivos que precederam à sua criação - reciprocidade e rapidez de resposta - têm sido cumpridos. Segundo os dados do inquérito, concluiu-se ainda que as informações recolhidas servem sobretudo como elemento de comparação e para a tomada de decisões.

O único serviço que não tem, ainda, grande aceitação é o banco de dados, pelas razões já apontadas. «As pessoas ainda estão muito habituadas a consultar a documentação tradicional e acabam por trabalhar muito mais depressa com ela. É uma questão de hábito», conclui Joseph Roth.

D.S.

COMENTÁRIO

Incongruências

O pioneirismo, em qualquer dos ramos da actividade humana, costuma ser saudado com a clássica receita: a fanfarra dos aventureiros do progresso e/ou os apupos dos cépticos encartados.

Mas como a sociedade não avança sem riscos, para mal ou para bem, há sempre quem os corra na convicção de que uma achega em contrariar o curso melancólico da história é meio caminho andado para a conquista de um passo em frente.

É o que se tem visto nesta onda moderna de massificação! Com os custos do progresso a pagarem parcamente (para já) as vantagens dos benefícios adquiridos.

Veja-se a moda da comunicação. De uma situação pré-feudal, mais arte que outra coisa, passou-se para um negócio e uma indústria de ponta, tornando comezinha a interacção que há menos de 20 anos era difícil de silabar: *media* e *aldeia global*.

Agora, hipnotizados pelas excelências da *high tech*, os cidadãos do mundo dito desenvolvido fazem um esforço insano para se adaptarem às solicitações do mercado.

De facto, não é impunemente que a investigação científica e a indústria investiram durante anos e anos (milhões e milhões) para atingirem o grau próximo da suficiência na arte de comunicar. O que todos nós conhecemos pelos já vulgaríssimos nomes de fax, telefone celular, videotex, *walkman*, teletexto, computador pessoal, gravador video, disco compacto, etc.

Mas o problema é que a comercialização massiva de tais produtos de vanguarda nem sempre é pacífica. Na prática, assiste-se a uma oferta (ainda que reduzida) muito superior à potencial procura, do tipo levar o carro adiante dos bois. Mas também ninguém pode ignorar que, em apenas três anos, o fax destronou o telex e o gravador video se tornou mais popular que os fornos micro-ondas...

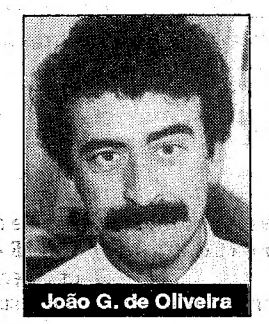
Como paradigma europeu deste estado de coisas temos Metz e Biarritz. A primeira, uma cidade que conseguiu ultrapassar o estigma da desactivação das indústrias do carvão e do aço, reconvertendo-se num parque tecnológico de sucesso, no sector das comunicações, a dar cartas no ano 2000. E a segunda, demonstrando que os investimentos pesados (rede de cabos de fibras ópticas) nem sempre resultam na massificação da comunicação, mesmo em escala experimental, dado que a adesão do potencial consumidor faz-se por outra lógica que não a de mercado.

Provando ser mais fácil o pioneirismo em *brains* do que o equivalente em géneros!

O que não surpreende, se se tiver em conta exemplos como o das cerâmicas supercondutoras, a grande descoberta da década passada (revolução que pariu um rato): é que elas não podem suportar energia eléctrica suficiente para a sua utilização em engenharia, estando condicionadas a aplicações em aeronáutica e motores de automóveis.

Tal como não surpreende a *revitalização* das velhas válvulas térmicas de rádio, há anos destronadas pelo *transistor* e pelos *micro-ships*, que se revelam agora como muito mais duráveis e resistentes a interferências electro-magnéticas, proporcionando uma melhor reprodução do som.

E é por esta ordem de razões que as técnicas de *just-in-time*, há dias abordadas num dos suplementos do «DL» sobre os anos 90, contam mais para a reorganização do sector de serviços (vulgo escritórios) do que a alta-tecnologia.



João G. de Oliveira

Apesar de tudo isto, não há que recear pelo futuro mediático de Biarritz ou pela *europeização* de Metz. Mais do que a transitoriedade da moda, o pioneirismo acaba sempre por se impor às conjunturais incongruências do mercado.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

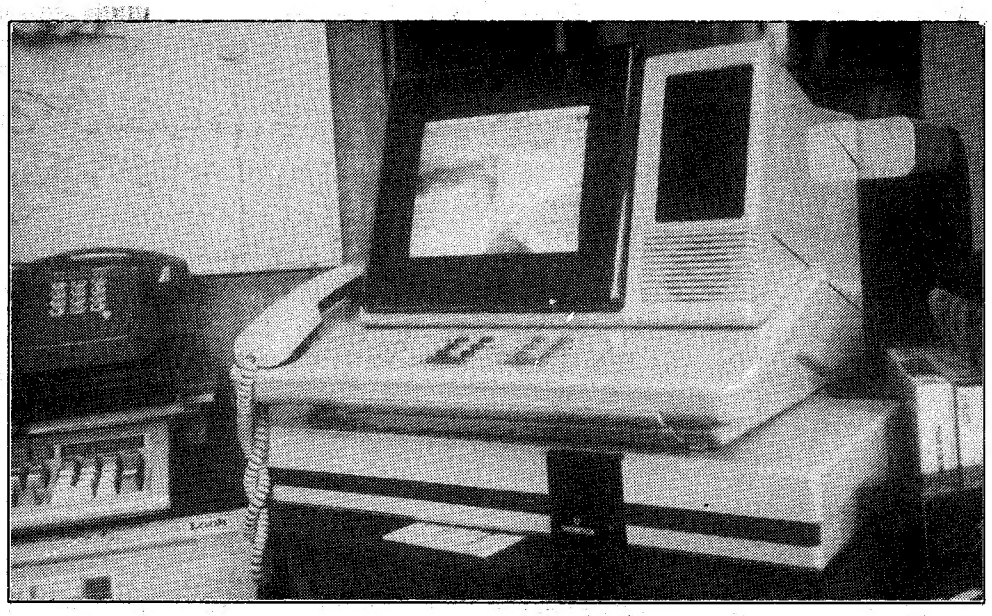
Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

Altos e baixos de um sonho informático

É fácil, é barato, mas a milionária Biarritz ainda não aderiu à generosa oferta do seu município

GRANDE ANGULAR



Vídeofone: um aparelho do século XXI que ainda não agrada muito às pessoas do século XX

Tudo parecia perfeito. O vidro era mais barato que o cobre e o alumínio - que a Europa não produz - e, ainda por cima, os resultados eram muito melhores. Tudo estava testado ao milímetro nos laboratórios. Restava apenas a transposição para a vida real. Este sedutor produto chamava-se fibra óptica e o local escolhido para a grande experiência foi a famosa estância balnear de Biarritz, uma pequena cidade costeira situada perto da fronteira entre a França e a Espanha.

Foi assim que surgiu a operação Biarritz-Fibras Ópticas. Jean-Jacques Théry, um dos responsáveis pelo projecto, conta-nos a história: «A ideia data do início dos anos 70, mas a decisão de a pôr em prática só foi tomada em 1979 pelo então presidente Valery Giscard'Estaing. O começo dos trabalhos, totalmente da responsabilidade da France Telecom, deu-se em 1980».

O motor desta iniciativa foi a necessidade de encontrar um suporte que substituísse o tradicional fio de cobre, que transportasse, a baixos custos mas com grande qualidade e um volume muito baixo, uma grande variedade de informação. «A fibra óptica parecia o condutor ideal mas, na prática, não se muda uma indústria no espaço de poucos anos», afirma Théry.

Foi neste sentido que surgiu a ideia de experimentar a fibra óptica. O objectivo era, não só ver como é que ela funcionava no terreno, mas também constatar a forma como as pessoas se iriam servir dela, qual seria o interesse demonstrado e quais os serviços que poderia fornecer.

Assim, a pequena cidade de Biarritz viu-se, de repente, transportada para o ano 2000. A escolha daquela famosa estância não foi feita ao acaso. «A selecção fez-se por razões técnicas - a rede telefónica de Biarritz estava muito velha, precisava de ser substituída e a recepção de televisão também não era grande coisa - por razões estratégicas - era preciso encontrar uma cidade pequena mas bem conhecida no estrangeiro - e ainda por razões económicas, pois o número de habitantes de Biarritz (cerca de 20 mil) fazia com que a operação não se tornasse excessivamente cara. Apesar de tudo, foram gastos 700 milhões de contos», explica o responsável do projecto.

A sucessão dos acontecimentos foi rápida: em 1980 começaram os estudos, em 81 e 82 os trabalhos de engenharia civil, em 83 a cablagem, e finalmente em 1984 foram feitos os primeiros testes. No mês de Outubro desse mesmo ano começou a exploração comercial do vídeofone e, com um ritmo de assinaturas da ordem dos cem aparelhos por mês, a rede atingiu o seu limite de 1500 utentes em 1986.

O direito de não se mostrar

Biarritz tornou-se, assim, a primeira cidade do mundo totalmente cablada em fibra óptica e com um serviço generalizado de vídeofone. «Como é que os habitantes de Biarritz reagiram ao novo serviço?» - perguntamos. «Cerca de 40 por cento das pessoas qua assinaram o vídeofone raramente utilizam a imagem e não creio que, mesmo daqui a muitos anos, este comportamento sofra grande alteração. Toda a gente gosta de ter o direito de não se mostrar», considera Jean-Jacques Théry, acrescentando que a ideia de que o vídeofone serviria para criar novas relações está completamente errada. «Ninguém faz amigos pelo telefone».

Esta atitude é tanto mais curiosa quanto uma chamada por vídeofone custa o dobro de um telefonema normal. O preço é, aliás, um dos grandes problemas desta experiência. Na opinião do responsável do projecto, este poderá baixar consideravelmente quando começar a produção em massa, mas hoje em dia ainda é muitíssimo caro e, se se fosse cobrar ao utente o custo real, ninguém faria assinaturas.

A operação Biarritz-Fibra Óptica não se limitou, contudo, à instalação de vídeofones em casa das pessoas. Muitos sectores de actividade da cidade aproveitaram este novo aparelho. Os serviços hospitalares foram um dos grandes beneficiários da experiência. «A nível médico, o envio de imagem é muito importante. Os especialistas passaram a ter muito mais facilidade em dar a conhecer ao médico assistente as radiografias, por exemplo. Os diversos sectores de um hospital podem agora trocar entre si imagens de intervenções cirúrgicas e tratamentos, os alunos de medicina assistem às operações, etc.», diz Théry.

Menos sucesso teve a aplicação do vídeofone ao ensino. A ideia foi constituir grupos de professores que ficavam na escola algumas horas por noite, de forma a poderem ajudar os alunos quando estes estavam em casa a estudar. «As relações aluno/professor são, normalmente, difíceis. Os miúdos não gostam de ter contacto directo com o professor e não é um aparelho que vai mudar isso», explica.

Outro sector em que a utilização do vídeofone também não resultou foi o das compras. A venda por vídeofone implica que a loja possua uma câmara a cores para que as pessoas possam ver bem os produtos. No entanto, não há hipóteses de tocar e experimentar, o que torna a compra muito difícil. Neste sector, o único aspecto que teve acolhimento positivo foi o da telepromoção: uma pessoa telefona e, enquanto espera, em vez de ouvir música, vê filmes publicitários.

Os bancos e a polícia recorreram igualmente ao vídeofone para melhorarem os seus serviços. Os primeiros instalaram aparelhos junto das caixas automáticas, o que permitia às pessoas falarem com os empregados do banco sem terem que se dirigir à dependência bancária. A segunda estabeleceu um serviço de ronda pelas casas das pessoas através do vídeofone. No entanto, também esta experiência fracassou.

O fracasso da TV local

No que se refere aos serviços de distribuição, foram feitas duas experiências: uma estação de televisão local e um serviço de televideoteca. A televisão local funcionou durante três anos e meio, entre Janeiro de 1986 e Junho de 1989. Com uma emissão diária de uma hora e meia, a TV Biarritz transmitia apenas programas documentais relacionados com a cidade e região.

Jean-Jacques Théry explica as razões do seu fecho: «Em primeiro lugar, tratava-se apenas de uma experiência, em segundo não é rentável fazer uma televisão para uma comunidade tão pequena».

Já a televideoteca foi um sucesso estrondoso. Por mil escudos mensais e sem sair de casa, qualquer pessoa que possua um vídeofone pode ter acesso a mais de um milhar de filmes. Para tanto, basta telefonar, selecionar o filme, o dia e a hora de exibição pretendidos e pronto. Este serviço começou a funcionar em 1986 e não se espera que acabe nos tempos mais próximos.

Quanto ao futuro da fibra óptica, Théry considera que ainda terá que esperar alguns anos até que o seu uso se vulgarize. «Neste momento está em estudo o Plan Cable que visa, nos próximos cinco anos, cablar 50 cidades, ou seja, cinco milhões de lares. No entanto, só em 10 por cento destas cidades é que será instalada a fibra óptica».

Dina Soares

A cidade na ponta de um botão

É tão fácil! Basta ligar o 3614 e lá se vão as desculpas para deixar de assistir a um espectáculo por não ter tempo de comprar os bilhetes, não praticar desporto por desconhecer os horários dos ginásios ou atrasar-se na declaração de impostos por não saber preencher os formulários. Na verdade, sem sairem de casa, os habitantes da cidade francesa de Metz podem obter todas estas informações e muitas mais. Basta ligar o número e selecionar a informação pretendida no monitor. Mirabel é o nome desta maravilha da telemática que está ao serviço dos meticenses desde finais de 1984, e cujo funcionamento se processa através do Minitel. Mas há mais. O preço deste serviço é apenas de 182 escudos por hora - contra os 1.560 escudos que se pagam por cada hora de utilização do Minitel - e as informações dizem especificamente respeito àquela cidade francesa.

Marie-Claude Margraitte, responsável pela parte editorial do Mirabel, conta-nos a história: «Metz foi uma das cidades escolhidas para experimentar o Minitel. Nessa altura, o presidente da câmara, Jean-Marie Rausch, lembrou-se que se podiam aproveitar aquelas estruturas para criar um serviço para os habitantes da cidade. Constituiram-se dois grupos, um informático e outro editorial, e foi assim que nasceu o Mirabel».

Sendo um serviço público, o Mirabel está longe de ser rentável. No entanto, o seu objectivo - além do prestígio que traz à cidade e ao seu presidente - é fornecer a maior diversidade possível de informações.

Assim, a par dos tradicionais horários de transportes e programas de espectáculos, o Mirabel fornece informações sobre todas as escolas meticenses, serviços da câmara, procedimentos aduaneiros, preços de casas, carros e outros bens de consumo e procedimentos legais, como por exemplo onde se dirigir para tirar uma certidão de casamento ou um bilhete de identidade.

O horóscopo, os jogos, os médicos, hospitais e farmácias de serviço e os jogos têm igualmente lugar neste serviço telemático, onde não faltam sequer um capítulo dedicado especificamente à troca de anedotas. Em face de tal diversidade, o Mirabel tem uma grande procura: mais de 500 pessoas recorrem a ele diariamente, o que dá uma média anual de 182 mil utentes.

O serviço mais original do Mirabel é o Mirabel'Acte, uma biblioteca informatizada especializada em peças de teatro francesas, escritas no século XX e apenas com um acto. Ao contrário dos outros, este serviço abrange toda a França e o Luxemburgo. As pequenas companhias de teatro são as grandes utilizadoras do Mirabel'Acte. Elas descrevem as características a que querem que a peça obedeça, é-lhes enviada uma lista de títulos e, eventualmente, os textos integrais, caso sejam solicitados. Apesar da sua especificidade, este serviço chega a receber 100 chamadas por dia.

A internacionalização constitui, agora, o grande desafio. «O plano é aproveitar a instalação da rede digital - que permite transportar som, imagem e dados a uma grande velocidade - para exportar o Mirabel», explica Marie-Claude Margraitte. O primeiro país a comprar este serviço deverá ser Alemanha Federal, mas outros se deverão seguir dentro de pouco tempo, dada a situação geográfica privilegiada de Metz.

D. S.

RAPAZOLAS SEM IDADE, TODOS CAPACETE E MOTOCICLETA...

Percorria eu a auto-estrada Milão-Génova, em direcção a Milão. Nos últimos quilómetros, a via torna-se mais estreita e termina nuns semáforos. Os automóveis aproximavam-se, aos pares, a cerca de cem quilómetros por hora. Atrás de mim, um motociclista cheio de pressa acendia os máximos. Eu não conseguia dar-lhe passagem, era até arriscado encostar à berma. Um pouco antes dos semáforos, ultrapassou-me que nem um relâmpago e, largando a motocicleta no meio da estrada, pôs-se a praguejar, batendo com os punhos no tejadilho do meu automóvel. Mas logo que o verde se acendeu saltou para cima da motorizada e, ziguezagueando, lançou-se a uma velocidade louca pelas ruas da cidade.

De todas as categorias de utentes da estrada são os motociclistas aqueles que menos bem suportam ter de permanecer atrás de alguém, obrigados a esperar. Querem ultrapassar a todo o custo. É certo que também existem automobilistas que se colam atrás do nosso carro, nos atiram com os máximos e, mal nos ultrapassam, nos presenteiam com gestos obscenos agora que os limites de velocidade, na prática, já não são respeitados, aumenta o número destes impacientes. No entanto, a maior parte dos automobilistas mostra-se mais calma. Os motociclistas, esses, são impacientes por definição _ talvez porque muitos deles são jovens, talvez porque compram uma motorizada já com o fito de poderem ultrapassar tudo e todos, por gosto do risco e atracção pelo proibido.

Todavia, existe ainda outro motivo. De há uns anos a esta parte, os motociclistas gozam de maiores simpatias. O automóvel é o símbolo mais curel da sociedade de consumo. Uma caixa fechada, de metal, impenetrável como um tanque, dentro da qual cada um se isola no seu egoísmo, com a qual se desloca sem que haja uma verdaeira relação com a natureza. Os motociclistas, pelo contrário, vão ao ar livre, em contacto com o vento e com a terra. E até confraternizam entre si, constituindo uma espécie de comunidade. Numa época como esta, de anseios ecológicos em que cada vez mais se deseja uma vida simples e natural, a caravana, o barco, a motocicleta, tornaram-se objectos simbólicos de sinal positivo. Como se não poluíssem, como se pudessem garantir a fuga ao mundo industrial.

Sobretudo a motocicleta. Que tem duas rodas como a bicicleta. Porque, no plano simbólico, é aparentada com a bicicleta, o meio de transporte mais típico da juventude, mais inócuo, menos poluidor que existe.

À medida que os automóveis vão sendo expulsos dos centros históricos, o território vê-se reconquistado pelos peões e pelas bicicletas que enxameiam todas as direcções, subvertendo a sinalização destinada aos veículos de quatro rodas. Naturalmente que permanecem ainda os sentidos únicos, os semáforos, os estacionamentos proibidos, mas, por um acordo tácito, ninguém pensa aplicá-los às bicicletas. E estas, alegremente, vão fazendo um pouco o que querem. Às vezes, até se tornam um perigo quando desembocam em estradas onde passam transportes colectivos e, sobretudo, táxis. Mas a opinião pública _ espírito dos tempos _ está com elas. E deste modo são inúteis os protestos dos taxistas.

Francesco Alberoni

O motociclista aproveita-se desta situação, do seu parentesco ecológico com o ciclista, e desfruta de imunidade. Assim, pouco a pouco, acaba por se convencer que usufrui dos mesmos direitos. Que não causa poluição, que não é perigoso. E comporta-se como um rapazola implicativo, mesmo se tem quarenta anos e um motor... com mil de cilindrada. Percorre a cidade a mais de cem à hora, não respeita os sentidos proibidos, ziguezagueia entre os automóveis sem um mínimo de cuidado, faz inversões de marcha diante dos taxistas horrorizados e, depois, até zomba deles. Porque se sente ecológico, todo natureza, todo ele na vanguarda da sua época. Porque se sente considerado, compreendido, amimado e, sabe, porque não, que pode meter medo e até mesmo bater.

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo DL/Corriere della Sera

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Marcello Duarte Mathias

«Je me suis détesté, je me suis adoré; - puis, nous avons vieilli emsemble»
Paul Valéry

Haverá melhor auto-retrato do que aquilo que se vai publicando, bom ou mau, muito ou pouco, já que escrever é sempre uma forma imprudente de identificação e autobiografia?

A meio caminho entre a autocompaixão e o falso anonimato, o exame de consciência e o itinerário íntimo, a verdade do que somos e a nossa realidade social, onde fica o auto-retrato? Quem assina o autógrafo? Por entre a rima e a solução, quem retrata quem? Na duplicidade deste jogo de sombras, quem se destaca? Em último caso, evocação ou certidão de óbito? *Puzzle* ou caleidoscópio? Quantos perfis, afinal, num rosto?

De todo o modo, e já que a matéria é aqui literária, faço minhas as palavras célebres do Conde de Sabugosa: «Adoro a simplicidade no dizer e a naturalidade no discurso. Os melhores autores são sempre, para mim, em qualquer língua, os que escrevem com mais clareza» - receita, por sinal, pouco estimada em Portugal onde só beneficia de foros de cidadania quem escreve complicado. Livros publicados? Um ensaio, lançado no Brasil em 1975, sobre Albert Camus - escrever sobre os outros não é a melhor forma de deles nos libertarmos? Porquê Camus? Porque se cada um é ele próprio e a sua circunstância, então o autor da *Queda* foi a circunstância de muita gente, para não dizer de toda uma geração. Porque juntava ao talento o gosto do combate, a paixão à generosidade, a probidade intelectual à ética na acção. (Lech Walesa é hoje a melhor personagem da sua obra.) Porque foi dos raríssimos intelectuais a não se deixar contaminar pelas perversidades ideológicas ao gosto do seu tempo e dos seus contemporâneos (onde isso já vai...!) brincadeira que lhe custou caro, a exemplo de todos aqueles que se recusam a emparelhar com a cobardia da matula.

Marcello Duarte Mathias

Quanto ao mais, tem o autor destas linhas vindo a publicar de tempos a tempos - a humildade é também uma forma de lucidez - umas coisas breves e artesanais entre o roteiro íntimo e a fantasia narrativa, ciente, aliás, que a fronteira entre os géneros literários é tão ténue e artificial como aquela que separa afinal a própria vida da ficção que a pretende imitar. Assim: um diário (para assinalar ou reter o tempo?) quase póstumo de tão antigo!; meia dúzia de pequenos textos inspirados no quadro dum pintor belga simbolista; notas e fragmentos sobre o percurso da saudade (a quem pertence a nossa memória?) ou o suicídio (refúgio contra a morte?) - conjunto aparentemente solto mas cujo relacionamento, sentido ou razão de ser, se acaso existem se deve porventura procurar na necessidade de preencher, e quiçá melhor entender, o vazio ou a fissura que precisamente leva alguns ao acto de escrever. Porque escrever é procurar coincidir connosco.

Posto isto, e mau grado nada ter publicado daquilo que gostaria de saber dizer, considera (cada um com as suas esquizofrenias!) que o melhor livro publicado em Portugal, em 1988, - pelo tom, autenticidade, economia de meios, conteúdo, amor das palavras, visão da vida e vida acumulada, etc., - foi o seu *Lembrar de Raízes*, vaidade inocente que não amesquinha ninguém e o consola da mesquinhez alheia.

Talvez convenha ainda, aqui, lembrar, a modos de balanço final, que nascido em 1938 - ano famoso, hélàs, por outras razões - já fez o nosso autor 50 anos, o que lhe dá, a certas horas, um sentimento de claustrofobia que nunca d'antes havia experimentado, aflição que receia se venha a agravar de dia para dia, despropositadamente. Que mais dizer? Que é igual a toda a gente e, como toda a gente, julga-se diferente. Que crê na boa ou má fortuna do acaso que, em última instância, para lá das malhas que nos prendem, é quem nos faz, conduz e desgoverna. Que da sorte que lhe coube não se queixa embora tenha saudades do que não viveu, e de muitas outras coisas assim. Que gostaria de ter tido várias vidas para morrer de mortes diferentes. Que atravessou durante séculos uma adolescência dourada da qual nunca verdadeiramente se emancipou e de que, aliás, jamais se libertará

. Que alheio a mitos e mentores e a igual distância de Deus e do Diabo acredita, contudo, mais na realidade do invisível do que na evidência do resto. Que se comove com palavras e não com estatísticas. Que prefere as aventuras pessoais aos sonhos colectivos e o regresso a todas as partidas, embora saiba que nunca se regressa a nada e a ninguém. Que preza a amizade mas não prescinde de andar sozinho certo que, para lá de tudo, não há liberdade que chegue para a liberdade de a descobrir, já que as grandes peregrinações são sempre individuais.

FORUM

O CASTELO DA GRAÇA

Nos tempos que correm, a realidade é mais rápida do que a imaginação: Vaclav Havel é Presidente da República checoslovaca. O antigo dissidente passou a ser o responsável pelo desmantelamento do regime totalitário e pela restauração da democracia e da liberdade na Checoslováquia.

Por um apropriado absurdo, Havel foi devidamente eleito, por sua vontade e por exigência do Forum Cívico, por um parlamento quase inteiramente preenchido pelos sátrapas comunistas, instalados por Brejnev, há vinte anos, depois da invasão da Checoslováquia pelas tropas dos seus aliados do Pacto de Varsóvia. O modo de investidura em nada o diminui: para o parafrasear, é evidente que um indivíduo, aparentemente sem Poder, que se atreve a gritar a palavra da verdade, tem, surpreendentemente, mais Poder do que o dos votos de umas dúzias de deputados anónimos. É esse o estado do Partido Comunista, depois do seu fracasso – não pode exercer o Poder que formalmente detém, não tem nome e não tem futuro. Por uma questão de boas maneiras, o Presidente designado quis ainda que fosse Alexandre Dubcek a dar-lhe a posse do cargo, para o que o dirigente comunista da Primavera de Praga foi prontamente tornado membro e eleito presidente do Parlamento. Mais do que simbolizar, entre os dois, a unidade republicana entre os checos e os eslovacos, Havel sublinhou por este meio, seguindo as palavras de Milan Kundera, que a luta do homem contra o Poder é a luta da memória contra o esquecimento.

O paradoxo da situação está, naturalmente, no facto de Vaclav Havel ir ocupar o castelo de Praga, símbolo entre todos do Poder inacessível. Ao contrário de K., que não sabia sequer o que fazer para lá entrar, este moderno anti-herói - um herói céptico - não só conseguiu abrir as portas do castelo, como as tem de manter assim, para marcar o fim de quase cinquenta anos de ininterrupta tirania. Ao contrário da Polónia ou da Hungria, a Checoslováquia tem um passado de liberdade ao qual pode regressar e, nesse sentido, Havel é o sucessor de Tomás Masaryk, o filósofo fundador da República e primeiro Presidente da mais exemplar das democracias entre as duas guerras, cuja divisa, hasteada sobre as muralhas do Hradcany, era «A verdade prevalecerá».

Esta tradição é uma das condições que fazem com que a Checoslováquia se tenha tornado no caso em que a transição pós-comunista para um regime liberal se pode tornar uma realidade, apesar das enormes dificuldades.

Outra das condições é o próprio Havel, que não só se formou na mais exigente das escolas políticas liberais, na resistência contra o despotismo, como tem revelado – para surpresa dos técnicos ocidentais do Poder – um decisor com qualidades invulgares. Mostrou-o bem, quando, à frente de sucessivas manifestações de massas, criou, em três semanas, um quadro controlado de viragem do regime, sem violência e com um período mínimo de instabilidade. A essa prova acrescentou outra, ao recusar uma expedita eleição como Presidente da República por sufrágio universal e ao exigir na sua vez a marcação de eleições livres para o Parlamento, revelando uma visão clara sobre o modo mais seguro de percorrer o caminho desconhecido da passagem de um regime comunista para um regime de democracia pluralista. Pôde, uma vez mais, demonstrar a sua capacidade de orientação, quando encontrou as palavras para unir a comunidade checoslovaca no processo de destotalitarização, eco das do antigo dissidente: as pessoas vivem dentro de uma mentira, que não têm de aceitar, bastando que aceitem viver nela e, assim, confirmam o sistema, preenchem o sistema, fazem o sistema, *são* o sistema. O regime totalitário não era apenas uma epidemia asiática, e a condição primeira da reconstituição da comunidade política checoslovaca é que cada um recupere a sua consciência cívica, reconhecendo a sua parte de responsabilidade pela existência do antigo regime.

A ética da responsabilidade expressa pela severidade destas palavras é a melhor arma de Havel, que a emprega com uma radical intransigência. O seu primeiro gesto como Presidente foi reconhecer que eram devidas desculpas à minoria alemã dos Sudetas, expulsa no fim da guerra, mesmo antes de estar instalado um Poder completamente comunist a. Para Havel, todos os pecados totalitários devem ser desvendados e erradicados, sem excepção, mesmo os que perturbam a boa consciência nacional, satisfeita por ter tido a última palavra contra a minoria que esteve na origem da decomposição da República.

Carlos Gaspar

Este é, sem dúvida, um caminho arriscado. É, porém, o único que pode prevalecer sobre a mentira e restituir às palavras concretas o seu significado concreto. A sociedade checoslovaca foi submetida em nome da sua libertação, a opressão comunista exerceu-se sempre em nome da democracia. Livres da sua falsificação, a liberdade e a democracia recuperarão o seu sentido e o seu valor e, a partir desse momento, a sua realização será mais provável.

É adequado que esses valores se instalem no Castelo de Kafka, uma vez que este representa a Graça da divina prudência. Se Havel a conseguir secularizar, o renascimento da democracia na Checoslováquia poderá tornar-se o exemplo que falta aos outros países da Europa Central e Oriental e, por que não, também para os países da Europa Ocidental: a natureza da democracia pluralista é mal servida pela sua instrumentalização técnica e funcional, a rotinização cinzenta pouco compatível com o lado inquieto da liberdade.

CARTAS NA MESA

O seguro morreu de injusto

Esta carta representa tão só um desabafo lamentoso, cujo destino, já sei, será o cesto dos papéis.

Trata-se do seguro automóvel. Cada vez há mais acidentes e consequentes prejuízos para as companhias seguradoras. Por isso, elas carecem de maiores receitas de prémios do seguro automóvel. Está certo. Mas será aumentando os prémios de todos os segurados em geral? Acho que não! Aqueles, como eu, que há muitos anos têm sofrido sucessivos aumentos,sem nunca terem recebido um tostão, por nunca ter sofrido um acidente, deverão pagar aumentos iguais aos outros?

Parece-me que seria mais justo e democrático que so aumentos dos bons automobilistas fossem mais suaves. Tal contribuíria para a resolução do problema, para a diminuição do número de acidentes e consequentemente para o do montante das indemnizações. Deixar-se-ia de ouvir dizer: "bateu, não faz mal, a companhia é que paga!."

Os acidentes resultam, na maioria dos casos, de excessos de velocidade, de consumo de álcool, de imprevidência e de manobras perigosas. Os autores de tais irregularidades é que deviam ser penalizados.

João de Deus Pinheiro,
leitor da Amadora

Aurélio Nunes Monteiro -Os termos difamatórios, susceptíveis de processamento judicial, em que a sua carta está escrita, impede-nos a sua publicação. Não está em causa a sua opinião sobre Savimbi, sobre os apoios de que dispõe em Portugal, o facto de considerar que tais apoios constituem uma forma de "conspiração permanente contra Angola". Está em causa que estas colunas estão abertas a todo o tipo de opinião, mas não ao simples insulto.

Américo Joaquim Marcelino -O seu tipo de artigo está fora do âmbito desta secção. A divulgação científica tem o seu lugar próprio e os colaboradores escolhidos pela Direcção do jornal.

Abaixo os cinemas! Viva os centros comerciais!

Abaixo os cinemas! Viva os centros comerciais! Juro que não é por mal que digo isto. Nem sequer serve como consolação ao eng. Nuno Abecasis pelos louváveis louvores tão louvávelmente distribuídos no seu, quiçá, ultimo acto de gestão da C.M.L..

Mas razão, razões lhe sejam dadas; para quê há-de estar uma pessoa a preocupar-se, durante a sua (dele) governação camarária, com desenvolvimento de espaços culturais, artísticos ou sociais, preservação de espaços verdes, tátátátá, se tudo, mais cedo ou mais tarde, se dissolve dramática e irónicamente como os célebres santos de pau carunchoso.

Espaços de Belém, Eduardos VIIs, Martim Monizes, outros e tantos outros conservados à custa de quê, se só na memória de alguns existem?

Neste dia 3 de Janeiro de 1990, ao passar os olhos pela página que dá pelo nome de Cartaz quis, saturado de videos e TVcinema, ver um daqueles ecrans que, por ora, ainda se chamam, de cinemas.

Dar-me-ão razão seguramente se, ao ler duas páginas completas dedicadas à 7ª Arte, pensar com os meus botões que o melhor, o melhor ainda é, um passeio por um amplo Centro Comercial, recheado de lojas e lojecas, de vídeos de preferência, que nada vendem mas tudo prometem, valha-nos isso!

Pronto, chega de cinefilices. Passo aos factos que me levaram, enquanto me delicio com um Pato Donald de ocasião, com as ofertas anti-abecassianas que as págs. 32 e 33 nos oferecem, a nós consumidores de sofás, para ir ao cinema ou voltar a ler o Livro da Poupança.

Das cerca das 70 salas de cinema a que o jornal de V.Exª. faz referência, apraz-me registar que as opções, embora não difíceis, são de todo um quebra-cabeças, como segue:
"Regresso ao Futuro-Parte II" -
em 11 salas
"Caça Fantasmas"-Parte II -
em 13 salas
"Os Deuses Devem Estar Loucos" -
10 salas
"Abismo"- 7 salas
"Sexo,Mentira e Vídeo"- 4 salas
"Batman"- 3 salas

E com isto tudo ficam ocupadas 48 salas. Vi que ainda dispunha do orgulhosamente só "Recordações da Casa Amarela", por assim dizer quase na faixa de projecção do "Se não é bom nem comercial, não veja ou passe ao sem ver".

Razão tem o outro que passa a vida a dizer que temos o que merecemos!

Paulo Ferreira Borges,
leitor da Amadora

Professores em bolandas

Professora do Ensino Básico há 25 anos, a prestar serviço efectivo na escola nº 175 dos Olivais, vi o meu lugar suspenso no ano de 1988, ao abrigo do dec. lei 35/88, e fui colocada em destacamento anual e provisório na escola nº 36.

Segundo aquele decreto -lei, encontro-me agorra na gravosa situação de poder a vir a ser colocada compulsivamente numa escola até 30 quilómetros de distância daquela de que sou titular. Porquê?

Será que sou punida por ter daddo o meu melhor, durante 25 anos de professorado? Será que na minha profissão a antiguidade deixou de ser considerada?

Apelo para a revisão urgente do decreto-lei 35/88, que está a penalizar centenas de professores.

Constança de Reis Rodrigues,
leitora de Sacavém

POLÍTICA

Portugal convida Israel a cooperar com África

Deus Pinheiro lança «sugestão de reflexão» para a paz no Médio Oriente

Portugal e Israel vão estudar a possibilidade de empreenderem acções de cooperação tri-partida com os países africanos de expressão oficial portuguesa - este um dos mais importantes resultados dos encontros de trabalho ontem mantidos pelo ministro dos Negócios Estrangeiros com o seu homólogo israelita.

Não passando de uma sugestão, o facto de ser debatida entre os dois governantes é por si só significativa. Israel não tem relações diplomáticas com as antigas colónias portuguesas, cujos estados nem sequer reconhece.

A única excepção é Cabo Verde. Avanços nesta matéria poderão ser conhecidos quando Deus Pinheiro efectuar por sua vez uma visita oficial a Israel, para a qual foi convidado por Moshe Arens.

Um encontro, uma conferência de Imprensa conjunta e um jantar com Deus Pinheiro preencheram o primeiro dia da deslocação de Arens ao nosso País, a primeira de um chefe de diplomacia israelita desde o estalecimento de relações diplomáticas, em 1977.

O aprofundamento dos laços bilaterais esteve, naturalmente, entre os temas debatidos.

Portugal deverá finalmente abrir ainda este ano uma embaixada em Tel-Aviv. Actualmente, é o nosso embaixador em Roma quem está acreditado junto do Governo israelita, enquanto aquele País dispõe de representação diplomática em Lisboa há quase 13 anos.

Moshe Arens discutiu com Deus Pinheiro a abertura da Embaixada em Telavive

Os dois ministro anunciaram a constituição, em breve de uma comissão mista para analisar as vertentes económica, comercial e cultural das relações Portugal-Israel. Neste âmbito, subsiste a hipótese de intercâmbio entre instituições das áreas da ciência e educação.

Pinheiro defende paz no Mediterrâneo

Durante o jantar ontem realizado, Deus Pinheiro exortou Arens a patrocinar uma iniciativa de paz para a região mediterrânica, aproveitando a «dinâmica» gerada na Europa.

O ministro dos Negócios Estrangeiros aludiu ao «paciente esforço de criação de laços de cooperação e segurança que teve lugar na Europa desde Helsínquia», lançando «mais do que uma proposta de acção, uma sugestão de reflexão».

Pinheiro reafirmou a intenção portuguesa de apoiar a posição tomada relativamente ao conflito do Médio Oriente no quadro da Comunidade Europeia - convocação de uma conferência internacional para a paz e reconhecimento do direito à existência não apenas do estado de Israel, mas também do palestiniano.

Arens já no encontro com os jornalistas, à tarde, reafirmara a posição do seu Governo, que não aceita a participação da OLP nas conversações. Na ocasião, o titular israelita dos Estrangeiros criticou a proposta apresentada no Senado dos Estados Unidos por Robert Dole, líder republicano, no sentido da redução da ajuda externa americana a diversos países, entre os quais Israel. Na sua óptica, tal medida prejudicaria os esforços de paz no Médio Oriente.

O ministro, que passou esta manhã pela Assembleia da República, está reunido com Mário Soares, à hora a que fechamos esta edição. À tarde, encontra-se com Cavaco Silva e Vitor Crespo, presidente da AR, visita o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e participa numa recepção à Comunidade Judaica no nosso País. Antes de partir para uma deslocação oficial a Espanha, Moshe Arens vai, amanhã, a Tomar.

Carreira participa do comandante da «PI»

O coordenador da Associação Sindical dos Profissionais da PSP «vai responsabilizar» o comandante do Corpo de Intervenção (CI) por este o ter impedido de almoçar , na passada terça-feira, com colegas deste sector da polícia no quartel desta força - disse ao DL fonte próxima daquele sindicalista. O tenente-coronel Governo Maia confirmou-nos ter mandado expulsar José Manuel Carreira do aquartelamento do Corpo de Intervenção, à Ajuda, na sua qualidade de comandante. «A boda ou baptizado não vás sem ser convidado», justificou-se.

José Manuel Carreira teria sido convidado por alguns membros do Corpo de Intervenção, a outrorta chamada «polícia de choque», para um almoço no quartel da Ajuda. Estava já sentado quando foi ordenada a sua retirada da mesa. Foi-lhe ainda comunicado que abandonasse as instalações. Governo Maia reafirmou a decisão tomada, considerando que o coordenador nacional da ASP da PSP não era «pessoa querida» do Corpo de Intervenção. O acesso de amigos, civis ou militares, de polícias do Corpo de Intervenção ao quartel, a convite destes, costuma ser feito sem restrições. Não foi, contudo, o que agora sucedeu com José Manuel Carreira.

O coordenador nacional da Associação Sindical dos Profissionais da PSP (ASP/PSP) vai participar o acontecimento à hierarquia, de modo a que idêntica cena não se repita quando, eventualmente, voltar ao quartel da Ajuda para almoçar com «amigos do Corpo de Intervenção que estão com a nossa luta sindical», afirmou

Abecasis queima os últimos cartuchos

O presidente cessante da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Abecasis entrega amanhã 116 fogos de habitação social. Esta iniciativa insere-se no programa de cerimónias dos últimos dias de mandato. Tudo indica que Jorge Sampaio ficará com pouca coisa para inaugurar no começo do seu trabalho.

De facto, no decurso de um périplo por diversos locais da cidade Krus Abecasis visitará habitações ainda em construção destinadas a familias residentes em bairros de lata e casas degradadas.

Numa manhã Nuno Abecasis entregará casas no Bairro das Furnas, no Bairro da Boavista , no Bairro do Padre Cruz, e em Chelas. É caso para dizer que o edil aproveita tudo até ao último minuto.

Entretanto, Jorge Sampaio, secretário-geral do PS suspende hoje o cargo de deputado na Assembleia da República, para ocupar na segunda-feira, a presidência do município lisboeta. Na passagem do testemunho estará presente o presidente da Assembleia Municipal, Correia Afonso, e obviamente, o autarca cessante Nuno Abecasis. Apesar de ter protagonizado uma gestão controversa, Abecasis conta ainda com apoiantes dedicados que hoje mesmo lhe prestam homenagem num jantar de «reconhecimento pelo trabalho desenvolvido nos últimos dez anos».

O jantar, que decorre nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, é promovido por uma comissão que integra pessoas ligadas às colectividades de cultura e recreio da capital, membros da vereação cessante, quadros da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, EPUL, e funcionários da Câmara.

Soares defende justiça mais rápida

A actuação dos tribunais deve acompanhar o ritmo de modernização

O Presidente da República defendeu a criação de uma Justiça rápida, ao discursar no Supremo Tribunal, na sessão solene que assinalou a abertura do ano judicial.

«A celeridade de uma Justiça atempada constitui uma preocupação que tem de estar sempre presente e que não pode deixar de nos preocupar», considerou Mário Soares acrescentando que «a modernização e o acelerado desenvolvimento do país em que estamos tão empenhados na perspectiva de 1993, passam, de uma forma muito nítida, pela criação das melhores condições para uma prestigiada, rápida e justa actuação dos tribunais».

O Presidente considerou que «o Estado deve preocupar-se em se afirmar como pessoa de bem, reconhecendo aos cidadãos os direitos que lhes permitam fazer prevalecer os seus interesses leigitimos».

«A Filosofia do Direito, a Ciência Jurídica e a Sociologia têm de se complementar através do diálogo pluridisciplinar entre os diversos saberes», sublinhou o Chefe de Estado que acentuou o facto de actualmente a conflitualidade social provocar a procura de respostas que um «Direiro escrito e imutável» já não consegue dar.

A lentidão da Justiça

Na ocasião o Procurador-Geral da República, Cunha Rodrigues preconizou a realização de uma investigação multidisciplinar sobre a lentidão da justiça portuguesa, onde existe «um considerável número de processos com atrasos insustentáveis».

Aquele responsável defendeu ainda uma maior colaboração das diversas polícias com os tribunais e o Ministério Público.

O Procurador Geral congratulou-se igualmente com as melhorias em curso na situação dos tribunais, salientando que o plano para o triénio 1988/90 prevê a conclusão de 35 edifícios para tribunais, o início da construção de mais 47 e a ultimação de 52 novos projectos.

O esforço do Ministério da Justiça e do Governo na melhoria do equipamento judicial foi também salientado na sessão pelo presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Vitor Coelho, o qual recordou que no final do ano transacto, existiam em Portugal 1196 juízes, 168 dos quais, mulheres

SITESE - SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO, COMÉRCIO, SERVIÇOS E NOVAS TECNOLOGIAS

IV CONGRESSO
20 e 21 de Janeiro de 1990
VOZ DO OPERÁRIO

Convidam-se todos os associados, que queiram assistir aos trabalhos do IV Congresso do SITESE, para comparecerem na Voz do Operário, em Lisboa, pelas 10 horas do dia 20 de Janeiro.

O encerramento dos trabalhos do IV Congresso do SITESE terá lugar durante a tarde de domingo, dia 21, com início às 15 horas.

A DIRECÇÃO

POLÍTICA

Segundo Gonçalves Pereira

Alta Autoridade não substitui Conselho de Imprensa

«As competências político-administrativas da Alta Autoridade para a Comunicação Social não cobrem as funções éticas e deontológicas actualmente desempenhadas pelo Conselho de Imprensa», declarou o juiz Gonçalves Pereira à saida de uma audiência com a Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias.

A declaração do presidente do Conselho de Imprensa refere-se à próxima discussão na Assembleia da República da lei que regulamenta as atribuições, competências e composição da Alta Autoridade e vai no sentido das reservas ontem igualmente expressas pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas, quando foi recebido pela Comissão Parlamentar.

O presidente do Sindicato, João Mesquita, além de manifestar as mesmas reservas quanto à extinção do Conselho de Imprensa (prevista na proposta de lei do Governo, mas não contemplada pelos projectos do PS, do PCP e da ID, também já apresentados para debate no próximo dia 23), disse que «qualquer bom projecto para a Alta Autoridade tem de prever a representatividade dos jornalistas».

Salvaguardar as competências dos Conselhos de Redacção

O Sindicato defende, ainda, que a nova legislação deve salvaguardar os actuais poderes dos Conselhos de Redacção.

A ida do juiz Gonçalves Pereira a S. Bento coincidiu no tempo com a apresentação do quarto projecto sobre matéria da Alta Autoridade. São seus autores os membros do Grupo Parlamentar do PCP e, tal como os outros dois projectos subscritos pela Oposição, não prevê a extinção do Conselho de Imprensa.

Uma das tarefas reservadas pela Constituição ao legislador ordinário é definir o critério de escolha de quatro elementos em treze para completar a composição da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

O projecto comunista propõe dois representantes do Sindicato dos Jornalistas, dois profissionais da rádio e da televisão, designados pelos sindicatos representativos destes sectores, e um membro designado pela Sociedade Portuguesa de Autores.

O Presidente do Conselho de Imprensa sublinhou, entretanto, que o seu pedido de audiência à Comissão Parlamentar não visa contestar nenhuma das iniciativas legislativas neste domínio, mas apenas «manifestar as preocupações do CI, um orgão independente, face à sua possível extinção».

Rosado Correia propõe apoio ao património

Portugal assinou convenções europeias mas nunca lhes deu base legal

O deputado socialista Rosado Correia apresentou ao Parlamento duas propostas de resolução no sentido de serem ratificadas as convenções europeias sobre património arqueológico e património arquitectónico que, não obstante terem sido assinadas pelo Governo português, não completaram até hoje o seu processo de adopção na ordem jurídica interna.

A convenção para a protecção do património arqueológico já data de 6 de Maio de 1969. Portugal só aderiu ao Conselho da Europa, instituição promotora da convenção, no pós-25 de Abril, mas desde 1976 já houve tempo mais que suficiente para a ratificar.

O antigo ministro insiste agora na recomendação da Assembleia ao Governo para «promover com urgência as diligências necessárias com vista à aprovação para ratificação», dado ser necessário actuar, em convergência com as instituições internacionais, para evitar a destruição sistemática do património arqueológico nacional.

Esta urgência invocada por Rosado Correia tem a ver com a proliferação das escavações arqueológicas clandestinas e também para vincar a necessiade de controle dessas escavações por peritos e institutos de carácter científico, tal como se prevê na convenção.

Rosado Correia: «Portugal é reconhecido como o País da Europa onde mais facilmente se produzem atentados contra o património arquitectónico»

Já quanto à convenção para a salvaguarda do património arquitetócnico o atraso na ratificação ainda é mais chocante pois tal convenção resultou de uma reunião dos Estados-membros do Conselho da Europa, realizada em Portugal, e foi assinada em Lisboa a 3 de Outubro de 1985.

Assinou o documento, em nome de Portugal, o então Presidente do IPPC, João Palma-Ferreira que já morreu, entretanto, sem ver a participação portuguesa devidamente completada e legalizada. Depois disso até já se realizou em Guimarães um Encontro Nacional sobre Centros Hsitóricos, mas quanto à ratificação nem mais um passo foi dado.

Logo, sublinha o deputado socialista na sua proposta de resolução apresentada à Assembleia da República, é mais que tempo de Portugal ratificar a convenção a que se vinculou e fazer dessa ratificação um instrumento activo de defesa e conservação do património arqueológico e arquitectónico nacional.

Homenagem a um dissidente

Jornalistas parlamentares, funcionários da Assembleia da República e pessoal de apoio aos gabinetes de diversas bancadas homenagearam ontem João Labescat, que recentemente foi saneado pela direcção do Partido Comunista do cargo de chefe de gabinete do seu grupo parlamentar.

Labescat foi um dos subscritores do manifesto constitutivo do INES (Instituto de Estudos Sociais) e isso valeu-lhe, de imediato, a demissão com a alegação de perda de confiança política pelas direcções do Grupo Parlamentar e do próprio Partido Comunista. Mantém, no entanto, segundo garantiu Carlos Brito aos jornalistas, o lugar de respresentante do PCP na Comissão Nacional de Eleições.

No almoço de despedida, realizado num restaurante das imediações da Assembleia da República, participaram, para além dos promotores da homenagem, deputados e ex-deputados comunistas, como José Magalhães, Jorge Lemos e Rogério Moreira, eles também subscritores do INES, mas ninguém da direcção do Grupo do PCP no Parlamento.

Foi sublinhada pelos circunstantes o excelente trabalho de João Labescat nas funções que desempenhou em S. Bento e o relacionamento privilegiado que durante esse tempo manteve com os jornalistas e os funcionários da Assembleia e dos partidos nela representados, independentemente das posições profissionais e políticas divergentes e concorrenciais de cada um, na casa parlamentar.

PCP propõe novo regime de seguro agrícola

A Assembleia da República debate na generalidade, esta tarde, um projecto de lei do PCP visando instituir um novo regime do seguro agrícola.

De acordo com a iniciativa do grupo parlamentar comunista, este seguro passará a cobrir as culturas agrícolas, produtos florestais, pecuária, fenos, palhas e pastagens, máquinas, alfaias e equipamentos agrícolas e estruturas de exploração.

Quantro à sua aplicação, o projecto poderá ser simples, quando integrar apenas uma das modalidades, ou combinado - sempre que abranja mais de uma.

O deputado Rogério de Brito salientou, na sua apresentação, que a iniciativa tem por objectivo «a constituição de um seguro agrícola amplo na cobertura, e eficiente na definição de riscos, sem agravamento do seu custo real».

O projecto de lei do PCP institui ainda, no âmbito do mesmo seguro agrícola, o seguro multi-riscos da actividade agrícola, que integra além dos riscos cobertos pelas modalidades específicas, os riscos relativos a edifícios no que se refere a incêndio, queda de raio, explosão, tempestade, inundações e quebra de vidros.

O seguro multi-riscos contempla ainda responsabilidade civil (actividade, produtos, veículos ligados à exploração), acidentes pessoais, risco profissional, cobrindo os riscos de morte e invalidez permanente nos termos e de acordo com a legislação em vigor.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$75	55$75
ALEMANHA FED. (marco)	87$05	88$25
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$966	4$216
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$90	129$40
(notas de 5 a 1000)	127$40	129$90
DINAMARCA (coroa)	22$50	22$90
ESPANHA (peseta)	1$317	1$437
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$90	151$40
(notas de 5 a 1000)	148$40	151$90
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	25$60	26$30
HOLANDA (florim)	77$25	78$35
IRLANDA (libra)	231$40	235$40
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$969	1$024
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	243$75	248$25
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	97$70	99$20
VENEZUELA (bolívar)	3$244	4$044

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao impósto de 6 por mil

I Série
N.º 15
Dia 18
de
Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 40/90:
Adita ao quadro único do Ministério do Planeamento e da Administração do Território um lugar de director, equiparado a director de serviços, afecto ao Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza

Ministério das Finanças e da Indústria e Energia

Portaria n.º 41/90:
Altera o quadro de pessoal da Direcção-Geral de Geologia e Minas

Ministério das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 42/90:
Altera o quadro de pessoal do Hospital Distrital de Vila Real (pessoal de diagnóstico e terapêutica)

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 43/90:
Homologa os protocolos celebrados entre o Gabinete da Área de Sines (GAS) e o Município de Santiago do Cacém

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público ter o Governo da Mongólia depositado, em 7 de Setembro de 1989, junto do Governo dos Estados Unidos da América, o instrumento de adesão à Convenção Internacional da Aviação Civil

Região Autónoma da Madeira

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 2/90/A:
Estabelece o regime de celebração de contratos-programa de desenvolvimento de natureza sectorial ou plurissectorial entre a administração regional autónoma dos Açores e os municípios da Região

Decreto Legislativo Regional n.º 3/90/A:
Aprova o regime jurídico das actividades venatórias na Região Autónoma dos Açores

SUPLEMENTO

Foi distribuído um suplemento com data de 30 de Dezembro de 1989 com duas portarias do Ministério das Finanças.
Uma fixa o limite máximo do montante acumulado dos apoios previstos no n.º 1 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 296/89, de 4 de Setembro (estabelece o regime de apoio financeiro a conceder à construção e à transformação de embarcações de casco metálico a efectuar em estaleiros nacionais).
Outra aprova o Regulamento de Aplicação do Regime de Auxílios Financeiros à Construção e Transformação de Embarcações Metálicas

Lisboa acolhe em Março o Conselho da Europa

Os 23 países da organização vão pronunciar-se sobre a cooperação com o Leste

Os ministros do Conselho da Europa debaterão em Março, provavavelmente em Portugal, uma séria de iniciativas da organização sobre as relações com o Leste europeu, de acordo com as reuniões de trabalho que a secretária-geral da organização ontem manteve em Lisboa com responsáveis parlamentares e governamentais, nomeadamente o presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, os deputados portugueses à Assembleia Parlamentar Europeia e o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Catherine Lalumière foi ainda recebida por Cavaco Silva, que defendeu a abertura do Conselho aos países de Leste. No encontro ficou patente a vontade de o primeiro-ministro «favorecer ao máximo a abertura aos países de Leste, sem esquecer, evidentemente, o Sul».

Catherine Lalumière almoçou hoje, no termo da sua visita de dois dias a Portugal - a primeira das vinte e três que fará a todos os países membros do Conselho Europeu com vista à reunião da organização, em Março -, com o Presidente da República.

Antes disso, já em Fevereiro, decorrerão em Estrasburgo e Lisboa reuniões destinadas a ultimar a instalação na capital portuguesa de um centro dinamizador do diálogo Norte-Sul, que o Conselho da Europa decidiu criar em Novembro passado.

A sua instalação está prevista para os próximos meses, devendo ser, antes, objecto de uma reunião em Estrasburgo da comissão consultiva responsável pelo projecto do centro. Com a mesmo objectivo decorrerá em Lisboa, também em Fevereiro, uma reunião de representantes dos países e organizações que se comprometeram com a sua criação.

O centro de diálogo Norte-Sul terá como função primordial o incremento de acções com vista ao estreitamento de relações de cooperação para o desenvolvimento entre os países ricos do Norte e as nações subdesenvolvidas.

As duas grandes decisões sobre as relações com o Leste europeu e a implantação de um centro dinamizador do diálogo Norte-Sul, tomadas ontem por Catherine Lalumière nas reuniões de trabalho que teve com responsáveis políticos e parlamentares portugueses, em representação do País que ocupa até Maio próximo a presidência do Comité de Ministros do Conselho da Europa, irão movimentar nos próximos dias todos os países membros da organização.

Dessas questões falaram hoje, ao almoço, a secretária-geral do Conselho da Europa e o Presidente Mário Soares, estando assente que a reunião do Comité de Ministros se realizará em Lisboa em Março, salvo se forem de todo inultrapassáveis as dificuldades logísticas relacionadas com a deslocação de Lalumière aos 23 países da Europa Ocidental que integram o Conselho.

Portugal ocupa presentemente a presidência rotativa do Comité de Ministros do Conselho da Europa e, nesse âmbito, o ministro João de Deus Pinheiro deslocar-se-á no final do mês a Estrasburgo para participar na Assembleia Parlamentar e manter encontros com os promeiro-ministros da Polónia e da Hugria, países que como a RDA, Bulgária, Checoslováquia e URSS foram objecto de análise na audiência que Cavaco concedeu a Catherine Lalumière.

«O Conselho da Europa já começou a cooperar com esses países, o problema é, agora, o de saber a que ritmo deve prosseguir essa cooperação», afirmou a secretária-geral da organização.

PS prepara congresso a pensar nas eleições

Maio é a data mais provável para a reunião dos socialistas

O processo de preparação do Congresso do PS tem início no próximo sábado na Comissão Nacional do partido, que apreciará uma proposta de data, regulamentos e regimentos da reunião magna.

Hoje mesmo, a Comissão Política vai preparar a reunião do fim-de-semana, apreciando uma proposta concreta de data do Congresso, apresentada pelo Secretariado Nacional. De acordo com informações recolhidas pelo «DL», finais de Maio é a data mais provável.

Os membros da Comissão Política vão, por outro lado, analisar a situação política nacional, sendo natural que a entrevista de Cavaco Silva na terça-feira ao programa televisivo «Primeira Página» ocupe a parte de leão.

Além de apreciar questões relativas ao Congresso Nacional e aos federativos - regulamentos e regimentos a aplicar - a Comissão Nacional, o mais alargado orgão estatutário do Partido Socialista, debruçar-se-á sobre problemas organizativos.

O partido quer dinamizar-se em todo o seu tecido e é neste contexto que devem entender-se dois outros pontos da ordem de trabalhos: rectificação dos Estatutos do PS/Madeira e aprovação do regulamento dos coordenadores por sectores de actividade e empresa, os chamados núcleos.

Os socialistas procuram assim preparar a todo o gás o partido para os decisivos actos eleitorais do próximo ano, particularmente as Legislativas.

Trata-se de, no mais curto espaço de tempo, estruturar a organização no sentido de manter viva a chama da vitória autárquica.

Paralelamente, na Assembleia da República, o PS tem em agenda diversas iniciativas. De momento concentra a maior parte dos seus esforços na problemática da abertura da televisão ao sector privado e na regulamentação da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

A composição e competências do orgão, criado no quadro da revisão constitucional, estão a gerar polémica, depois de conhecidas as propostas governamentais na matéria.

Esta tarde, no Parlamento, o PS apresenta em conferência de Imprensa o seu projecto de regulamentação do chamado «direito de acção popular», inovação introduzida na Constituição por proposta do partido.

Dentro de uma semana, será discutida em plenário por sua iniciativa a questão da defesa dos contribuintes.

INTERNACIONAL

Depois de cinco meses de «guerra total»

«Barões» da cocaína querem acordo com Bogotá

Depois de cinco meses de «guerra total», o Cartel de Medellin quer um acordo com o Governo colombiano. A proposta foi ontem entregue e os traficantes de droga prometem não só pôr fim à série de atentados bombistas, assassinatos e sequestros que têm posto o país a ferro e fogo, mas também suspender as exportações de narcóticos, entregando às autoridades as suas armas e laboratórios. Em troca só pretendem uma coisa: «garantias constitucionais e jurídicas» de que não serão extraditados para os Estados Unidos.

A proposta foi apresentada pelos «extraditáveis», o grupo terrorista que é considerado o braço armado do Cartel de Medellin, através de duas mulheres sequestradas pelos narcotraficantes e ontem libertadas. Depois de terem entregue a mensagem ao Presidente Virgílio Barco, que ainda não respondeu à proposta,as duas mulheres leram-na aos microfones de várias emissoras de rádio.

Os «extraditáveis» justificaram a iniciativa afirmando que estão a responder a um documento difundido pela Igreja Católica e por dois antigos Presidentes da Colômbia, no qual se prometia «um tratamento menos rigoroso» dos membros da organização em troca do fim da exportação da droga.

Em Washington, o Departamento de Estado norte-americano já reagiu à proposta, reiterando o apoio dos Estados Unidos ao Presidente Virgílio Barco e à sua posição contra a negociação com os cartéis da droga. Esta declaração pode ser vista como uma resposta negativa à proposta dos «extraditáveis».

Também nos EUA, na terça-feira, o Banco de Crédito e Comércio Internacional (BCCI) reconheceu-se culpado perante um tribunal de Miami de ter «lavado» dinheiro procedente do tráfico da cocaína. O delito foi cometido por responsáveis de duas filiais na Florida (EUA) e em França. Fundado em 1972, o BCCI é, actualmente, o banco mais importante de capital árabe e a sétima entidade privada do mundo, com sucursais em 73 países e sede no Luxemburgo. O Governo deste país, aliás, já saiu em defesa do BCCI, afirmando que a condenação norte-americana «põe termo à acção judicial e deixa fora de suspeita a casa-mãe do grupo».

«Banqueiros escapam à Justiça»

O banco vai continuar as suas actividades nos Estados Unidos, depois de ter aceite depositar numa conta congelada os 14 milhões de dólares exigidos pela Justiça norte-americana. Este acordo tem recebido fortes críticas de diversas personalidades, muitas delas ligadas ao sector financeiro, que defendem o encerramento do BCCI. O senador democrata John Kerry atacou firmemente a pena aplicada ao banco, afirmando: «Enviamos para a prisão pelo resto da vida aqueles que se dedicam ao tráfico de drogas e, estas pessoas, que se consideram banqueiros, escapam à Justiça e continuam com os seus negócios».

Em Madrid também se discute o problema da droga, tendo ontem se iniciado as II Jornadas Internacionais de Presidentes de Câmaras Municipais Contra a Droga, a que assistem os responsáveis por 30 das principais cidades do mundo mais afectadas pelos narcóticos. Entre os presentes encontram-se os presidentes dos municípios de Medellin, Buenos Aires, Barcelona, Roma, Milão, Rabat, Panamá, assim como especialistas da luta anti-droga de Miami, México, Paris e Quito.

Redacção «DL»/ Lusa

Lina Velasquez Echavarria falando aos jornalistas em Medellin, na Colômbia, após ter sido libertada pelos traficantes de cocaína

B R E V E S

Mitterrand na Hungria

Para tratar do seu projecto de uma Confederação Europeia, François Mitterrand inicia hoje uma visita de dois dias à Hungria. Em recentes declarações, o Presidente francês afirmou que apesar de o grande objectivo da política externa do seu país ser a consolidação da CEE, seria «absurdo e perigoso para a própria ideia da Europa, excluir os países de Leste que evoluem para essa Europa».

Oposição jugoslava legalizada

Os partidos políticos independentes e as associações de cidadãos, na Jugoslávia, vão ser reconhecidos oficialmente através de um simples registo, segundo um projecto-lei que o Governo vai apresentar no Parlamento. No entanto, de acordo com a nova lei, os grupos «que advoguem o derrube da Constituição de forma violenta ou a violação dos Direitos Humanos» não serão autorizados a legalizar-se.

CDU abandona Governo da RDA

O Partido Democrata-Cristão (CDU), da RDA, anunciou ontem que vai abandonar os três lugares que detém no Governo de transição, chefiado por Hans Modrow, antes das eleições livres de 6 de Maio. O líder da CDU, partido que durante décadas manteve uma aliança com os comunistas, disse que logo que a nova lei eleitoral for aprovada pelo Parlamento, não existe «razão válida» para permanecer no Executivo.

Onda de greves alastra em Moçambique

A onda de greves, que desde o início do ano se tem registado em Moçambique, alargou-se aos sectores agrícola e mineiro, e agudiza-se na área da saúde. As paralisações devem-se essencialmente a aspectos salariais, mas também foram já pedidas demissões de vários directores.

As greves afectaram já os sectores da informação, metalurgia, ferro-portuária, transportes e saúde. Neste sector, foram já anunciadas novas paralisações nos hospitais de Maputo e da Beira.

Mas as paralisações que até aqui pareciam afectar apenas as duas principais cidades moçambicanas, Beira e Maputo, tendem agora a alargar-se a outras capitais de província.

Em Sofala, os trabalhadores do hospital central cumpriram ontem o segundo dia consecutivo de greve. A direcção daquele centro hospitalar reuniu-se com uma comissão de trabalhadores para estudarem a forma de ultrapassar o problema, que se prende também com reivindicações salariais.

A agência noticiosa de Moçambique, AIM, anunciou que os trabalhadores do Hospital Central de Maputo retomaram, «condicionalmente as suas actividades», mas que poderão optar por nova paralisação, dentro de oito dias, caso não sejam satisfeitas as suas exigências.

«Há casos de reivindicações sobre regalias não previstas na lei, que foram abolidas ou contrariam a legislação em vigor», refere um comunicado lido na assembleia geral dos trabalhadores do Hospital Central de Maputo e assinado por Leonardo Simão, ministro moçambicano da Saúde.

Também em Maputo, a empresa textil Texlom iniciou ontem uma paralisação, pela segunda vez desde o inicio da onda de greves, devido ao não cumprimento das promessas por parte da gerência.

A Rádio Moçambique anunciou que, segundo os operários da Texlom, a actividade só poderia ser retomada, na melhor das hipóteses, a partir do próximo sábado, altura em que se realizará uma reunião geral de trabalhadores.

Governo cauteloso

O Governo moçambicano tem procurado abordar as questões de forma cautelosa. O ministro dos Transportes e Comunicações, Armando Guebuza, reconheceu recentemente que existia «uma mão exterior» nestas acções.

De facto, a questão que domina as atenções da maioria dos observadores em Moçambique é o de se saber qual o papel dos rebeldes moçambicanos em todo este processo. As afirmações de Guebuza surgiram pouco depois do líder da Renamo ter declarado que as movimentações laborais eram conduzidas pelos rebeldes. Afonso Dhlakma afirmou que o objectivo era o de «moderar» as posições governamentais na mesa das negociações, com vista a pôr termo à guerra civil no país, anunciando simultaneamente, o que de facto se veio a verificar, o alastramento das greves a outros centros urbanos, nomeadamente Beira e Nampula.

A questão do conflito interno, que se arrasta há 14 anos no país, ocupa também as atenções dos centros político-diplomáticos na região.

Joaquim Chissano, num comício de cinco horas que efectuou na semana passada em Maputo, deu ênfase particular às medidas de abertura e de total participação previstas na proposta de revisão Constituição, admitindo «para breve» as negociações directas com a Renamo.

Esta declaração vem no mesmo sentido das posições defendidas por Arap Moi e Robert Mugabe, presidentes do Quénia e do Zimbabué, respectivamente, que têm liderado a mediação entre a Frelimo e a Renamo.

Segundo o próprio secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Herman Cohen, o fim da guerra em Moçambique poderá verificar-se ainda durante este ano.

Caso se confirmem estas informações, o fim do conflito armado em Moçambique seria o culminar de um conjunto de reformas constitucionais qualificadas já, em Maputo, como uma «abertura histórica».

As propostas avançadas pelo Governo no anteprojecto de revisão da Constituição do país vão ser objecto de uma discussão a nível nacional, para a qual Chissano solicitou a máxima abertura, admitindo mesmo abandonar a presidência, caso o povo assim o entendesse. O correspondente da Lusa em Maputo, António Mateus, afirma que as propostas de revisão constitucional lançam Moçambique entre os sistemas mais liberais do continente africano.

Redacção DL/Lusa

INTERNACIONAL

Reservistas mobilizados para o Azerbaijão

Ministro soviético considerou a situação como "um grande desastre" e o Soviete Supremo decidiu acelerar as reformas da perestroika

O ministro soviético da Defesa, Dimitry Yazov, descreveu hoje os intensos combates entre azerbaijanis e arménios como um "importante desastre" e anunciou que tinham sido mobilizados reservistas do exército para tentar conter a agitação.

Yazov, o primeiro líder do Kremlin a comentar publicamente a situação na fronteira sul da União Soviética com a Turquia e o Irão, afirmou que algumas unidades militares na área estavam a ser reforçadas.

O ministro da Defesa, membro suplente do Politburo do Partido Comunista, falou numa entrevista ao princípio da manhã à rádio de Moscovo, poucas horas após as tropas terem sido autorizadas a abrir fogo contra atacantes no Azerbaijão e na Arménia.

Nas últimas 24 horas, líderes militares soviéticos referiram-se crescentemente à situação nas duas repúblicas da Transcaucásia, onde dezenas de pessoas morreram desde o fim de semana, como uma "guerra civil".

Yazov afirmou que não havia tropas suficientes do Ministério do Interior para controlar a situação na área, devido à sua extensão geográfica e às paixões inflamadas entre os seus habitantes.

O Kremlin declarou na segunda-feira o estado de emergência na região.

"Neste âmbito, foi tomada a decisão de levar a efeito uma mobilização total de formações de algumas regiões da União Soviética, para permitir que participem na manutenção da ordem, disciplina e boa organização do estado de emergência", declarou Yazov.

"Sem as tropas, e particularmente as tropas do Ministério do Interior, e mesmo sem as tropas do Exército soviético, seria impossível impôr o estado de emergência ou o recolher obrigatório", acrescentou.

"Um grande desastre"

"É vitalmente essencial controlar os centros populacionais, estradas, empresas e instituições estatais, para impedir que o caos se instale", declarou o ministro.

Para Yazov, a situação na área constitui "um grande desastre" e o mais lamentável é que os líderes do Azerbaijão e da Arménia "o não compreendam", acrescentou.

Um comunicado divulgado a noite passada pelo KGB e pelos Ministérios do Interior e da Defesa, responsáveis pelas tropas na área, afirma que "um acentuado aumento dos ataques tornou a situação insustentável" e autoriza os militares a utilizar as armas, de acordo com as regras militares e a lei soviética.

Segundo números oficiais do Ministério do Interior, morreram já 58 pessoas e 169 ficaram feridas em cinco dias de confrontos entre arménios e azerbaijanis.

Yazov disse à rádio que "activistas" da região, particularmente em áreas onde azerbaijanis e arménios vivem lado a lado, tinham grandes arsenais e estavam "pura e simplesmente a combater".

Notou que os confrontos eram retratados por esses activistas como uma forma de proteger a população civil contra agressores, "mas na verdade são um crime das duas partes contra a Constituição, contra a lei e contra o seu próprio povo".

Manifestação de azerbaijanis em Baku, protestando contra a imposição do estado de emergência no disputado enclave de Nagorno-Karabakh

O anúncio de que as tropas tinham sido autorizadas a disparar afirma que que soldados soviéticos foram mortos ou feridos, mas não adianta números.

Entretanto um redactor da agência noticiosa oficial armémia, Armenpress, disse que a União Soviética encerrou as suas fronteiras sul com o Irão e a Turquia.

"A situação nas fronteiras está a ser completamente controlada pelas tropas que foram enviadas", acrescentou.

Assaltos em busca de armas

Na Arménia, grupos de civis assaltaram ontem diversos postos policiais e militares, tendo-se apoderado de diverso armamento, segundo uma fonte militar.

Enquanto isso, mais de 50 mil pessoas reuniram-se em comício em Erevan, capital da Arménia, para ouvir notícias sobre as confrontações e discutirem futuras acções.

A violência irrompeu no sábado em Baku, durante manifestações anti-arménias.

Um repórter do jornal soviético "Izvestia" relatou de Baku que os soldados estavam a proceder à evacuação de arménios por *ferry-boats* e por avião, porque a situação no Azerbaijão "não é segura", adiantando sucederem-se as tentativas de assaltos e raptos, a famílias arménias e aos militares que as apoiavam.

As tropas soviéticas já ajudaram mais de sete mil arménios a deixar o Azerbaijão. Os refugiados procuram agora que Moscovo resolva a sua precária situação, pois a maioria apenas levou a roupa que tinha vestida.

"Parece que acabamos de escapar de um pesadelo horrível", disse um refugiado com as lágrimas nos olhos, "Pessoas foram atiradas das janelas, mortas com varas de ferro, esfaqueadas e queimadas vivas", acrescentou.

***Perestroika* vai acelerar o passo**

Entretanto uma reunião do Presidiu do Soviete Supremo da União Soviética, presidida por Mikhail Gorbachev, decidiu que as leis sobre a reforma económica, o aperfeiçoamento da federação soviética e o reforço da ordem serão debatidas prioritariamente, na próxima sessão, que se inicia no dia 24.

O facto significa que os deputados irão examinar logo nos primeiros dias as leis que mudam toda a base económica do país, tais como as que se referem à propriedade, terra, impostos, autogestão e economia locais, bem como os projectos-lei que delimitam as competências entre a URSS e as repúblicas federadas, reforçam a sua soberania e garantem o desenvolvimento livre dos povos e etnias no quadro do Estado soviético.

Em atenção a um pedido do Governo, o Presidium examinou também a questão da incompatibilidade de algumas leis aprovadas pelos Parlamentos lituano e estoniano e a Constituição e legislação federal, nomeadamente sobre impostos. O Presidium deliberou propor àqueles órgãos a redacção das leis em consonância com as soviéticas.

Redacção "DL"/Lusa/ Novosti

Leste muda tudo

Bruxelas vai rever perspectivas financeiras

Do nosso correspondente em Bruxelas

Os objectivos definidos pelo Acto Único, mercado interno, coesão económica e social, investigação e desenvolvimento tecnológico, dimensão social, ambiente e reforço da capacidade monetária constituem as prioridades do programa da Comissão para 1990, divulgado ontem, em Bruxelas.

Pouco antes, em Estrasburgo, perante o Parlamento Europeu, o presidente Jacques Delors abordara o mesmo tema, e transmitira ao plenário as metas que se propõe atingir. Esclareceu, também, que, em Fevereiro, a Comissão irá propor uma revisão das perspectivas financeiras até 1992, tomando em consideração as evoluções que marcaram as políticas da Comunidade desde o Conselho Europeu de Bruxelas, realizado em Fevereiro do ano transacto. Esta revisão tomará em conta, nomeadamente, a manifestação da solidariedade externa, associada ao rápido movimento de liberdade registado em 1989 nos países da Europa Central e do Leste.

O programa divulgado pela Comissão considera como «dossiers» igualmente prioritários os que se referem à livre circulação de pessoas, à abolição das fronteiras fiscais, a abertura dos contratos de direito público, o espaço financeiro, o papel da concorrência, o desenvolvimento das redes transeuropeias e as telecomunicações, entre outros.

Segunda fase portuguesa

Em 1990 inicia-se a segunda fase da adesão de Portugal e Espanha, o que implica a criação, nesses Estados-membros, de uma série de organizações comuns de mercado. Também no decorrer deste ano se assistirá à aplicação da política comum de pescas no Mediterrâneo.

A Comissão está consciente da necessidade de multiplicar as possibilidades de acesso dos pescadores comunitários a novos recursos, num contexto de cooperação para o desenvolvimento de empresas mistas.

Recorde-se que ainda recentemente, através do então titular da pasta da Agricultura e Pescas, Álvaro Barreto, Portugal admitiu a possibilidade de recorrer ao Tribunal Europeu do Luxemburgo, discordando da decisão da Comissão relativa ao aproveitamento de uma quota concedida pela Gronelândia.

Finalmente, uma das preocupações manifestadas pela Comissão e pelo próprio presidente, tem a ver com a União Económica e Monetária e com a cooperação política. Em Estrasburgo, a 9 de Dezembro, fora decidida a convocação, antes do final de 1990, de uma conferência intergovernamental, que deverá suscitar o dinamismo necessário e ressuscitar o processo. Mas se a vontade política foi manifestada - referiu Delors - é preciso tempo para ultrapassar as dificuldades concretas. «Devemos-nos concentrar sobre a primeira fase da UEM, fazer um esforço de cooperação em matéria de política monetária.» O presidente da Comissão insistiu no êxito da fase 1, a melhor arma para convencer os reticentes. Temos obrigação de conseguir resultados.

Para isso, a Comissão submeterá na Primavera um primeiro documento sobre o projecto final da União Económica e Monetária e depois um segundo documento sobre as modificações institucionais que ela implica. A Comissão participará em força nos trabalhos necessários à conferência intergovernamental, cuja convocação está cometida à presidência italiana dos Doze durante o segundo semestre do corrente ano.

José Rui Cunha

«ABOL — ASPERSÃO E BOMBAGEM, LDA»

CERTIFICO, para efeitos de publicação que em 17 de Novembro de 1989, pelas 10 horas, reuniu a Assembleia Geral da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, e estando representada a totalidade do capital social, foi deliberado por unanimidade autorizar o sócio e gerente José Luís Monteiro Crespo de Carvalho a suspender temporariamente o exercício das funções de gerente; e, nomear como gerentes, os sócios José António Paim das Neves; Luís Américo Barata da Silva e, Ana Rita Martins Bento.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, que é a acta número 54, exarada de páginas 6 a 7 do competente livro, onde fiz a devida anotação com a minha rubrica e a data de hoje.

Lisboa e 24.º Cartório Notarial aos 10 de Janeiro de 1990

O 2.º Ajudante
(ilegível)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

1.º JUÍZO

O Doutor António Santos Abrantes Geraldes, juíz de Direito do 10.º juízo do Tribunal Cível da Comarca de Lisboa.

Faz saber que pela 2.ª secção deste juízo, nos autos de execução sumária, registados sob o n.º 7573, movida pela exequente Renault Gest — Sociedade de Comércio de Automóveis, S.A., com sede na Avenida Infante D. Henrique, lote 575 — 1800 — Lisboa, contra a executada Alves & Marques, Lda., com última sede conhecida na Rua Mouzinho de Albuquerque, n.º 21, 2.º esq.º, na Damaia, é este executado citado para em 5 dias pagar à exequente a quantia de Es.: 480 584$00, acrescida de juros vincendos à taxa legal de 15%, até efectivo pagamento, a liquidar a final, nos termos do disposto no art.º 805.º, n.º 2 do Código de Processo Civil, ou no mesmo prazo nomear à penhora bens suficientes ao seu pagamento sob pena de tal direito se devolver à exequente, nos termos do disposto no art.º 836.º, n.º 1 alínea a) do Código de Processo Civil, prazo este que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1990

O Juiz de Direito,
DR. António Santos Abrantes Geraldes

O Escrivão Adjunto,
Duarte Pedro César Martins Guerra Correia

DL 18/1/90 2.ª PUB.

QUOTIDIANO

Governo pede à CEE centros contra a poluição

O Conselho de Ministros vai recomendar à CEE que tenha em conta a situação estratégica da Madeira para prevenir eventuais acidentes

O Governo português propôs à CEE a criação de dois centros de combate à poluição para acorrer a situações de emergência no âmbito da Comunidade, ficando um deles instalado na Madeira, dada a sua situação estratégica -- apurou o DL, ao fim da manhã, junto da presidência do Conselho de Ministros, antes do termo da reunião. No Conselho, o ministro do Ambiente, Fernando Real, fez uma pormenorizada exposição sobre o que viu e ouviu na visita- relâmpago que ontem realizou a Porto Santo. Fernando Real viajou com o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Macário Correia, que há seis meses se confrontou com uma situação muito semelhante na costa vicentina de Sines/Zambujeira. Em Porto Santo, ambos assistiram ao desencadear das primeiras medidas de emergência tomadas depois do alerta suscitado pelo derrame do crude. Esta decisão do Conselho de Ministros terá frustrado algumas expectativas, nomeadamente quanto a imediatas ajudas comunitárias. A aceitação de uma ajuda internacional oferecida por vários países mantem-se, contudo, em aberto. O director-geral da Marinha, almirante Cartaxo Martins, solicitou a ajuda de um departamento da CEE especializado em poluições marítimas. O presidente do Governo Regional da Madeira, que afirmou, entretanto, ver «com interesse a hipótese de cooperação posta por vários países europeus», nomeadamente a França, solicitou ontem «apoio muito urgente» a Cavaco Silva, para fazer face à catástrofe ecológica. O ministro da Agricultura e Alimentação, que se encontra em vista oficial à Madeira, defendeu a necessidade de ser feita uma «profunda reflexão» em torno de desastres deste tipo.

Em mensagem enviada ao primeiro-ministro, o Governo Regional da Madeira sugeriu a contratação de uma empresa internacional com experiência «na averiguação de responsabilidades em matéria como esta, de forma a poderem ser exigidas as correspondentes indemnizações Elementos da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos e Liberdades da Assembleia da República vão deslocar-se à Madeira para «apurar no local a gravidade da situação». Por seu turno, deputados do PS preparam-se para viajar ainda hoje para Porto Santo, pelas mesmas razões. Uma delegação de deputados regionais do PSD esteve já em Porto Santo e na costa Norte do arquipélago, a fim de se inteirar das repercussões da catástrofe ecológica causada pela maré negra. A direcção regional do PCP, por sua vez, exigiu que sejam apuradas responsabilidades, quer quanto aos culpados pelo derrame do crude quer quanto à falta de medidas preventivas. A decisão da Comissão Constitucional da Assembleia da República se deslocar à Madeira foi tomada por aprovação de um projecto de resolução proposto pelo deputado André Martins, dos «Verdes». A delegação será composta por um deputado de cada partido e voará hoje mesmo para o Funchal, depois de ter obtido «luz verde» da presidência da Assembleia da República.

Operação de limpeza mobiliza 300 homens

Porto Santo tem agora material mais adequado para combater a maré negra, mas há divergências entre os responsáveis quanto à dimensão do acidente

A grande operação de limpeza do litoral da ilha do Porto Santo atingido pela maré negra iniciou-se hoje, envolvendo mais de três centenas de pessoas e recorrendo a materiais ontem chegados de Lisboa. A gravidade da situação poderá implicar mais de 75 dias em operações contínuas de limpeza, admitiu o director-geral da Marinha.

O plano de combate aos efeitos causados pelo derrame de crude foi traçado ontem numa reunião realizada em Porto Santo, com a participação do ministro e do secretário de Estado do Ambiente. A operação confere prioridade à manutenção da limpeza da praia. Foi ainda determinado o reforço da operação de recolha de crude concentrado nas zonas litorais vizinhas.

A dimensão dos efeitos da maré negra não concita, no entanto, opiniões coincidentes por parte dos resposnsáveis. De facto, o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, afirmou ontem que «a situação não é assim tão grave», pois a extensão da mancha de crude em Sines era de mais de 40 quilómetros e afectava 12 praias, «o que felizmente não ocorre aqui». Por seu turno, o capitão-de-mar-e-guerra Caetano Dias, especialista em poluição marítima, considera que a situação na ilha do Porto Santo «é muito mais grave do que o acidente idêntico que ocorreu em Sines o ano passado».

Entretanto, manchas de crude estão a afectar a ilha da Madeira, na costa Norte. Nalgumas zonas apareceram pequenas manchas cujas características e dimensões não são, no entanto, consideradas alarmantes. De qualquer modo, o presidente da Câmara Municipal de S. Vicente, Drumond Esmeraldo, considerou ontem esta ocorrência como «o maior desastre ecológico» da ilha.

O facto de Porto Santo ter sido atingido em grande escala concentrou aí as operações de combate à poluição. Ontem, chegaram à ilha oito toneladas de equipamento a bordo de um avião C-130 da Força Aérea, incluindo detergentes, bombas, recuperadores, mangueiras, absorventes e dispersantes.

Os especialistas da Marinha vão tentar, a partir de hoje, conter o avanço da maré negra na zona do Boqueirão -- um espaço existente entre a ilha do Porto Santo e um pequeno ilhéu -- de forma a impedir a poluição da praia. A concretização do plano implica o recurso a barreiras oceânicas que seguiram igualmente a bordo do C-130.

As operações de limpeza realizadas desde segunda-feira permitiram a recolha de mais de 60 toneladas de crude até ontem. Os meios rudimentares envolvidos incluiam bidões, baldes e *caterpillers*. Devido á falta de outras soluções, o crude recolhido foi enterrado em valas especialmente abertas para esse fim.

Os efeitos da maré negra já se fazem sentir.na vida quotidiana dos habitantes. O delegado de Saúde Pública proibiu ontem a venda de peixe fresco na lota da ilha do Porto Santo. O abastecimento de água está a ser feito com recurso aos tanques de reserva, suficientes para responder às necessidades duranmte duas semanas. A medida foi tomada ontem, na sequência do encerramento da central dessalinizadora resultante da detecção de manchas de crude nas proximidades da zona de recolha de água.

As operações de limpeza em Porto Santo têm sido realizadas com baldes. Hoje começa uma nova fase

Na ilha, a fauna marinha das zonas mais afectadas pelo crude foi destruída, revelou ontem, o biólogo Manuel Biscoito, director do Museu Municipal do Funchal e responsável pela reserva natural das ilhas Desertas. Acrescentou que como o crude só atingiu o Calhau da Serra de Fora e a Serra de Dentro, «mais tarde, após a limpeza, as espécies que se encontram afastadas do local poluido irão povoá-lo».

Relativamente às aves marinhas, Manuel Biscoito disse que estão numa época de migração, pelo que, quando chegarem a Porto Santo «a situação estará melhor». Por outro lado, a situação nas Desertas foi ontem considerada normal por elementos do posto de observação ali instalado. Um responsável daquele posto afirmou a inexistência de qualquer mancha de crude ao longo da costa das ilhas Desertas.

No que respeita às causas do derrame, um especialista em poluição marítima da Marinha portuguesa admitiu, em Porto Santo, que o crude, pelas suas características, tenha origem mexicana. Caetano Dias acrescentou que a sua opinião terá de ser confirmada por análise laboratorial.

EDP

SEDE

Av.ª José Malhoa, Lote A-13
1506 LISBOA CODEX
Capital Estatutário: 250 000 000 000$00
Matriculada na Conservatória do Registo
Comercial de Lisboa sob o n.º 25
Pessoa Colectiva n.º 500 697 256

DIRECÇÃO CENTRAL FINANCEIRA
Departamento de Títulos
Rua Sá da Bandeira, 567-4.º
4000 PORTO

OBRIGAÇÕES EDP — 1989
15.ª EMISSÃO
ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

A partir de 25/01/90, poderão os Senhores Obrigacionistas efectuar a troca das cautelas pelos títulos definitivos representativos desta Emissão nos Estabelecimentos de Crédito onde efectuaram as respectivas subscrições.

Porto, 10 de Janeiro de 1990

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Tenente-coronel Pinto Soares mestre em estratégia

O tenente-coronel de engenharia Duarte Nuno Pinto Soares concluiu ontem o mestrado em Ciências Políticas (Estratégia), com a classificação de Muito Bom, a melhor que pode ser dada nestas provas.

Pinto Soares apresentou a sua discussão pública de dissertação, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, (ISCSP) perante um júri presidido pelo professor catedrático convidado general Pedro Cardoso, tendo com o arguente o Professor Doutor Políbio de Almeida (ISCSP) e como vogal o Professor Doutor Joaquim de Carvalho (Faculdade de Letras de Lisboa).

Com o título genérico «Estratégia Nacional: Referenciais Históricos e Perspectivas Actuais», a dissertação do tenente-coronel Pinto Soares é um desenvolvido trabalho de 250 páginas, dividido em quatro grandes áreas: introdução à estratégia e geopolítica; evolução dos conceitos de estratégia nacional desde a fundação da nacionalidade até este momento; estudo da situação actual do potencial estratégico, e principais linhas de força da estratégia de política externa e interna, da estratégia económica e estratégia militar.

O curso de Estratégia do Instituto Superior de Ciênciais Sociais e Políticas, iniciou-se em Novembro de 1985. Teve a duração de um ano e meio, com dois anos para elaboração da dissertação. Depois do tenenete-coronel Ramalho, que fez a sua dissertação em Setembro passado, Pinto Soares é agora o segundo Mestre em Estratégia. A sua frequência neste curso deve-se ao facto de ter sido nomeado pelo Estado Maior do Exército, que designou quatro oficiais, de acordo com uma nota do Instituto de Altos Estudos Militares, para preencher as quatro vagas atribuidas pelo ISCSP ao Exército.

No Barreiro

Alunos protestam e fecham escola

A paciência dos alunos, pais e professores da Escola Secundária de Santo António, a cinco quilómetros do Barreiro, chegou aos limites. O contrato de trabalho de uma grande parte dos funcionários da casa não foi renovado e, desde o início do segundo período, a Escola passou a funcionar em metade. Um ponto está, por unanimidade, assente. A culpa é do Ministério da Educação.

«À luta pelos nossos direitos para uma Escola fixe apelámos ao Ministério mas ele disse-nos "que se lixe!», diz-nos Marco Rocha, presidente da Associação de Estudantes.

A negligência do Ministério foi, para eles, de tal ordem, que só havia uma saída: protestar. É por isso que, desde as sete e meia da manhã de hoje, impedem, entre apupos, palavras de ordem e manifestos, a entrada seja de quem for.

A repentina ausência de 16 funcionários desta escola gerou a mais absurda das confusões. «Vários pavilhões, blocos e salas de aula estão fechados. Pura e simplesmente. Das três casas de banho existentes, só uma está operacional. A biblioteca fechou também. A cantina é um caos», explica-nos Álvaro Mateus, professor de português.

O caso do Nuno Miguel, de 13 anos, foi apontado pelos colegas como um dos mais exemplares: «Em 32 aulas semanais o Nuno passou a ter apenas nove, desde o princípio do 2 ª período».

José Vasconcelos, presidente da Associação de Pais, dá conta dos esforços encetados para pôr termo ao descalabro: «O Ministério colocou quatro funcionários, em substituição dos 16 que nos faltam. Pagaram-lhes 22 mil e 500 escudos. Menos que o ordenado mínimo nacional. Agora, o contrato deles, que vigorava até Janeiro, vai terminar. Como vai ser possível, então, dizermos que os nossos filhos são estudantes, se os impedem de aprender?»

Os alunos corroboram, como se vê nos cartazes pendurados nos portões: «Hoje, sem funcionários, estamos tramados. Amanhã, quem sabe se não estaremos chumbados?».

É por isso que, se o Ministério não resolver imediatamente o problema, as portas da Escola Secundária de Santo António continuarão bloquedas por centenas de alunos. «Pelo menos isso, podemos fazer»., garantem-nos. E, pelos vistos, fá-lo-ão.

Muitas caras conhecidas do grande público (nas fotos: Fialho Gouveia, Barata Feyo, Maria Elisa e Margarida Marante) estão em guerra com a RTP

RTP ameaça profissionais com duplo emprego

Trabalhadores da RTP ligados a várias áreas, designadamente ao sector criativo, reuniram-se ontem, em Lisboa, para analisar a situação decorrente de uma ordem de serviço do conselho de gerência da empresa que os proibe de exercerem actividades noutras empresas de comunicação social.

Trinta anos depois da sua fundação, a RTP descobriu repentinamente a concorrência. Invocando este factor, o conselho de gerência difundiu, no princípio do mês, uma ordem de serviço proibindo os trabalhadores de prestarem serviços a outras empresas de comunicação social ou serviços da mesma natureza dos prestados à RTP, a qualquer outra empresa que potencialmente possam configurar situações de concorrência.

A proibição abrange «as actividades desenvolvidas ao abrigo do estatuto do trabalhador subordinado, de profissional livre, empresário, ou sócio ou associado ou qualquer outro e, ainda, a título permanente, transitório ou eventual e sejam elas onerosas ou gratuitas».

O conceito de concorrência adoptado pelo conselho de gerência da RTP parece não ter limites.

«A ideia de concorrência é essencialmente objectiva, englobando tanto actuações equivalentes, como actuações sucedâneas», diz a polémica ordem de serviço. Resumindo, «qualquer trabalhador da RTP que presta os seus serviços a outra empresa de comunicação social está, só por isso, a auxiliar um concorrente».

A ordem de serviço afecta dezenas de trabalhadores que, em consequência de salários insuficientes auferidos, ou porque a sua necessidade de criação não se esgota na RTP, são levados a trabalhar noutras actividades.

Saliente- se que a referida ordem de serviço não visa unicamente os jornalistas e outros elementos do sector criativo, uma vez que, nos seus termos, um simples contínuo, ou outro trabalhador qualquer, não poderá, fora do seu horário de trabalho, exercer funções idênticas noutra empresa que a RTP considere concorrente.

A questão da exclusividade nunca anteriormente havia sido posta pela empresa. São numerosos e notórios, os casos de elementos da RTP autores de programas de rádio, colaboradores de jornais e revistas e sócios de empresas que, de algum modo, e segundo o critério defendido pelo conselho de gerência, podem ser consideradas concorrentes.

José Eduardo Moniz e Adriano Cerqueira (ligados a publicações de automobilismo), Henrique Garcia (administrador e director da Radio Geste), Maria Elisa (directora da Marie Claire), Maria Virgínia de Aguiar (chefe de redacção da Marie Claire), Maria Antónia Palla (chefe de redacção da Máxima), Diana Andringa (directora adjunta do Diário de Lisboa), J.M. Barata Feyo (director da Grande Reportagem), Margarida Marante (directora da Elle), Fialho Gouveia (rádio), Manuela Moura Guedes (rádio), Helder Freire (jornalista do Liberal), etc. Estes são alguns dos nomes mais conhecidos.

Classificando como «pouco consistente» a argumentação da RTP, um jurista ligado a assuntos do trabalho referiu-nos que, os usos e costumes na área do jornalismo, social e pacificamente aceites, vão no sentido de que os seus profissionais possam exercer a sua actividade livremente, a menos que exista um vínculo contratual de exclusividade, individualmente negociado.

Os trabalhadores da RTP que ontem se reuniram, consideram que esta ordem de serviço, lesiva dos seus interesses, é de legalidade duvidosa.

De facto, nada no acordo colectivo de trabalho da RTP pressupõe a situação automática de exclusividade.

A própria ordem de serviço em causa reconhece a existência da uma cláusula no acordo em vigor na RTP que «veda a esta o impedir que, fora dos horários de trabalho, os trabalhadores exerçam outras actividades».

É surpreendente a forma como a RTP dá a volta à interpretação desta cláusula: afirma que isso visou «evitar que fosse proibido aos trabalhadores, por força de um exacerbar dos deveres de apartidarismo e de isenção que sobre eles impendem», o «livre desenvolvimento de actividades político-sindicais». Esta preocupação com a liberdade de actuação político-sindical dos trabalhadores está, em princípio, garantida na própria Constituição, pelo que ninguém poderia prever que, afinal, o que a RTP pretendia era reforçá-la. Como primeira diligência, os trabalhadores da RTP admitem a eventualidade do envio de um abaixo-assinado ao conselho de gerência, solicitando a revogação da ordem de serviço.

CGTP quer aumentos entre 16 e 18 por cento

Aumentos salariais entre os 16 e os 18 por cento e a redução do horário de trabalho são os principais objectivos da acção reivindicativa que a CGTP desenvolverá este ano, conforme foi ontem definido numa reunião de Federações da central.

Aquelas estruturas consideram que «aumentos superiores a 16 por cento correspondem a uma mais justa distribuição da riqueza criada» e reivindicam a generalização das 40 horas de trabalho semanal.

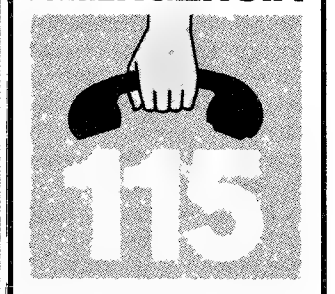
Reunidas na sede da Intersindical, as Federações concluiram que «os aumentos salariais verificados nos primeiros processos de negociação colectiva para 1990 são da ordem dos 15 por cento», enquanto «na contratação colectiva se situam entre os 13 e os 20 por cento».

Responsabilizando o Governo pelos conflitos colectivos de trabalho, as Federações afirmam que os aumentos propostos pelo patronato «não têm em conta os ganhos de produtividade».

Entretato, prosseguem as greves parciais dos maquinistas da CP, que entraram hoje no terceiro dos 10 dias previstos.

Segundo uma fonte da empresa, os comboios «circulam normalmente, resgistando-se apenas algumas supressões de composições».

Visão diferente têm os sindicatos, segundo os quais as paralisações estão a afectar grandemente a circulação ferroviária, tanto de passageiros como de mercadorias.

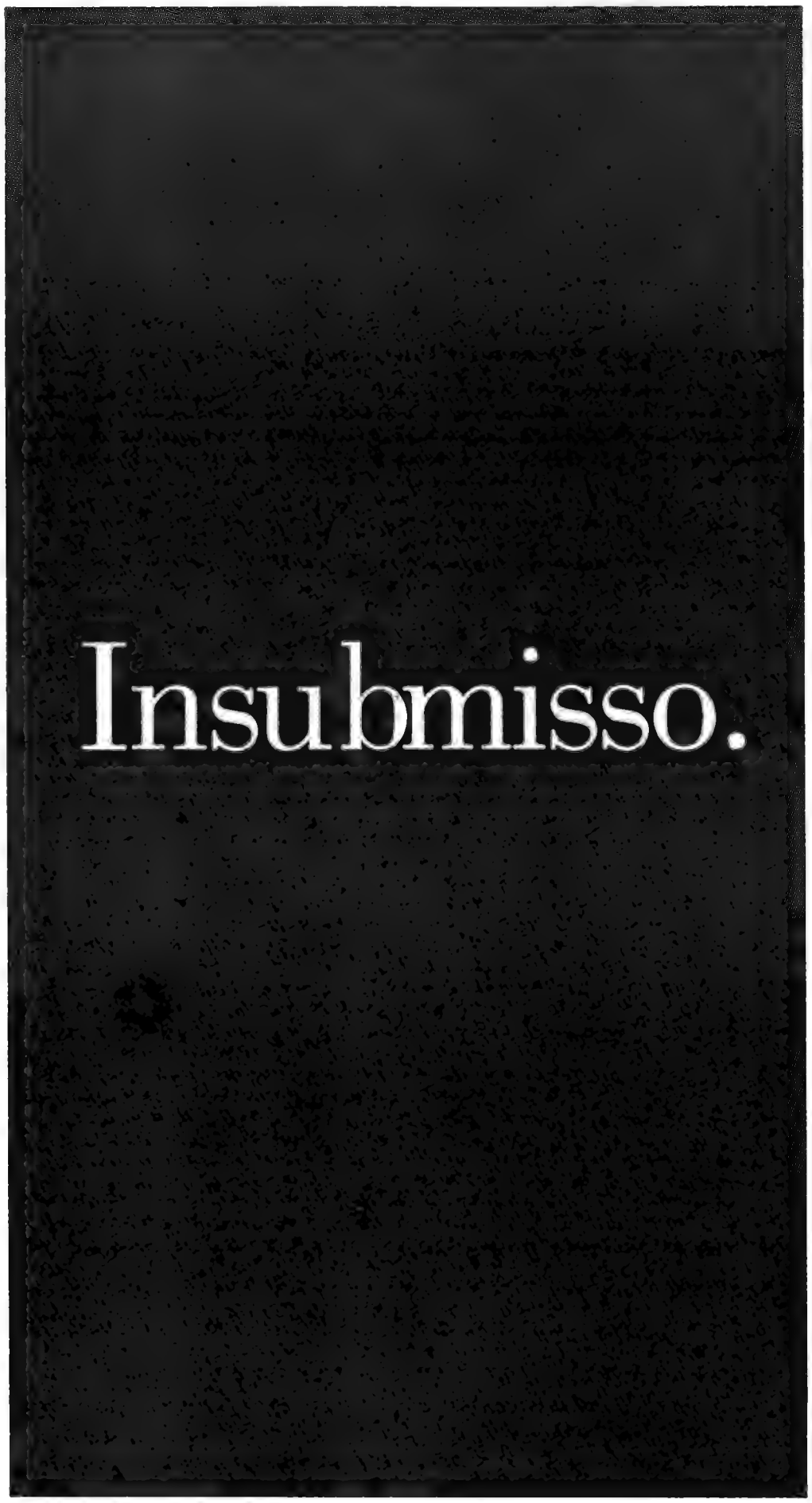


MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

I R S - 1990

TABELAS DE RETENÇÃO

Informam-se as entidades interessadas de que as tabelas de retenção sobre rendimentos de trabalho dependente para o ano de 1990 estão a ser divulgadas, por antecipação, através da Circular nº 2/ 90, de 4 de Janeiro, da qual poderão ser obtidos exemplares nas Repartições de Finanças e nos Serviços de Apoio ao Contribuinte.



QUOTIDIANO

Nafta nos esgotos de Matosinhos

Autoridades isolam áreas atingidas

As autoridades marítimas do Norte foram, ontem, alertadas para o aparecimento de nafta nos canos de pluviosidade do porto de Leixões.

Segundo Sá Vaz, capitão do porto local, o estado da situação levou as autoridades marítimas a procederem a uma operação de isolamento das áreas do porto mais atingidas pelo derrame de nafta.

Acrescentou que a Câmara de Matosinhos foi igualmente alertada para a existência de nafta nos canos de esgotos, em diversas artérias da cidade.

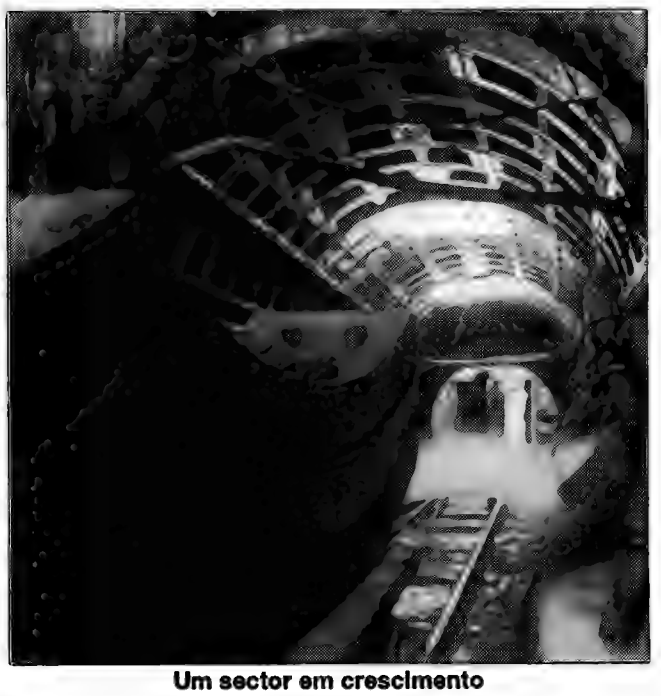
O presidente da Câmara Municipal de Matosinhos disse, entretanto, que o derrame de nafta está controlado, devido às medidas cautelares tomadas pelos serviços camarários logo após o sinistro.

Na tarde de ontem, realizou-se uma reunião entre técnicos da Câmara e peritos do porto de Leixões, com vista a analisar, mais profundamente, a situação.

O autarca manifestou o propósito de exigir à empresa responsável pela fuga de combustível, as compensações necessárias pelos danos provocados em várias ruas da cidade.

Narciso Miranda culpabilizou – em termos de compensações – o poder institucional, devido a «falta de protecção» das autarquias, onde se verificam empreendimentos petrolíferos.

A situação que, segundo Sá Vaz, não é de emergência, surge na sequência de uma fuga de combustível provocado terça-feira pelo rebentamento de uma conduta subterrânea, que liga o porto de Leixões à refinaria da Shell, em Matosinhos.



Um sector em crescimento

Pesquisa de minérios tem novos contratos

Novos contratos de prospecção e exploração de recursos minerais foram ontem assinados entre o Estado e empresas portuguesas e estrangeiras. Segundo o Ministério da Indústria e Energia, estes projectos integram-se na política definida para o sector extractivo e visam responder à crescente procura na área de prospecção de novas jazidas.

Dois dos contratos dizem respeito a prospecção e pesquisa de quartzo e feldspato, envolvendo, respectivamente, a Cincominas (Sociedade de Exploração de Minas, Lda) e a Felmica (Sociedade Mineira da Carrasqueira, Lda).

O objectivo destes contratos é a redução da actual dependência da indústria de cerâmica de uma única fonte de abastecimento de feldspato de alta qualidade. A área atribuída à Felmica tem cerca de quatro quilómetros quadrados e situa-se no concelho de Penalva do Castelo (Viseu). À Cincominas foram atribuídas áreas que prefazem 98 quilómetros quadrados distribuídas pelos concelhos de Penedono, Penalva do Castelo, Sernacelhe e Satão (todos do distrito de Viseu) e Aguiar da Beira (Guarda).

Ouro e sulfuretos

Três outros contratos dizem respeito a pesquisa de ouro e de sulfuretos complexos. No primeiro caso, está envolvida a empresa canadiana Ramrod Gold Corporation, a quem foi atribuída uma áera de 468 quilómetros quadrados nos concelhos de Armamar, Tabuaço, S. João da Pesqueira, Meda, Penedono e Moimenta da Beira. De referir que se trata de uma zona que já foi produtora de ouro.

À Somincor foi atribuída uma área de 600 quilómetros quadrados para pesquisa de sulfuretos complexos maciços situada na faixa piritosa ibérica, no distrito de Beja. Trata-se de localizar jazigos a grande profundidade, o que implica grandes investimentos e alta tecnologia.

Finalmente, à Conasa (Companhia Nacional de Pirites, SA) foi atribuída, na área de Mértola, uma pequena área para prospecção e pesquisa tanto de metais nobres como de sulfuretos complexos.

Telefones com música ambiente

A interferência da rádio nas linhas telefónicas está a tornar-se cada vez mais frequente no nosso país, com o aparecimento das estações locais, problema que os CTT estão a tentar resolver substituindo os traçados telefónicos aéreos... mas a manobra custa, em média, 110 contos por quilómetro.

A interferência da rádio na linha do telefone dá-se sempre que esta é apanhada pela frequência. Segundo Isabel Santiago, do gabinete de Imprensa dos CTT, nestes casos, «a linha telefónica serve simultaneamente de receptor e de antena para as emissões de rádio».

O caso mais significativo é o de Pegões, onde o novo emissor de ondas curtas da RDP Internacional interfere nas ligações telefónicas locais.

«O facto deve-se aos traçados aéreos, que são linhas nuas, sem imunidade contra as ondas radioeléctricas», explicou Isabel Santiago.

O caso de Pegões não é único em Portugal, e «qualquer país da Europa terá sempre segmentos de traçados aéreos, que geralmente são as terminações mais extremas em relação às centrais digitais», afirmou Manuela, uma funcionária da empresa.

«Neste momento foram diagnosticados novos casos de interferência de emissões de rádio na linha telefónica em Cabo Nú, devido ao aparecimento das rádios locais», acrescentou a mesma funcionária.

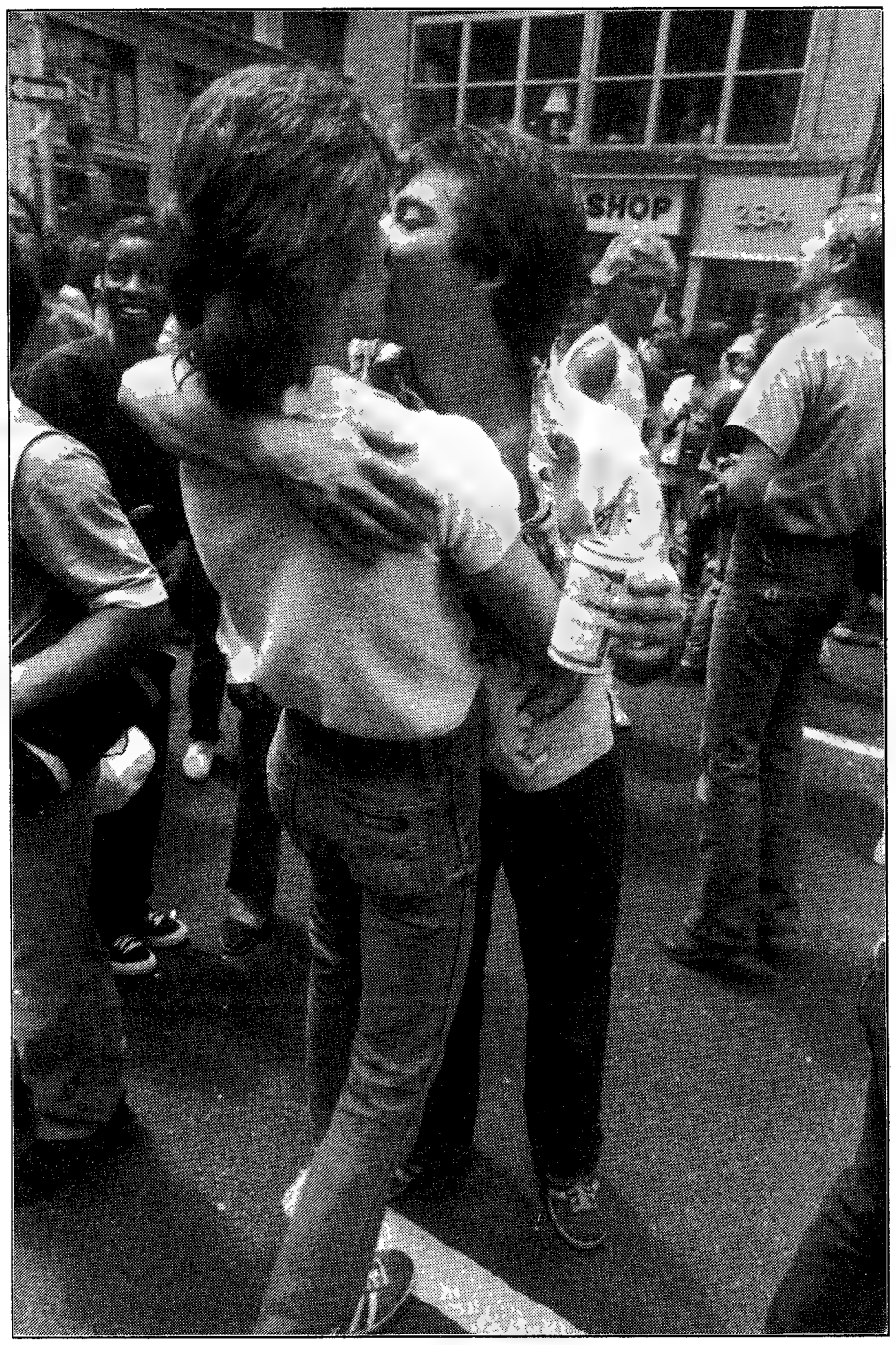
A linha telefónica montada em Cabo Nú é um sistema antigo em que o cabo, em cobre, não tem isolamento e por isso está receptivo à radioelectricidade. «Em Pegões as emissões de onda curta que se escutam quando lavantamos o auscultador do telefone estão a ser isoladas da linha através da montagem de uma bobina», disse Isabel Santiago.

«Se resultar, a situação pode considerar-se resolvida, dispensando a substituição do traçado aéreo, que custa aos CTT cerca de 110 contos por quilómetro», acrescentou.

QUOTIDIANO

Os sexólogos tiraram o rótulo de perversão à homossexualidade. A sociedade não se conforma. O rebanho rejeita as ovelhas tresmalhadas. O princípio da realidade tenta triturar o princípio do prazer individual. A Igreja Católica, essa, vai falando de amar os desviados

O prazer e a realidade



A homossexualidade está muitas vezes ligada a comportamentos estereotipados. O exibicionismo reforça a ideia subjacente à sociedade de que a relação entre seres do mesmo sexo é pecaminosa, perversa

Sociedade tirana. Cerceadora dos desejos interiores. Os mais obscuros, mais subversivos foram, desde sempre, os sexuais. Os psicólogos e psiquiatras mostram-se relutantes a admitir o rótulo de desvios. Onde pára a normalidade? Não sabem. Surge inevitavelmente a palavra homossexualidade. Perante ela as dúvidas dissipam-se, as opiniões convergem: longe vai o tempo em que era considerada uma patologia, uma perversão.

Foi na terça-feira à noite que o auditório da reitoria da Universidade do Porto acolheu mais de duas centenas de jovens que participaram num encontro promovido pela Associação de Estudantes da Faculdade de Psicologia das Ciências Educativas subordinado ao tema «Desvios sexuais - onde pára a normalidade?». Moderado pelo sexólogo Machado Vaz, o debate contou com as intervenções de Freitas Gomes, da Faculdade de Medicina do Porto, três especialistas do Centro de Atendimento a Toxicodependentes - Manuela Brito, J. Severiano e Paulo Borga - e de frei Bernardo.

O debate foi aceso e longo. Prova de que estes assuntos tem audiência garantida, dada a escassez com que os debates se realizam. Analisaram alguns dos comportamentos sexuais ditos bizarros que, com maior ou menor incidência, sempre fizeram parte do comportamento humano: fetichismo, necrofilia, exibicionismo, travestismo, voyeurismo, zoofilia, sado-masoquismo e incesto, foram alguns dos evocados.

Para Machado Vaz os limites do desvio da dita normalidade devem ser questionados. «Será que os próprios conceitos de masculinidade e feminilidade não passam de meras construções sociais?», interrogou-se o psicólogo. Procurou durante a sua intervenção demonstrar como a homossexualidade, hoje condenada pela comunidade, atravessou fases opostas. Na Grécia Antiga era sintoma de virilidade, há dois séculos levava às fogueiras da Inquisição. São as intensas pressões e a segregação social, na opinião de Paulo Lorga, que conduzem os homossexuais ao apelo clínico. Por isso, considera, que «o desvio começa na altura em que os outros apontam o dedo acusador». A comunidade, inconscientemente, gera o comportamento que abomina. A condenação à cadeia, assumida como punição, impõe-se muitas vezes como via para tal postura.

Para o sexólogo, «vivemos numa sociedade falocêntrica , onde a própria homossexualidade feminina é desvalorizada e ignorada, não só porque é fluída mas também porque é incompreensível ao homem».Woody Allen, no seu filme «Manhattan», caricaturizou a situação: a mulher abandona-o por outra mulher e ele aparentemente diz ter aceite o infortúnio. Eis quando senão a mulher lhe faz a pergunta-chave: «Então porque tentaste atropelar a minha amiga?»

O médico Freitas Gomes levantou, por fim, a lebre da função educativa da sociedade. «Será liberdade apresentar todos os modelos sexuais para que o indivíduo escolha o certo? Até que ponto a sociedade deverá transmitir alguma norma de orientação?».

Analisar a sexualidade em geral e os desvios em particular é entrar no longo caminho da humanidade, entroncada na tradição judaico-cristã. E já Freud, o «pai» da psicanálise, falava no difícil equilíbrio entre o princípio do prazer (Eros)e o princípio da realidade.

Paula Sá

O sexo dos anjos

Propuseram-lhe falar sobre o sexo dos anjos e ele preferiu falar do dos homens. Machado Vaz, fâ-lo na Rádio Nova,do Porto, um hora por semana. O sociólogo procura, a todo o custo, o contacto com o público.

"O Sexo dos Anjos", claro, é o nome do programa. Os telefonemas, as cartas, as questões vêm sobretudo das mulheres e, entre elas, as adolescentes são as que mais solicitam apoio. Os homens também o fazem, em menor escala, menos ansiosos pela resposta.

Ainda hoje a discussão sobre o sexo é mais livre entre eles. Socialmente é reprovável que uma menina de boas famílias fale do seu próprio corpo, como se fosse pecado, heresia, evocar tal matéria. «Já me aconteceu várias vezes estar a falar ao telefone com uma das minhas ouvintes jovens e, de repente, elas dizerem: " Tenho de desligar... chegaram os meus pais!"», conta o sexólogo.

Machado Vaz frisa que "é fascinante ver nas entrelinhas das cartas o espectro, o medo, da eventual proibição do programa". Acrescenta: "Temos uma sociedade ávida de informação sexual e, ao mesmo tempo, cerceada intelectualmente pelos fantasmas da repressão».

P.S.

Frei Bernardo

«Amar os desviados e não os desvios»

Formado em psicologia e filosofia, frei Bernardo é popular nos meios académicos portuenses, pelas suas posições liberais atendendo à sua condição de membro da Igreja Católica. "Um vendedor de aulas", como ele próprio se classifica, na Universidade Católica e na Faculdade de Psicologia, este padre dominicano, da Ordem dos Pregadores, nunca se furta ao debate dos temas ainda tabu para a instituição que representa.Muitos anos de experiência nos meios juvenis , traduzem-se na resposta pronta, no arriscar a opinião pessoal...

Diário de Lisboa -Como é que a Igreja Católica encara a sexualidade? Ainda se bate pela ideia do sexo "sujo" e "fonte de pecado"?

frei Bernardo - Os princípios éticos da Igreja são claros e estabelecem a distinção entre sexualidade e genitalidade (a prática sexual):a comunicação física é reservada ao casamento. É aqui que a Igreja é restritiva, pois para ela não basta amar para se consumar o acto sexual, é preciso assumir através do casamento esse amor.

DL - *Então para a Igreja continua a prevalecer a ideia de acto sexual, não como fonte de prazer, mas como via para a fecundidade?*

fB.- Claro que se pensa ainda em termos de fecundidade, mas é errado apontar à Igreja apenas essa perspectiva. Então ela teria que condenar todos os casais infecundos e os que praticassem sexo após a menopausa...

DL- *Terá sido a Igreja obrigada a rever algumas das suas posições face ao desenvolvimento da sociedade, parcialmente a "reboque" dos novos conceitos de sexualidade?*

fB.- Não me parece.A Igreja teve realmente um papel repressivo, sobretudo na Idade Média, neste campo, e isso não pode ser desinserido do contexto histórico. É normal, que hoje reveja algumas dessa posições mais intransigentes.

DL - *Mas ela ainda continua a ser intransigente , por exemplo, face aos homossexuais*

fB. -Santo Agostinho teve uma influência muito grande na doutrina cristã no referente as questões sexuais. A sua visão, muito pouco liberal, era a de que o sexo era um mal necessário, sem qualquer valor. Daí que o Direito Canónico, antes da reforma do Vaticano II, encarasse o casamento exclusivamente como meio para a procriação e um travão à imoralidade.

DL - *Mas isso não a impede de continuar a condenar, como pecadores, os indivíduos que por opção se assumem como homossexuais*

fB.- A Igreja faz a distinção entre o normal e o anormal.Não julga as pessoas individuais, julga os comportamentos sociais. A homossexualidade não é encarada como um pecado em si,a sua promoção já o é. Trata-se de um desvio a norma, sem conotações morais. Mesmo Santo Agostinho dizia «amar os viciados e não os seus vícios». Eu diria que devemos amar os desviados e não os seus desvios.

P.S.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Doutor Luís Maria Vaz das Neves, Juíz de Direito do 3.º Juízo — 2.ª Secção do Tribunal de Família de Lisboa;

FAZ SABER que por este Juízo e Secção, nos autos de Divórcio Litigioso — Processo n.º 7108 em que são autor JOSÉ MANUEL PESSOA LOPES DUARTE, residente em Casal do Pinto, n.º 202 Picheleira — 1900 LISBOA e réu MARIA ISABEL ROCHA MARTINS DUARTE, com última residência conhecida em Casal do Pinto n.º 167 — Picheleira — 1900 LISBOA e ora ausente em parte incerta, correm éditos de 30 dias (TRINTA), contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a referida ré para, no prazo de 20 dias, decorridos os dos éditos, contestar, querendo, os pedidos de divórcio litigioso e de Apoio Judiciário que lhe move o seu marido José Manuel Pessoa Lopes Duarte, pelos motivos constantes da petição inicial e cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção, onde poderá ser levantado.

O autor baseia o seu pedido de divórcio nos termos do art.º 1779 do Código Civil, e o de concessão do benefício do Apoio Judiciário na carência de meios económicos.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1990

O Juíz de Direito
Luís Maria Vaz das Neves

A Escriturária
Maria de Fátima F. Cóias

DL 18/1/90 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

Proc. 4034

ANÚNCIO

Faz saber que por este Tribunal correm éditos de trinta dias que começarão a contar da data da tentativa de conciliação, citando o Réu José de Oliveira dos Santos Dias, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Avenida da República, 52-1.º andar E na Parede, para comparecer pessoalmente neste Juízo e na 1.ª Secção no dia 14/2/90 pelas 10 horas, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação nos autos de acção de despejo que lhe são movidos por José das Neves Garcia e Luís das Neves Garcia, residentes na Rua Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, n.º 14-7.º esq.º em Lisboa, e ainda para, no caso de não comparecer qualquer das partes — o que não é motivo de adiamento, ou de não se obter o acordo, contestar, querendo, a acção no prazo de dez dias, a contar daquela data e findo o prazo dos éditos, no qual o autor pede que seja decretado o despejo imediato da fracção autónoma 1.º andar e duplex dum prédio sito na Avenida da República, 52 e na Rua José Relvas, freguesia da Parede, descrito sob o n.º 3927 do livro B-12, tudo como melhor consta do duplicado da petição, o qual se encontra à disposição do citando na Secretaria Judicial deste Tribunal.

Cascais, 11/1/90

O Juiz de Direito
Ilegível

O Escrivão Adjunto
Ilegível

«DL» 18/1/90 — 1.ª Pub.

DL FOI AO HOSPITAL-PRISÃO DE CAXIAS

Enquanto aguardam uma decisão do tribunal que possa pôr fim ao seu jejum voluntário, os cinco elementos do caso FUP/FP-25 tornam públicas as suas acusações a Otelo. Criticam as negociações que a maioria dos seus antigos companheiros de processo realizaram com o Poder, as quais, segundo eles, já levaram alguns à liberdade. A intransigência é a sua certeza. Querem ser uma bandeira para o futuro

Grevistas da fo rompem com O

Teodósio Alcobia, Manuel do Couto Ferreira, Alibino Mendes Pinto e Maria Helena Carmo. A solidariedade militante

Apesar das atenções da opinião pública se encontrarem polarizadas no braço de ferro entre os detidos e as instituições estatais e tribunais, os cinco grevistas da fome do processo FUP/FP-25 quiseram priveligiar o esclarecimento duma situação interna na entrevista que concederam ao DL .

Antes mesmo da primeira pergunta lhes ter sido posta, afirmaram que queriam fazer uma declaração. O papel de porta-voz coube a Teodósio Alcobia, que foi directo ao assunto: «A partir deste momento, assumimo-nos como célula revolucionária dentro deste processo (FUP/FP-25). Nunca negociámos com o Poder nem queremos negociar. Mantivemo-nos coesos nas nossas convicções e assim continuaremos»

Participaram na entrevista Aldino Mendes Pinto (A. M. P.), José Ramos dos Santos (J. R. S.), Manuel do Couto Ferreira (M. C: F.), Maria Helena Carmo (M. H. C.) e Teodósio Maria Alcobia (T. A.).

DL – Porquê a partir deste momento?

T. A. -- Trata-se de assumirmos publicamente o facto. Na realidade, sempre o fomos e sempre agimos dessa maneira. Queremos afirmar que a partir deste momento não vamos mais manter-nos passivos perante as posições dos que claudicam face ao Poder.

DL – A vossa demarcação realiza-se concretamente em relação a quem?

T. A. – Relativamente aos outros presos do processo. Nós não fizemos declarações nos tribunais nem nunca negociámos com qualquer director de cadeia ou o director-geral dos Serviçoas Prisionais. Mantemo-nos fieis às nossas convicções: a revolução socialista e o poder popular. Eles deixaram de defender esses princípios; começaram a vender-se à social democracia.

DL – Nesta fase dos acontecimentos, o que é que, neles, vos suscita particularmente crítica?

T. A. – Temos muito respeito pelos revolucionários que praticam a luta armada. Nas negociações que têm sido feitas para a saída da cadeia alguns querem é ir tratar dos filhos... Ora, eu estou condenado por ser militantes das FP-25.

DL – O Poder tem-lhes feito propostas?

A. M. P. – Não. Nunca tivemos qualquer proposta, nem a aceitaríamos.

DL – Sentem-se traídos por Otelo?

T. A. -- Um princípio revolucionário antigo diz que o revolucionário quando é preso não deve falar. Ele fez o contrário: falou na polícia, falou no tribunal, o que traduz uma estratégia À imagem que ficou de tudo isto era de que uns eram santos e outros diabos. Otelo, em tribunal, disse quem pertencia à organização. Disse, desiganadamente, que eu estava na FUP e que tinha ido para as FP-25. Disse, afinal, tudo o que um revolucionário não deve dizer e nada do que um revolucionário tem de dizer. Eu não me sinto atraiçoado por ele porque é um militar e afinal ele defende a sua casta . Foi, para mim, um companheiro de percurso, mas só até determinada altura. A partir desse comportamento em tribunal deixou de ser meu companheiro. Como revolucionário deixou de ter qualquer espaço, talvez o possa vir a ter no PS.

DL -- E vocês? Têm espaço?

M. H. C. -- Continuamos a manter os princípios básicos desta área ideológica. Reconhecemos que neste momento o movimento de massas vive um refluxo, mas é uma situação já conhecida dos revolucionários noutras épocas. Temos que retomar o trabalho ideológico com mais persistência e continuidade.

DL – Isso quer dizer que reconhecem que a acção armada foi extemporânea?

T. A. -- Não sendo católicos, podemos dizer, no entanto, que a acção armada é uma questão sagrada para nós, revolucionários. Mas as condições políticas são determinadas, de facto, pelas lutas dos trabalhadores. Hoje não podemos dizer se há ou não condições. Na Alemanha, por exemplo, a luta foi interrompida e depois voltou.

DL – Mas, na vossa perspectiva, as acções armadas foram ou não extemporâneas? Chegaram ou não a essa conclusão?

T. A. -- Como é óbvio, tenho estima e admiração pelos companheiros que travaram a luta política. Mas eu, preso há três anos e meio, não tenho condições para saber se havia ou não condições.

J. R. S. -- É verdade. Recordo no entanto que em 1980, quando surgiram as FP-25, havia muitos desempregados, salários em atraso e inúmeras desocupações na Reforma Agrária...

T. A. -- Honestamente, assim, não o podemos dizer. O que afirmamos é que, feitas fora dos movimentos sociais e das lutas dos trabalhadores as acções armadas não levam a lado nenhum.

DL -- Consideram-se então a semente para outros retomarem a luta política?

M. H. C. -- Não serão outros. Nós estamos prontos.

T. A. -- Sim, nós somos sementes de futuro. Sabemos que a forma vergonhosa como isto vai acabar -- a entrega de organizações e de armas por alguns -- faz com que a nossa posição política constitua uma réstea de esperança. Quando sairmos, de espinha erguida, seremos uma bandeira.

A. M. P. -- Há muito que previámos a extinção das FP-25. Desde 86 que já não há nada. Os dirigentes tomaram o caminho das entregas. Vão acabar de

«Temos que retomar o trabalho ideológico com mais persistência e continuidade»

GREVE DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

Face ao pré-aviso de greve apresentado à ANA, E.P. - Aeroportos e Navegação Aérea, pelo SINCTA - Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo - que que levará à paralisação em Portugal do transporte aéreo, das 00.00 H do dia 19 às 24.00 H do dia 21 de Janeiro de 1990, a TAP AIR PORTUGAL vê-se obrigada a cancelar a sua operação de voos domésticos — Porto e Faro, assim como dos voos internacionais durante este período.

Os voos de e para as Regiões Autónomas dos Açores e Madeira serão, no entanto, mantidos.

Serão ainda reforçados os voos da Transportadora Aérea Nacional, à saída de Lisboa, na segunda-feira, dia 22 de Janeiro de 1990.

TAP AIR PORTUGAL
DIRECÇÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

fome Otelo

forma inglória, de joelhos.

DL – No Leste europeu havia experiências que vos agradavam?

M. C. F. – Nós e a esquerda revolucionária há muito que vínhamos denunciando essa situação como desviada do socialismo. Foi aí imposto ao povo o modelo do centralismo burocrático do partido. Os regimes ligaram-se ao capitalismo ocidental como tábua de salvação. Pensamos que amanhã irão surgir nesses países elementos que irão lutar pelos trabalhadores e pelo poder popular.

DL – Não há qualquer modelo socialista que considerem bem sucedido?

A. M. P. -- Encaramos positivamente as tentativas de aperfeiçoamento do regime conduzidas por Tito para sair das amarras do estalinismo, o que não conseguiu por estarem dependentes e devido ainda à posição geográfica do país e à autogestão. Temos também a experiência da América Latina, onde se verificou uma confluência das forças que lutam pela tomada do poder, ao contrário do partido único.

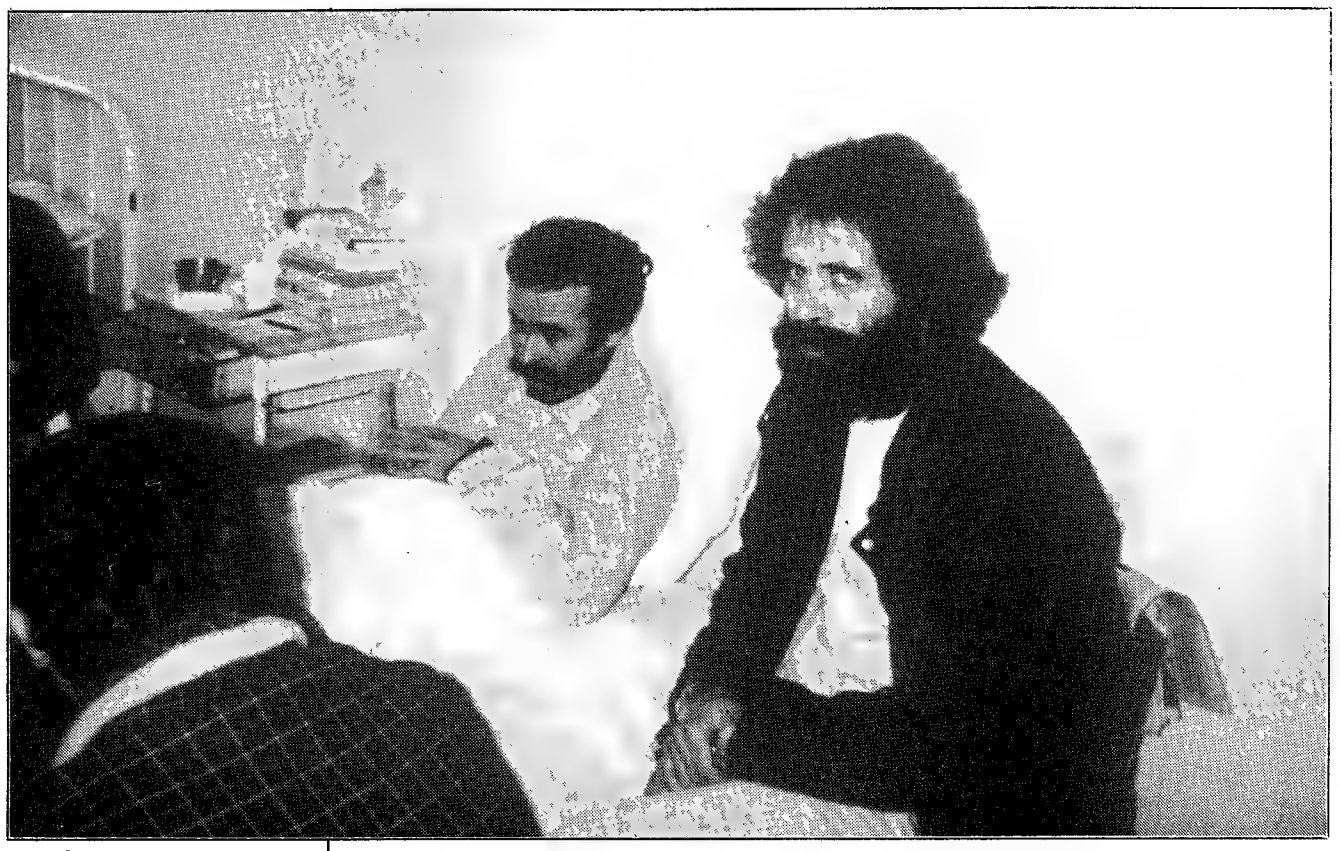
DL -- Isso recorda a experiência de Che Guevara que, no entanto, acabou isolado...

A. M. P. -- Não foi isolado. Foi sim vítima dos partidos estalinistas que pretendem ser os únicos. Ele sofreu a divisão, não a exclusão.

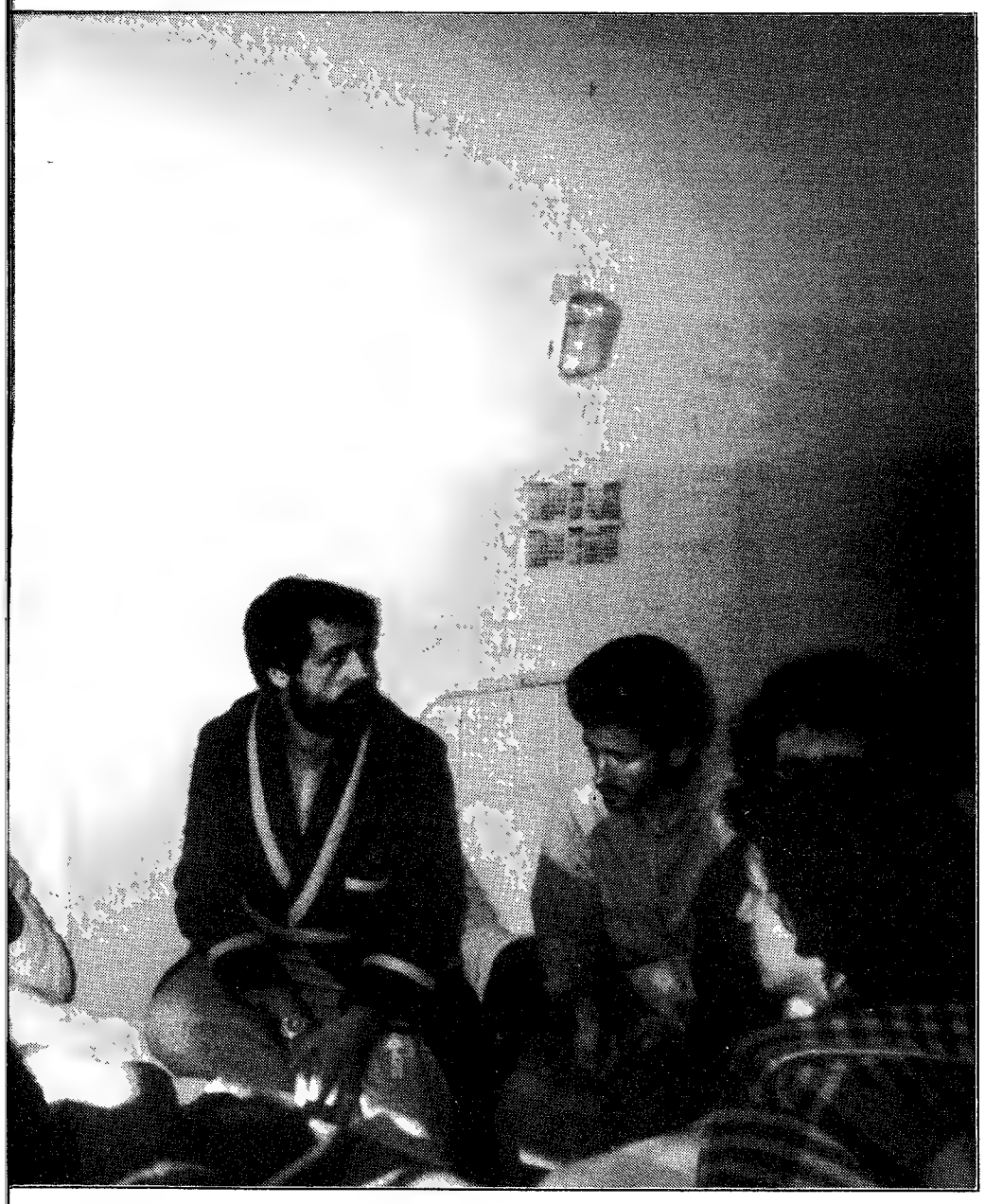
M. H. C. – As derrotas são ensinamentos para o futuro; o que está em causa é sabermos ver os erros.

J. R. S. – Independentemente das derrotas, temos uma certeza: o socialismo só é construído através das massas trabalhadoras e dos seus organismos. Se nos perguntarem como, não temos resposta neste momento, mas consideramos mais correctas a experiência da revolução soviética até Estaline e também as propostas de Rosa Luxemburgo.

José Luís Feronha



José Ramos dos Santos (à esquerda): «Uma pedrada no charco»



A exigência de igualdade

Na ampla sala do Hospital prisional de S. João de Deus onde os cinco se encontram com o jornalista, a conversa, embora franca, é codificada. Mais uma vez, o que é dito resume-se ao que convém que seja ouvido e divulgado. No entanto, ao contrário do que acontece geralmente quando se fala com um político, os bastidores do diálogo não são constituídos por elementos informativos que iriam necessariamente prejudicar a posição do entrevistado. Entre os adeptos de determinadas doutrinas políticas as coisas são assim. E neste caso, trata-se duma questão que pode conduzir à morte, sem apelo nem agravo.

Os homens e a mulher que se solidarizaram com José Ramos dos Santos afirmaram-nos que, caso sejam libertados, não querem «ir para casa tratar dos filhos ou plantar eucaliptos», na expressão de Teodósio Alcobia. Defendem abertamente a luta revolucionária.

Quem os conhece bem, na intimidade, sabe que eles já chegaram à conclusão que as acções armadas conduzidas nas circunstâncias em que as praticaram estavam condenadas ao fracasso. O tempo é, para eles, actualmente, de acção política.

Como gostariam que o seu caso acabasse? «Com coerência política» respondeu, também, Alcobia. Mas não renegam nada, nem sequer admitem publicamente que enveredaram por um caminho errado.

«No que respeita à nossa libertação, face ao que aconteceu aos pides e a bombistas, também deveríamos ser libertados» diz ainda Alcobia, que no entanto acrescenta: «nós não pedimos, nem temos que pedir nada».

A batalha trava-se no plano da igualdade de direitos. «Otelo foi libertado», diz Aldino Mendes Pinto. Pergunta: «então, quantas leis existem em Portugal?» E de novo, a acusação-conclusão: «houve um acordo judicial e político para o libertar».

O remate político é desferido pelo próprio Ramos dos Santos, há 39 dias em greve da fome, exigindo a libertação sob o pretexto de ter concluído os três anos de prisão preventiva estipualdos pela lei: «Isto acaba por ser bom. É uma pedrada no charco: deixaram os presos anticapitalistas no cárcere e os outros sairam. Esta célula revolucionária reivindica simplesmente que para acusação igual haja libertação igual».

Ao mesmo tempo que a posição de princípio é reiterada, outra batalha se passa no domínio judicial para tentar evitar o pior.

Por um lado, segundo nos informou um elemento da comissão Solidariedade Contra a Repressão (SCR), os três juizes do tribunal de Évora mostraram-se dispostos a reapreciar o recurso avançado já há tempos pela advogada de Ramos de Santos, Lídia Leitão Correia, para libertação do arguido, tendo em conta o excesso do prazo de prisão preventiva -- três anos. Neste domínio, os elementos da SCR estavam esperançados numa decisão favorável que poderia acontecer nestes dias, apesar do Supremo já ter recusado dois pedidos de *habeas corpus*.

Além disso e numa tentativa paralela , a advogada meteu um requerimento ao juiz do tribunal de Évora Paulo Rijo Ferreira para libertação de Ramos dos Santos, com base na deterioração do seu estado de saúde. Este magistrado é o único dos juizes das 27 comarcas onde o arguido tem processos pendentes que entendia que Ramos dos Santos não deveria sair em liberdade. No entanto, teria mostrado ultimamente uma certa abertura , o que explica a iniciativa.

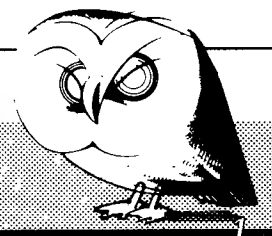
Contrariamente às expectativas mantidas inicialmente por membros da SCR, este processo complicou-se. Segundo as mesmas fontes, na sexta-feira passada, o juiz recebeu a ficha clínica do detido e enviou telegramas solicitando mais elementos. Exigiu contudo que Ramos dos Santos fosse submetido a exame por médicos do Hospital de Santa Maria, dispensando, assim, os pareceres do corpo clínico do hospital prisional. E apesar da urgência intrínseca a um caso destes, nos dias que se sucederam à solicitação, o Hospital de Santa Maria não dispos de ninguém para realizar o exame -- afirmou-nos uma fonte da SCR.

Os detidos em greve da fome são muito cáusticos nos comentários que fazem a esta situação. «Actualmente, é-se julgado a pensar que o juiz de Évora é o homem mais poderoso deste país», sublinhou-nos Teodósio Alcobia. Não encaram recuos. «O Poder ficará, de certeza absoluta, com um cadáver nas mãos , por causa da legalidade», conclui.

J.L.F.

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
VW
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA



olhar de mocho

Receita de marmelada

Em relação à Rádio já não se pode falar de marmelada nacional. Existem as rádios locais, a TSF é notícia, a cadeia nacional faz manchetes, e por mais que a Emissora Nacional mude de nome, já quase ninguém a conhece (a PIDE não mudou com o baptismo em DGS, a TAP também não, com a Air Portugal).

Nos noticiários da RTP é que ainda vigora a receita da marmelada nacional. Em geral, a receita funciona assim: por cá está tudo bem, a calmaria explica-se pela falta de ventos, notícias nacionais são ou relativizadas ou despoletadas, não há motivos para alarme quando a Madeira é vítima de peste ecológica, e sobretudo, os grandes problemas estão no Leste. O importante é não dramatizar nada da realidade nacional: alunos universitários sem aulas nem postos de estudo é um problema em vias de solução, e mesmo o preço da alface supera em muito o do monopólio da televisão. Se o repórter estivesse no satélite, ele olharia para o mapa-mundi da Europa e relataria: nos países de Leste reina a fervura, na praia atlântica uma grande panela de marmelada fria. Ora aqui importa distinguir entre calmaria por ausência real de ventos, e falta de ventos por estes terem sido silenciados. Nos comentaristas internacionais que abordaram as transformações no Leste, fala-se a cada passo no papel decisivo da Televisão para o despertar das consciências populares. Aqui, na RTP, retira-se da circulação o problema da televisão privada e impinge-se até à náusea o «Clube dos Subscritores» que é outra variante da receita da marmelada nacional: pague a taxa que em troco recebe, não uma televisão pluralista, crítica, disposta a aguentar a carga das concorrências, mas sim uma moto, um vídeo ou uma viagem a Acapulco. O fundamental é que ninguém repare no gato por lebre ou enjoe a marmelada.

Por motivos deontológicos não posso imitar, neste ponto, a ideia da Lisístrata de Aristófenes que com as colegas fez greve de amor até que os maridos desistissem de fazer guerra, embora para uma greve à taxa se encontrassem facilmente fundamentos legais. Mas é mais importante que também não se deixe a Televisão fazer greve à concorrência dos canais privados e abocar os juros mais o capital.

Convém, por isso, recordar que não somos nós, telespectadores críticos e que reivindicam o direito cívico do pluralismo informativo, quem defende a lei da selva. Essa lei é-nos imposta como norma de vida: na RTP ainda vigora uma espécie de doutrina de Brejenev que faz da força a mãe do servilismo. Agora que o derrube dessa doutrina é exaltado, não poderia a RTP fomentar mais, portas a dentro, o espírito de Leste da revolução pacífica de 1989?

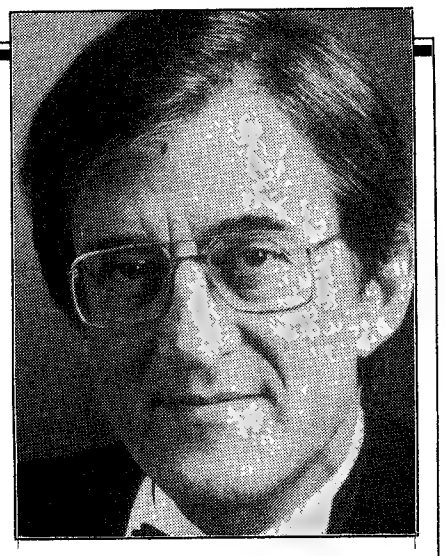
NOTA: O conceito «marmelada nacional» aqui referido foi escrito neste mesmo jornal, «Diário de Lisboa», a 3 de Novembro de 1933 por Almada Negreiros.

N.R.: O texto de José d'Almada Negreiros a que Sousa Monteiro se refere intitula-se «Manha e falso prestígio - Os dois males de que sofre a vida portuguesa», onde o autor escreve a dado passo: «Declaremos a guerra ao empenho, à cunha, à apresentação, ao salamaleque, à porta travessa, à *côterie*, às amizades e às inimizades pessoais, e a toda essa gama de pechotice que medra e faz medrar a marmelada nacional.»

José S. Monteiro

Crítica de música

Sequeira Costa: um Schumann magistral



De há muito que Sequeira Costa nos habituou a que cada recital seu constitua uma superior e completíssima manifestação de arte pianística, no que esta implica de técnica magistral, no auge das suas potencialidades, aliando-se a um amadurecimento interpretativo, feito de vigor e reflexão certamente, mas sem postergar a finura e a intensidade expressiva.

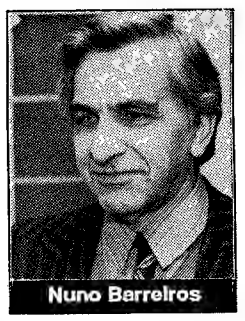
Uma admirável lição de seriedade se desprende de cada versão do nosso grande pianista: nenhuma concessão ao efeito fácil e, ao mesmo tempo, um constante aprofundamento na valorização de um pormenor de sonoridade ou de fraseio, no estabelecer mais subtil de uma concepção global.

No entanto, todo este processo de «aprofundamento» (estilístico, cultural, humanista) não incorre em qualquer tendência à frieza, antes se foi afirmando, e continua a afirmar-se, numa maior densificação (passe o termo) do conteúdo emocional.

Dir-se-á que, na evolução de Sequeira Costa, quase se esbate a distinção entre apolíneo e dionisíaco (para me reportar a conceitos mais ou menos nietzscheanos que se tornaram referências generalizadas), de tal maneira nas interpretações do nosso compatriota se combinam ou alternam euritmia e violência, pujança sonora e serenidade, lirismo e dramatismo.

Nunca, porém, se alberga ali o sentimentalismo ou o «pathos» descabelado. Sequeira Costa cultiva uma arte robusta e sensível. E cada vez mais matizada e humanisticamente enriquecida.

Isto verificou-se no recital, inteiramente consagrado a Schumann, que acaba de dar no Auditório Gulbenkian. Só um intérprete de grande classe e plenamente amadurecido conseguiria estabelecer tão certeiramente a diferenciação climática e entre as três obras escolhidas: fluência sugestiva nas *Cenas da floresta*, os extremos de envolvência ou de sarcasmo no *Carnaval de Viena* e a maravilhosa e tão variada gama de impressões e evocações, as mais contrastantes, nesse fresco caleidoscópico que é o *Carnaval op. 9*. Só um pianista-intérprete na plena posse dos seus recursos seria capaz de comunicar e fazer ecoar em nós tão admiravelmente uma mensagem tão rica de cambiantes como a que se patenteia nas três citadas obras de Schumann.



Nuno Barreiros

Os aplausos entusiásticos, e justíssimos, levaram a um extra. E magnífico. Mas desta vez fora do mundo schumanniano.

Uma soberba incursão em Albeniz, de um colorido, uma nervosidade rítmica e uma exuberância calorosa verdadeiramente inesquecíveis.

É reconfortante poder falar assim!

Nova Filarmonia Portuguesa: o concerto número 250

O Convento do Beato, novo espaço da vida cultural lisboeta, será pela primeira vez palco, amanhã, para a orquestra da Nova Filarmonia Portuguesa, no espectáculo da estreia do Coro Sinfónico da Nova Filarmonia Portuguesa em Lisboa. O programa será especial e inclui obras de Bach (Oratória do Natal) e de Haendel (O Messias) em fim de época festiva. Trata-se do 250º concerto da N. F. P. Nos próximos dias 20 e 21 a orquestra estará, respectivamente, em Santarém e no Seixal.

Aquele que será o último da série iniciada em Fevereiro do ano passado nos "Concertos para Jovens", e levada a efeito um pouco por todo o país, realiza-se em Matosinhos, no dia 26 do corrente mês, na Igreja de Fátima.

Nos oito "Concertos para Jovens" realizados, assistiram cerca de 12 mil jovens estudantes, sendo o número total calculado em 60 mil.

Depois do concerto programado para Vila Nova de Gaia e do concerto comemorativo do Bicentenário da Sandeman, a orquestra regressa a Lisboa para só voltar ao Norte a 19 de Fevereiro, no âmbito desta 9ª série nacional de concertos: será em Braga, na Sé Catedral.

Os dias 2, 7 e 8 de Fevereiro são datas já agendadas para concertos no Estoril, Lisboa e Queluz, a realizar respectivamente no Hotel Sintra-Estoril, Sociedade de Geografia e Palácio Nacional.

Pintura de Noronha da Costa na Galeria Nasoni

Luís Noronha da Costa volta a expor na Nasoni, mas desta vez no espaço que esta galeria do Porto abriu no príncipio da época na Praça de Espanha.

Em entrevista à «Mosca» de dia 5, o pintor disse que retoma "alguma problemática de trabalhos mais antigos, ou seja; do écran e da imagem". Ainda a propósito da exposição que inaugura esta noite,

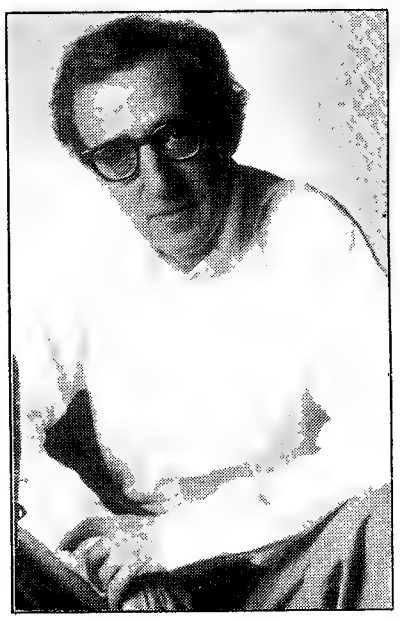
Noronha da Costa afirmou que procura "analisar, não tanto a representação da natureza como tal, mas a natureza da própria representação".

Porque o que interessa ao pintor é o que considera "o puro acto gratuito de pintar, e verificar que, apesar de tudo, dentro dessa natureza da representação o que está é o prazer de pintar, e esse prazer é inútil".

BREVES

O teatro está para os gordos!

Lembrando um pouco as iniciativas do antigo Clube Bucha e Estica, que proporcionava aos gordos os encontros e felicidades que o mundo real não lhes permitia, resolveu Mário Viegas, encenador da peça actualmente em cena no Ritz Clube, precisamente «O Regresso de Bucha e Estica», fazer uma excepção e permitir um privilégio. Este, porque hoje faria 93 anos Oliver Hardy, o Bucha, se ainda estivesse vivo: quem prove ter mais de 90 quilos, cuidadosamente pesados à porta do Ritz lá pelas 21 e 30, não paga entrada. Vê o teatro, bebe uns copos e talvez se convença de que a obesidade tem as suas vantagens.



Woody Allen defende-se

Woody Allen, o célebre actor e realizador de cinema, contestou num artigo ontem publicado na revista judia de esquerda «Tikkun» as acusações que os extremistas bíblicos lhe vinham fazendo desde que publicamente criticou os actos de violência perpetrados pelos soldados israelitas contra os palestinianos, nos territórios árabes ocupados.

Uma das críticas que lhe fizeram foi a de ser «um judeu que se odeia a si próprio», mas respondeu-lhe assim na prosa citada: «Se é verdade que sou judeu e que não gosto de mim por aí além, isso não se deve à religião que professo.

As razões são totalmente de outro tipo, como, por exemplo, aquilo que pareço quando acordo ou o facto de nunca poder ler um mapa de estrada.»

CULTURA E ESPECTÁCULOS

O primado da correlação

*Ou a **Jangada de Pedra** à deriva na piscina do Auditório 3 da Gulbenkian, numa sessão divertida em que o humor se sobrepôs ao Jurássico e a ciência à irritação*

Que a Geologia é uma ciência de ponta, não restam dúvidas. Especialmente para um tímido auditório que de certeza não confunde o granito com o calcário, a falha com a fissura ou a litosfera com o magma.

Por isso, se a geodinâmica interna não aqueceu a sala, a verdade é que o à vontade fez estremecer a clássica postura do discurso sobre placas tectónicas. Por mérito da Comissão Nacional da UNESCO e dos convidados que animaram a inauguração de um ciclo de conferências subordinadas à «Ciência e Tecnologia para o Progresso».

Aconteceu ontem ao fim da tarde, no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian. Com Helena Vaz da Silva a anfitriar, Mário Ruivo como «pivot» e três especialistas a dissertar: Carmen Virgili, António Ribeiro e Delfim de Carvalho.

Com o seu reconhecido charme, Helena Vaz da Silva especificou o objectivo: « a visibilidade pública da Comissão Nacional da UNESCO».

Para que não se confunda com «uma mera caixa de ressonância de projectos e iniciativas externas», nem com uma «super-estrutura sobreposta às instituições existentes».O que se pretende agora é uma atitude «estimuladora de ideias, multiplicadora de contactos, criadora de consensos».

O que esta inauguração augura pois, daqui até Abril, poderemos ouvir uma série de especialistas de renome internacional , como Gibert Long, Ulf Lie ou Joel de Rosnay dissertarem sobre « O Homem e a Biosfera», «As Ciências do Mar e a utilização racional dos oceanos» ou a «Ciência e Cultura: um humanismo de vanguarda».

A estrear, tivémos Carmen Virgili, da Faculdade de Ciências Geológicas da Universidade de Madrid, falando sobre a correlação geológica, um programa internacional da UNESCO. A professora lembrou à audiência que só agora é que se tornou evidente que a Humanidade compartilha uma casa comum, um espaço limitado, «um pequeno planeta dentro de um imenso espaço exterior e estranho».

Por outras palavras, disse que os grandes problemas da humanidade , como a poluição, enfermidades e a desertificação já não conhecem fronteiras, o que nos torna cada vez mais solidários e responsáveis.

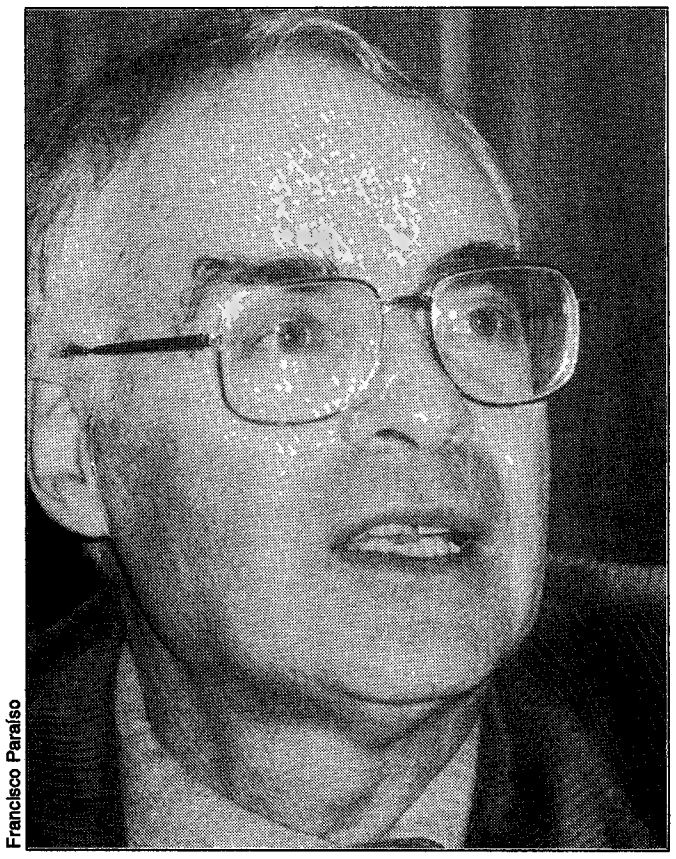
Daí, o facto de a comunidade geológica se ter reunido à escala internacional, em antecipação a outras comunidades científicas. O que, em números, significa 1 878 geólogos de todo o mundo em periódicas trocas de experiências e conhecimentos, ao abrigo do Programa Internacional de Correlação Geológica, desencadeado pela UNESCO em 1968 para fomentar e facilitar as investigações de âmbito internacional sobre, naturalmente, os problemas geológicos fundamentais.

O que passa, entre outros objectivos, pela utilização de meios mais eficazes de identificação e avaliação dos recursos naturais, energéticos e minerais ou pela compreensão dos factores de natureza geológica que condicionam o meio ambiente mundial, com vista a melhorar as condições de vida do Homem.

Uma exposição um pouco seca e monótona, rapidamente ultrapasssada pela vivacidade com que António Ribeiro, filho do famoso Orlando Ribeiro, abordou - em tempo recorde - factos bem vivos da geologia moderna como a prospecção mineralógica e o estudo e prevenção dos sismos.

Francisco Paraíso

O charme da anfitriã: Helena Vaz da Silva



Francisco Paraíso

Mário Ruivo: um eficiente *inter-face*

«Esmagar» o auditório

O professor do Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa optou por «esmagar» o auditório com uma projecção (com recurso a *slides* e transparências) sobre a descoberta dos hiper-ricos jazigos cupríferos de Neves-Corvo, no Alentejo, ou sobre os terramotos que devastaram recentemente a Arménia e a Califórnia. Não se coibindo de sublinhar o facto de a costa ocidental da Península Ibérica estar a ser «minada» pelo oceano Atlântico, fundamentando a «Jangada de Pedra»...

Menos espectacular, foi a sua abordagem da evolução geológica da Península Ibérica desde há cerca de 600 milhões de anos. Uma história bem contada, quase mirífica, condicionada pelo facto de, até há «apenas» 250 milhões de anos, se terem aberto e fechado os oceanos Proto-Atlântico e Proto-Tétis e , depois disso, o Atlântico se ter aberto e o Tétis se ter aberto e fechado...

Dada a rapidez da exposição, o auditório não compreendeu lá grande coisa mas, no fundo, reteve que esta «evolução geológica, conhecida e actualizada graças ao trabalho de gerações de geocientistas, vai condicionar a caracterização dos recursos naturais do sub-solo e a caracterização dos riscos naturais a que o território está sujeito».

Como compreendeu que as ciências da terra contribuiram, decisivamente, para o «aproveitamento dos variados recursos naturais do sub-solo português: metálicos (sulfuretos polimetálicos, volfrâmio, estanho e ouro); não-metálicos (pedras ornamentais, areias, argilas, etc.); energéticos (urânio, carvão, geotérmia e lítio).

No que toca aos sismos, também ficámos a saber que a «caracterização dos riscos naturais deve atender à posição geodinâmica actual do território, junto da fronteira entre a placa Eurasiática e Africana e da possível margem activa oeste-ibérica». Isto é, uma situação que «vai condicionar o risco sísmico em Portugal e Açores, com implicações no planeamento regional e urbano e na implantação e projecto de obras sensíveis de engenharia civil, e condicionar o risco vulcânico nos Açores e Madeira».

Mas importante, mesmo, esta conclusão: « Para além da caracterização geológica e geofísica do território, os geocientistas têm contribuído , através da cooperação com a comunidade científica internacional, para uma melhor caracterização da evolução recente do Planeta, que hoje só pode ser entendida à escala de todo o globo se quisermos minimizar o impacto da actividade humana, cada vez mais intensa».

Neves Corvo

A comentar, surgiu depois Delfim de Carvalho, director dos Serviços Geológicos de Portugal. Que fez questão em salientar a importância científica de uma descoberta (por sinal portuguesa) como Neves-Corvo - « a partir de uma sólida teoria» - e o seu altíssimo valor económico: mil milhões de contos em cobre, para não falar do estanho, prata e ouro.

Metendo-se com Carmen Virgili, que replicou, Delfim de Carvalho chamou a atenção do auditório para o facto de, hoje em dia, a cooperação científica internacional ser muito mais importante do que a correlação- um conceito/prática um pouco estafado. Só que a professora, recorrendo à teoria de conjuntos, explicou que a correlação entre A, B e C é dupla da cooperação possível entre si, mantendo-se assim oportuna e actual.

Mas mais importante do que esta discrepância que animou o debate, foi a alusão de Delfim de Carvalho à escassez e limitação dos recursos naturais (esgotáveis), ou a o que fazer com os desperdícios (estéril) da mineração, no que foi contrariado por António Ribeiro, que se revelou um feroz adepto do lítio, um combustível praticamente inesgotável para os futuros reactores de fusão nuclear, elemento que existe aos pontapés em Portugal e que chegou a considerar como « um Neves-Corvinho...»

Mário Ruivo, sempre atento aos «timings», deu por terminadas as intervenções dos oradores e desafiou o auditório para um pequeno debate.

Sem grande eficácia, dado que apenas se escutou uma intervenção sobre particularidades da hidrologia aplicada à neutralização de terramotos e à contaminação dos aquíferos por parte das centrais nucleares, uma outra sobre a escassez dos recursos naturais e, ainda, um pedido de esclarecimento sobre o badalado afundamento do Algarve (subida do nível dos oceanos) e o agravamento das cheias na bacia hidográfica doTejo, também por afundamento das margens. Felizmente, ninguém aludiu a 1755 !

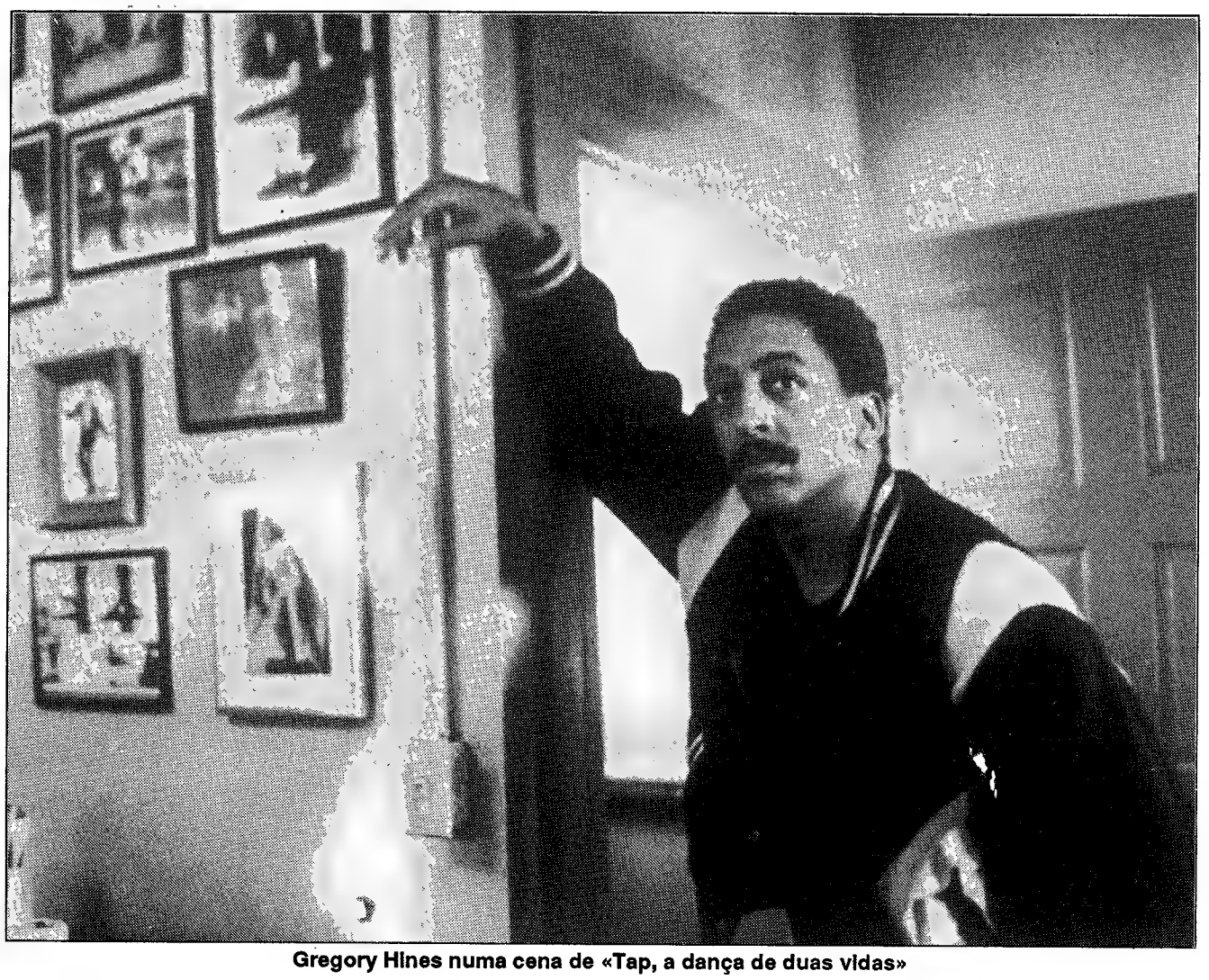
Uma sessão de divulgação científica animada, e com momentos bem humorados, em que a organização teve o «fair play» de reconhecer não esperar à partida o sucesso que a iniciativa de facto registou.

Dando razão às palavras de Helena Vaz da Silva: « Estas conferências pretendem, para além do que representam de contributo directo para um pensamento científico dinâmico e actualizado - condição base para o desenvolvimento do nosso país - anunciar publicamente uma intenção: a de servir a comunidade científica e intelectual, a de , assim fazendo, servir o País».

João Galamba de Oliveira

Falar de Cinema

Vamos dançar!



Gregory Hines numa cena de «Tap, a dança de duas vidas»

TAP, A DANÇA DE DUAS VIDAS (Tap) - R: Nick Castle (EUA, 1988); A: Nick Castle; F (Cor): David Gribble; M: James Newton Howard; Mont: Patrick Kennedy; Coreog: Henry Le Tang; Dir; art: Patricia Norris; P: Gary Adelson e Richard Vane/ Tri Star; I: Gregory Hines, Suzzanna Douglas, Sammy Davis, Jr., Savion Glover, Joe Morton, Dick Anthony Williams, Sandman Sims, Bunny Briggs, Steve Condos, Pat Rico, etc. D: 114 m; Dist: Columbia, Tri Star & Warner; Est: Quarteto e Nimas 4.1.1990); Cl: *** (M/12 anos).

A «Tap Dance» já teve a sua época de ouro, que filmes como *Cotton Club* historicamente testemunharam, e que homens como Fred Astaire, na sua vertente «branca» documentaram. Mas à «*Tap Dance*» é genuinamente «negra», anda paredes meias com o jazz, e muitos dos seus monstros sagrados vivem ainda e dão um ar da sua graça em *Tap*, de Nick Castle. Bunny Briggs, Steve Condos, Arthur Ducan, Harold Nicholas, Sandman Sims, Jimmy Slyde são algumas das glórias passadas que se reúnem num terceiro andar de Sonny's Side Street, tertúlia e refúgio de quem vê o tempo desaparecer, mas se recusa a deixar cair no esquecimento a amada arte do «sapateado», tragada pela vertigem do «rock» e de outros ritmos afins.

Lauro António

Quem se exprimia tocando levemente com a biqueira de metal do seu sapato no encerado das tábuas do sobrado ou nas pedras e no cimento das calçadas e aí improvisava os sons e os gestos essenciais da grande cidade, não se pode conformar com o desaparecimento da memória e sobrevive das recordações, que são na realidade a melhor bengala que lhe permitirá chegar «vivo» até ao fim da sua vida. É sobre esses homens e a memória da sua arte que se faz *Tap*, um filme escrito e realizado por Nick Castle, cineasta filho de um célebre coreógrafo de Fred Astaire e Gene Kelly, de quem, até ao momento, em Portugal, se conhecia um interessante *O Último Guerreiro do Espaço*.

Tap é um «musical» que diria indispensável para muitos, e uma obra banal para muitos outros. Quem procurar um filme especialmente interessante, enquanto «objecto cinematográfico», o melhor será tirar daí o sentido. *Tap* é uma película que parte de um argumento ingénuo quase inexistente, dirigida de forma pouco consistente por Nick Castle. Não será a história de Max Washington, filho de um lendário «tap-dancer» e herdeiro das suas qualidades e estilo, que todavia se deixa prender pelas teias da lei e oscila entre manter-se fiel a uma tradição e uma arte e ao dinheiro fácil do mundo do crime, que irá prender quem quer que seja minimamente exigente. Tanto mais que os rodriguinhos estão todos à superfície, com rapariga honrada e miúdo simpático à espera do regresso do herói, e velhas glórias também à espera de pública reabilitação que virá nos pés de quem parece preferir escalar prédios para desviar «diamantes». Como história temos dito.

Mas *Tap* vale bem a deslocação para os fãs do musical, para todos os que se deixam fascinar pela beleza e delicadeza do sapateado, para os que sabem que muitas vezes as histórias são meros pretextos para unir «números», esses sim o fulcro do espectáculo. Curiosamente, o próprio Nick Castle parece estar ciente disso mesmo e filma com sobriedade e rigor os velhos dançarinos, guardando para o resto uma duvidosa estética de «video-clip».

Temos assim excelentes momentos de «Tap Dance» genuína, a que se junta a fabulosa contribuição de Gregory Hines (já visto em *Cotton Club* e *O Sol da Meia Noite)* e de Suzanne Douglas, que só por si justificam tudo. A cena inicial, em plano fixo e quase único, no interior de uma cela, com uma dança de Gregory Hines, é notável; o «pas de deux» no cimo de um terraço, ressuscitando temas musicais de Fred Astaire e Ginger Rodgers, brilhante; as evocações do terceiro andar do Sonny's, comoventes. Menos feliz é o bailado de rua, no qual Nick Castle se afasta do rigor manifestado nas outras sequências, onde o importante é o que se mostra e a câmara «desaparece» à sua frente, limitando-se a registar o que importa registar.

Pena é que o projecto não tenha justificado uma maior atenção ao argumento e que Nick Castle não tenha mantido uma coerência estilística de princípio a fim. Se assim fosse, *Tap* seria a obra-prima que a «Tap Dance» bem mereceria.

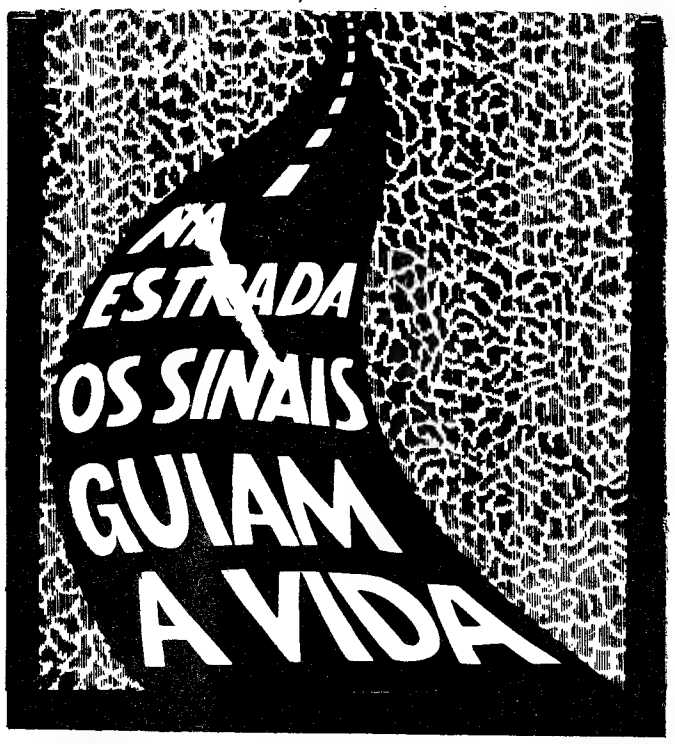
Nick Castle

Nasceu em Los Angeles, EUA, em 1947. Filho do célebre coreógrafo do mesmo nome, estudou teatro e fotografia no Santa Monica College e Cinema na Universidade da Califórnia do Sul, onde trabalhou na produção de uma curta-metragem, *The Ressurrection of Broncho Billy*, que ganharia um Óscar.

Escreveu argumentos (como *Skatetown, USA*), foi assistente de John Carpenter em *Dark Star* e colaborou na escrita do argumento de *Nova Iorque, 1997*, do mesmo Carpenter. Fez o papel de assassino no primeiro *Halloween* da série e estreia-se em 1982 como realizador.

Filmografia:

1982: *The Assassination Game:* 1984: *The Last Starfighter* (O Último Guerreiro do Espaço); 1986: *The Boy Who Could Fly* (Nas Asas da Imaginação): 1988: *Tap* (A Dança de Duas Vidas).



«A ementa do dia»

☆☆☆☆☆

A BELA DE DIA, de Luis Buñuel (reposição)

☆☆☆☆

REGRESSO A VIENA, de Axel Corti
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, de João César Monteiro

☆☆☆

REGRESSO AO FUTURO, II, de Robert Zemeckis
PERIGOSA SEDUÇÃO, de Harold Becker
SEXO, MENTIRAS E VÍDEO, de Steven Sodenberg
O ABISMO, de James Cameron
TAP, A DANÇA DE DUAS VIDAS, de Nick Castle

☆☆

O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA, de Blake Edwards
COMO O CÉU SE ENGANA, de Emile Ardolino

Ao abrir amanhã à noite as portas de um novo centro de arte no Porto, a ex-Roma e Pavia prova que a Galeria Pedro Oliveira não se fez num dia

Quatro operadores estéticos no Porto

A substituição do nome de uma galeria de arte não se limita a simples preocupações cosméticas. Se via de regra também comporta o desejo natural da direcção personalizar o espaço onde defende as propostas estéticas que expõe, será mais importante compreender que essa frontalidade, acima de tudo, transporta o vírus que rompe com o sistema que encontrava no **mostrar quadros** uma justificação para uma actuação cultural.

Custe o que custar, não basta que as galerias que nos anos 70 defenderam (sózinhas e contra os apetites de um mercado de arte fictício e pedante) opções e intervenções que vieram a reflectir-se nas gerações dos operadores estéticos portugueses mais activos; não basta que essas galerias, hoje, se reduzam a um reduto memorial, até porque, e se outros riscos não corressem, pelo menos asseguram o risco de ficarem a falar sózinhas com as paredes onde dificilmente penduram alguma coisa.

O processo que agora importa, terá tido início em Maio do ano passado, quando a directora da extinta Galeria Alfarroba, Alda Cortez, decidiu que se chamasse pelo seu nome a galeria que então abria no Largo de Santos. Seguiram-se-lhe mais duas; Graça Fonseca (com a criação de um espaço definitivamente europeu, na Rua da Emenda) e Pedro e o Lobo (Rua do Salitre), que, se resistimos em não dissociar do encanto que sobrevive no nosso imaginário, esses nomes não são mais que os nomes dos directores de "um novo galerismo, vivido como profissão e método, voltado para o exterior e na consciência assumida de um esforço necessariamente obsessivo".

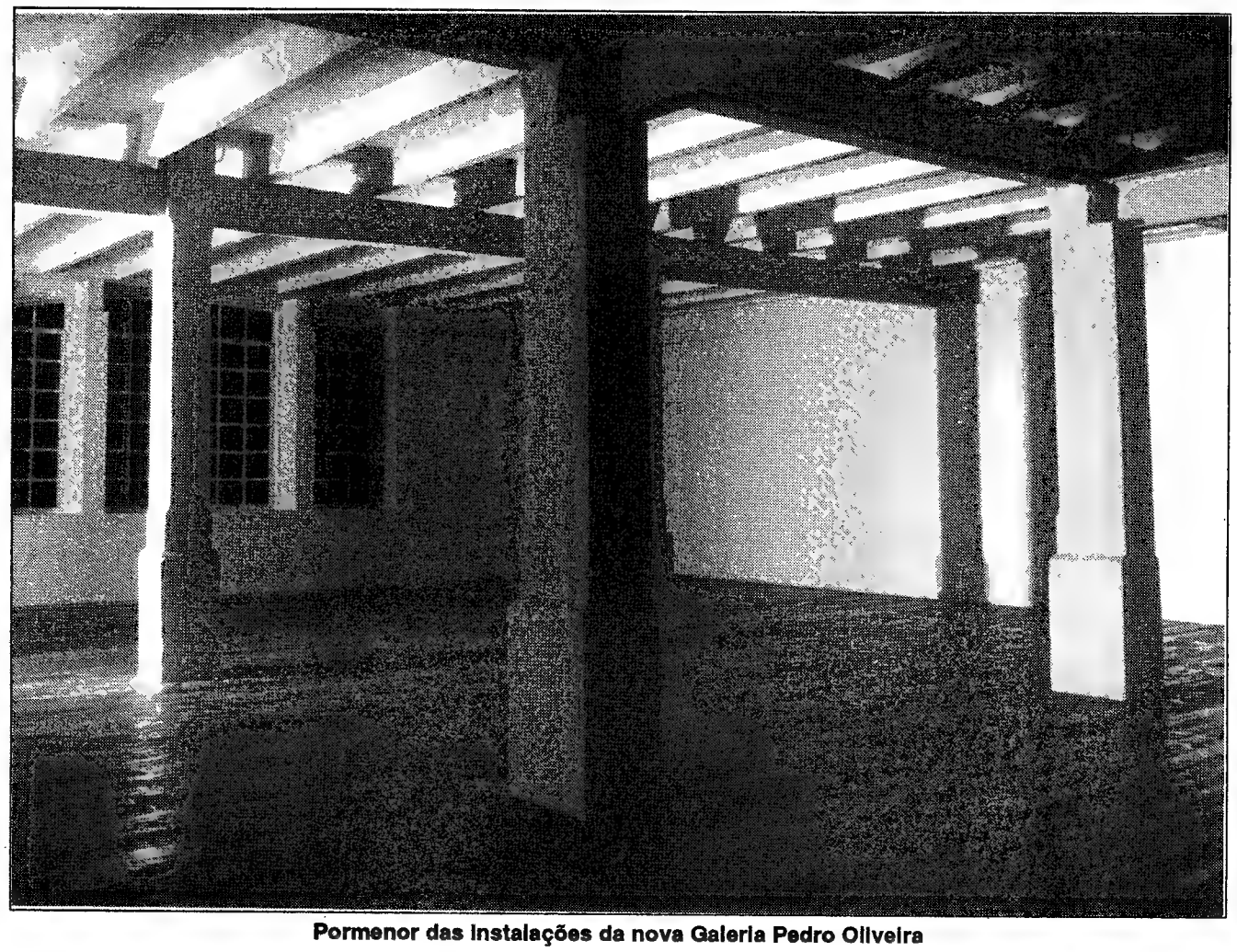
Agentes culturais

Não se esgotando apenas nestas, são galerias (ou espaços que nos cumpliciam com a Arte), que pelas características da sua programação, decidida em colaboração com críticos de arte de reconhecido mérito, são agentes culturais capazes de oferecerem alternativas ao estado a que chegaram as instituições históricas.

Se seis anos bastaram para que a Galeria Cómicos, agora designada Luís Serpa, tivesse abalado a mansidão desse sistema, o Porto já tinha respondido com a bipolaridade da Módulo, e a recente abertura da Fluxus. A Nasoni, dispondo como a Módulo de um espaço lisboeta, ao sentir a necessidade de criar a Atlântica, exemplifica como uma galeria vincadamente comercial não se fecha sobre si mesma.

Ao fim de dez anos de existência, a direcção da Roma e Pavia teve que encontrar uma solução para não asfixiar na Rua D. Manuel II. Se esse espaço ainda poderia fazer algum sentido no final dos anos 70, a dinâmica entretanto adquirida pela galeria confinou-o, quando muito, a tornar-se uma loja de desenho. A solução encontrada são os 350 metros quadrados de um antigo armazém na Calçada de Monchique, junto à Alfândega, suficientemente remodelados para que o Porto disponha de um centro de arte vocacionado para mostrar escultura contemporânea.

Entenda-se **escultura** que não dependa de conceitos imediatamente relacionáveis com a monumentalidade e um plinto subjacente. A escultura vive num diálogo e confronto com a indústria (apropria-se dos novos materiais, processos e tecnologia), com a arquitectura e o urbanismo (partilhando e reelaborando os problemas formais e significados sociais) com o consumo de massas (polemizando os produtos e imagens de marca), finalmente, acompanha e desafia os estilos e eficácia do design, desde o gráfico ao mobiliário, sem omitir as potencialidades da informática e da halografia.



Pormenor das instalações da nova Galeria Pedro Oliveira

Escultura hoje

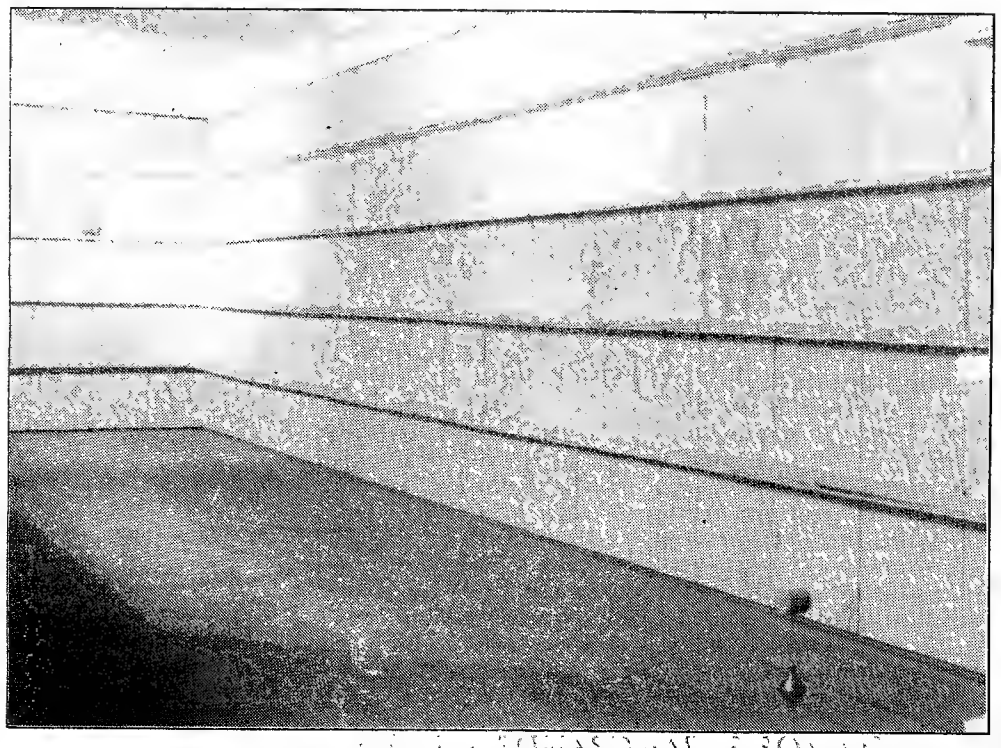
Assim, para inaugurar amanhã à noite o novo espaço, a agora chamada Galeria Pedro Oliveira (fazendo jus à expressão "Roma e Pavia"...), reuniu um conjunto de peças de Cabrita Reis, Gerardo Burmester, da americana Nancy Dwyer e do alemão Stephan Hubert. A apresentação destes operadores estéticos coube a Alexandre Melo que, referindo-se à instalação realizada por Cabrita Reis especificamente para esta exposição e para o espaço da Galeria Pedro Oliveira, escreve no catálogo que ela "confirma a sua capacidade de aliar o peso da presença da construção, o fôlego metafórico e a evocação de uma intimidade pessoal. Como uma casa branca aberta para o lado de dentro; secreta na serenidade dos seus sentidos suspensos."

Quanto aos trabalhos que caracterizam a produção mais recente de Gerardo Burmester, "podem talvez ser compreendidos na perspectiva do que chamaríamos um romantismo deceptivo, pela combinação de uma atitude em que a necessidade e a obstinação interiores que movem o trabalho se conjugam com uma espécie de indiferença e frieza em relação a cada uma das obras, ou séries de obras. Como se os sucessivos resultados do processo do trabalho fossem autosabotados e ficassem condenados a reprimir e apagar o impulso que lhes deu origem".

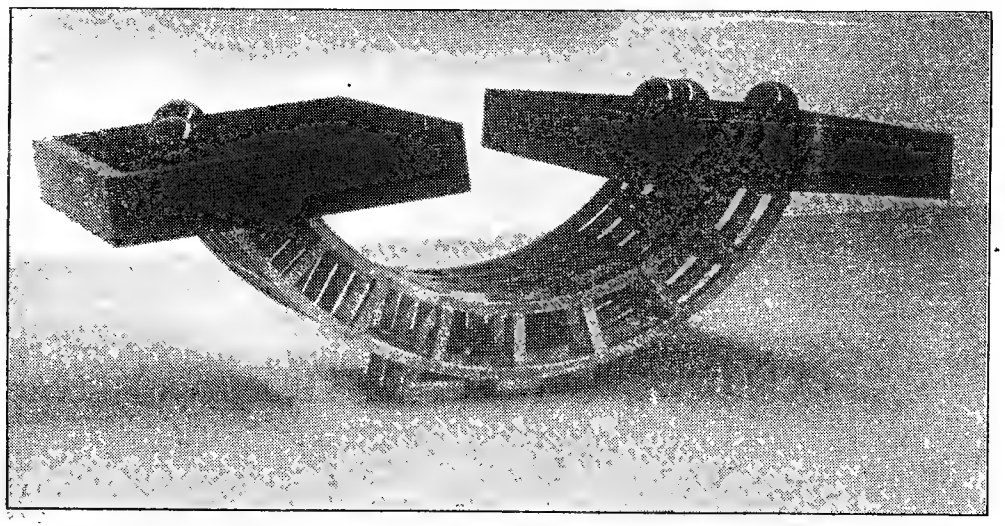
Nancy Dwyer pertence a uma nova geração de artistas americanos em que a produção "se revela abordável do ponto de vista das relações entre arte e sociedade, ou mais precisamente, entre as lógicas de produção de objectos e de sentidos tradicionalmente consideradas artísticas e não artísticas".

Por seu lado, apresentado como fazendo uma espécie de "cruzamento entre a tradição barroca - da Baviera - e a moderna produção industrial, o que começa a reter a atenção nas peças de Stephan Hubert, é o seu virtuosismo formal. O autor utiliza uma grande variedade de meios e materiais para produzir obras de extremo rigor construtivo, mesmo quando a harmonia que delas se desprende se revela deliberadamente fria".

Jorge Fallorca



"A Casa da Serenidade", instalação de Cabrita Reis feita expressamente para a inauguração da galeria



"Schwarze Strategie", para a apresentação de Stephan Huber em Portugal

DESPORTO

Comandados de Manuel Brito já estão no 3.º degrau da escala

Andebol

«Dragões» superam concorrência

Disputou-se ontem a 19.ª jornada do campeonato nacional de andebol (que comentaremos na edição de amanhã), tendo-se verificando os seguinttes desfechos: Fafe, 25-Francisco de Holanda, 20; Académica, 17-ABC, 15; Boavista, 31-Académica de S. Mamede, 25; TAP, 18-Sporting, 21; Vitória de Setúbal, 21-Belenenses, 18 e Porto, 20-Benfica, 18.

Após esta ronda, o FC Porto aumentou o seu avanço no comando da classificação geral, somando 55 pontos enquanto o Benfica conta 50, estando na 3.ª posição o Sporting e a Académica de Coimbra com 44.

Basquetebol: Benfica na frente

O Benfica ascendeu ao comando do Campeonato Nacional de basquetebol da Primeira Divisão, ao vencer, na Luz, o Estrelas da Avenida por tangencial 68-67, em encontro em atraso da nona jornada da prova.

Com este triunfo, a formação encarnada lidera agora o Campeonato, com 21 pontos, mais um do que o Beira Mar, segundo classificado. O Estrelas da Avenida, após a derrota averbada, ocupa a quarta posição da prova, em igualdade de pontos com o Esgueira (17).

A classificação geral da prova, agora com todos os clubes em igualdade de jogos (11), está ordenada da seguinte forma: 1.º Benfica, 21; 2.º Beira Mar, 20; 3.º FC Porto, 18; 4.º Esgueira e Estrelas da Avenida, 17; 6. º Ovarense, Barreirense, Imortal e Sporting (16); 10.º Illiabum (15); 11.º Ginásio Figueirense e Guifões (13).

Portugal e os PALOP reunidos

Seis países debatem intercâmbio desportivo

Um jantar, oferecido pelo professor Mirandela da Costa (director-geral dos Desportos) no Centro de Estágio de Desportistas (Cruz Quebrada) antecedeu o encontro de hoje, entre altos funcionários governamentais, que está dando os últimos retoques na «1.ª Reunião da Conferência Permanente dos Ministros Responsáveis pelo Desporto dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e de Portugal» que, desde amanhã até 21 do corrente, se reúne no lisboeta Hotel Alfa.

Cinco países corresponderam ao convite português: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe. A delegação angolana engloba Sardinha de Castro (vice-ministro dos Desportos), Espírito Santo (director-geral dos Desportos), Joaquim Pereira de Sousa (chefe do Gabinete de Relações Internacionais) e a jurista Rosa Benigno. Em representação de Cabo Verde deslocaram-se David Hopffer Almada (ministro da Informação, Cultura e Desportos), Charles de Oliveira (director-geral da Educação Física e Desportos), o assessor Luís Filipe Silva e os técnicos José Luís Gomes e Pinto Almeida. A embaixada da Guiné-Bissau integra Alexandre Brito Furtado (secretário de Estado dos Desportos), Medina Lobato (director-geral dos Desportos), Mariano Fernandes (director dos Serviços Técnicos) e Arnaldo dos Santos Fernandes (director da Escola Nacional de Educação Física e Desportos). Moçambique terá à mesa da conferência José Júlio Andrade (secretário de Estado da Educação Física e Desportos), António Ferrete (chefe do Departamento de Recursos Humanos), Sousa Pereira (chefe da Repartição de Relações Internacionais) e a técnica Judite Nagumbe. De S. Tomé e Príncipe vieram Manuel Vaz Afonso Fernandes (ministro-delegado do 1.º Ministro), António Aguiar (director-geral dos Desportos) e João Bonfim (chefe da Divisão de Relações Internacionais). Quando ao nosso país, vão intervir nos trabalhos o ministro Roberto Carneiro (titular da pasta de Educação), Mirandela da Costa (DGD) e os adjuntos Eduardo Monteiro e Trovão do Rosário.

Falando na apresentação do conclave, Roberto Carneiro salientou que «*a cooperação em matéria desportiva, entre Portugal e os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), está conhecendo um largo desenvolvimento, expresso nas 90 acções bilaterais que se realizaram no ano transacto, muito mais que as 72 efectuadas em 1988 ou as 16 que tiveram lugar em 1987, ano em que se firmaram os primeiros acordos com Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, abrindo caminho para mais tarde passarem também a existir convénios com S. Tomé e Príncipe e Cabo Verde.*

Roberto Carneiro historiou todas as fases vividas até ao momento em que os protocolos mútuos abrangeram áreas de cooperação que se ramificam: medicina desportiva, formação de quadros, administração desportiva, arquitectura e engenharia desportiva, desporto escolar e equipamento desportivo.

O ministro da Educação focou o estágio, em Portugal, de representantes dos Comités Olímpicos de Angola e Moçambique (antes dos Jogos Olímpicos de Seul) e a progressiva necessidade de se efectuar esta «1.ª Reunião da Conferência Permanente dos ministros responsáveis pelo Desporto de Portugal e dos PALOP», com um objectivo-base: assinatura de um acordo de cooperação multilateral que, proximamente, poderá ser alargado ao Brasil. «*A prioridade à cooperação desportiva com os países africanos de língua oficial portuguesa vem expressamente consignada na Lei de Bases do Desporto Português e no programa do Governo*» — salientou Roberto Carneiro, na reunião com a Comunicação Social, revelando que este encontro dos seis países deve repetir-se de dois em dois anos, com um comité executivo funcionando permanentemente e procurando interessa a UNESCO, «*lembrando-lhe que esta acção de apoio desportivo estará ao alcance de 240 milhões de pessoas*».

Logo, à noite, no restaurante «Os raposos» (Alto do Lagoal, Caxias), tem lugar um jantar oferecido aos nossos visitantes por Isaltino de Morais, presidente da Câmara Municipal de Oeiras. Amanhã, após um almoço oferecido pelo Ministro da Educação, a Conferência abre com intervenções dos ministros com referências à política desportiva seguida por cada país e o balanço da cooperação já registada em matéria de Desporto. Pelas 20 horas, o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, oferece um jantar às diferentes delegações.

Sábado, a sessão de trabalhos compreenderá a abordagem das áreas prioritárias, perspectivas e mecanismos de cooperação, adopção da declaração final, marcação da data e local para a 2.ª Conferência, formalização de eventuais acções conjuntas e sessão de encerramento dos trabalhos, com uma conferência de Imprensa conjunta, que divulgará a declaração subscrita pelos representantes dos seis países. Mais tarde, no Hotel Alfa, processa-se uma recepção para a qual estão convidadas personalidades salientes no meio desportivo.

No programa de estadia dos nossos visitantes inscreve-se ainda, para domingo, visita ao complexo do Jamor e assistência ao jogo de futebol Belenenses - Benfica, para o campeonato nacional da 1.ª divisão. As delegações estrangeiros deixam Portugal na 2.ª feira.

Neves de Sousa

Futebol por aí fora

«*CHICOTADA*«: Joaquim Meirim e os dirigentes do Lusitano de Évora, rescindiram, de comum acordo e a pedido do técnico, o contrato que seria válido até Junho próximo. Para treinador principal da turma eborense foi escolhido o brasileiro Leonildo Vilanova, que desempenhava as funções de coordenador do futebol juvenil do clube.

ERIKSSON assistiu ao encontro particular disputado no Estádio Santiago Barnabéu (Madrid) entre os reservistas do Real Madrid e do Dnepr, próximo adversário do Benfica na Taça dos Campeões Europeus. Os soviéticos venceram, por 2-1.

FAMALICÃO: Gil Mesquita (presidente da Associação de Futebol de Braga) na sequência do Tribunal de Famalicão, ter condenado o antigo presidente do Macedo de Cavaleiros pelo crime de difamação contra Fernando Costa (exlíder do Futebol Clube de Famalicão), reclama que a colectividade famalicense seja integrada na 1.ª Divisão futebolística.

TELEVISÃO: As negociações entre os dirigentes do Vitória de Setúbal e os gestores da RTP, com vista à transmissão directa do encontro com o Sporting «foram proveitosas para a colectividade sadina» (segundo palavras do presidente Fernando Oliveira) pelo que a partir das 21 horas e 30 minutos de sábado, teremos oportundiade de assistir a um encontro de bom interesse geral.

LÁ FORA: Disputou-se ontem a 20.ª jornada do campeonato italiano tendo-se registado os seguintes desfechos: Bolonha - Udinese, 0-0; Cremonese - Lazio, 2-1; Fiorentina - Juventus, 2-2; Lecce - Inter, 0-0; A.C. de Milão - Atalanta, 3-1; Nápoles - Cesena, 1-0; Roma - Génova, 0-1; Sampdoria - Ascoli, 2-0 e Verona - Bari, 1-1. Na frente continua o Nápoles, com 30 pontos, seguindo-se o Inter e Sampdoria (28), Milão (27), Roma (25) e Juventus (24).

• Na Holanda, o Feyenoord eliminou o PSV da Taça, em encontro realizado ontem e que terminou com o triunfo (1-0) da turma de Roterdão.

• Em Espanha, realizou-se o jogo da primeira mão dos quartos de final da Taça do Rei entre o Barcelona e a Real Sociedad, que terminou com o triunfo do «Braça» (por 1-0). O encontro da segunda mão está marcado para o dia 24 do corrente.

• A selecção belga, desfalcada de alguns dos seus melhores artistas deslocou-se a Atenas e perdeu com a sua congénere grega (por 2-0) em encontro de preparação para o Mundial-90.

• Os dirigentes da Federação Italiana de Futebol renovaram o contrado do técnico Azeglio Vicini até 1992. Uma decisão que significa «voto de confiança» para a fase final do Campeonato Mundial.

• *MARADONA*: O craque ameaçou fazer um jornalista comer o seu jornal durante uma confrontação verbal numa estação de Televisão privada. «Devia ter vergonha de si próprio, se soubesse o que quer dizer vergonha. Vou fazê-lo comer o seu jornal», disse Maradona ao jornalista Guiseppe Pacileo, do diário napolitano «Mattino», segundo funcionários da estação de Televisão.

As mesmas fontes acrescentaram que o futebolista atirou um exemplar do jornal à cara de Pacileo, que tinha cometido o «erro» de pontuar Maradona com uns modestos 3,5 pontos numa escala de 10 pela sua exibição na última jornada do campeonato italiano, no passado domingo.

• *AJAX*: Um tribunal suíço ordenou a suspensão parcial do sigilo bancário satisfazendo o pedido das autoridades holandesas que estão a investigar uma alegada fraude fiscal do Ajax de Amesterdão, acusado de uma fuga fiscal de 2,1 milhões de dólares (cerca de 336 mil contos) por informações incorrectas quanto aos ordenados dos futebolistas e às verbas envolvidas na transferência de jogadores.

TRIBUNAL JUDICIAL DE SINTRA
2.º JUÍZO — 2.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio.

Execução — Sentença n.º 2.586/B.

Exequentes — Deolinda da Silva Alípio.

Executado — JOSÉ LOPES SIMÕES ALÍPIO, com domicílio actual no Lar da 3.ª idade, Exército de Salvação, Praia das Maçãs, Colares/Sintra.

Sintra, 12 de Janeiro de 1990

O Juiz de Direito
Jorge Ramos Silva

O Escrivão de Direito
Silvino Branco Martins

«DL» 18/1/90 — 1.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DO BARREIRO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio

2.º Juízo

Execução de Sentença n.º 60-A/84 — 2.ª secção.

Exequentes — Carlos Domingos Carneiro Monteiro e mulher Maria Antonieta Groginha Monteiro Santos.

Executado — ANA PAULA DOS SANTOS MADEIRA DA COSTA TREJEIRA, ora residente na Rua Duarte Pacheco Pereira, 1-1.º-esquerdo — Quinta da Lomba — Barreiro.

Barreiro, 8-01-90.

O Juiz de Direito,
a) Luís Filipe Castelo Branco do Espírito Santo

O Escrivão de Direito,
a) António da Silva Cardoso

«DL» 18/1/90 — 2.ª Pub

Bobó: não perdeu um lance

Estrela da Amadora, 3-Marítimo, 0

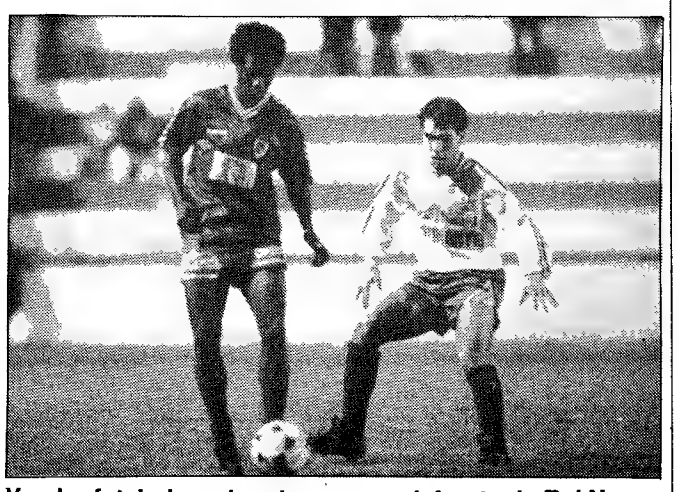
Árbitro leal à Reboleira

Rasgando o nulo no «placard», mercê de um golo em posição nitidamente irregular e fechando a contagem com outro que (do mesmo modo) ficou a deixar imensas dúvidas na escassa plateia, explica-se o natural êxito do Estrela da Amadora: dois tentos de Ricky, certamente ficando pesando forte na apreciação do árbitro Mário Leal, que o presidente Lourenço Pinto quer lançar na alta roda mas se revelou de uma fragilidade a toda a prova, falhando em múltiplos capítulos do jogo, não apenas por inépcia própria mas, igualmente, por falência dos bandeirinhas, especialmente José Vítor que (à frente da bancada), rubricou uma série de intervenções autenticamente inexplicáveis.

Porém, não reste a mais pequena dúvida: os alunos de João Alves venceram com toda a naturalidade, dominando o espectáculo de fio a pavio. Logicamente que Ricky não teve qualquer culpa no facto do árbitro lhe ter validado dois golos cheios de reticências, mas o tento intermediário (por Pedro Xavier), bonito e para belo aplauso, chegaria e sobrava para conter contra o paredão um Marítimo onde a abdicação atacante foi um facto (quase nula a actuação de Wawa, Maki e Marquinhos) ainda com Esquerdinha e Paulo Ricardo sem a menor centelha, completamente divorciados da tentativa de impedimento ao belo trabalho de Rui Neves, Bobó, Duílio, Pedro Xavier, Rui Jorge, Caetano e no guarda-redes Melo que, continuando a substituir o lesionado parceiro Hugo, não faz recordar o brasileiro, porque vai marcando a época com intervenções aplicadas e que dão segurança aos «estrelinhas», já com 16 pontos (6.º lugar na tabela geral) enquanto se mantém muita incerteza no horizonte maritimista (13.º posto, equivalente a 12 pontos em 17 jogos).

João Alves colocou a turma amadorense jogando pelos flancos e usando Basaúla e Rui Jorge como transportadores normais da bola: Oliveira e Carlos Jorge, ajudando Everton a desempenhar-se o melhor possível de dura tarefa, foram evitando o acréscimo da desvantagem, embora o juiz tivesse já decisivamente interferido na escolha do emblema triunfante. Sem que o Estrela (volte a salientar-se) tivesse a menor interferência nesse juízo: limitou-se a jogar o suficiente para bem justificar o sucesso, avolumado numericamente pela incipiência arbitral.

Um tempo complementar em que o Marítimo pareceu a galáxias de distância aecentuou o predomínio estrelista: a equipa de Ferreira da Costa fica a dever ao guardião brasileiro Everton, aos «internacionais» Oliveira e Carlos Jorge, mais ao descalibre em diversos chutos finais de Nélson Borges e Pedro Xavier, o não ter retirado da Amadora mais vergado ao desaire. Pelo lado arbitral, não havia qualquer impedimento nesse sentido...



Vando: futebol sambando a passo defronte de Rui Neves

Com medíocre arbitragem de Mário Leal (Leiria) que esteve também mal acompanhado pelos fiscais José Vítor e José Santos, jogaram:

Estrela da Amadora: Melo; Rui Neves, Duílio, Rebelo e Caetano; Basaúla, Bobó, Nelson Borges e Rui Jorge; Pedro Xavier (José Augusto, 78m) e Ricky (Ricardo, 82m).

Marítimo: Everton; Rui Vieira (Artur Semedo, na 2.ª parte), Carlos Jorge, Oliveira e Teixeirinha; Tó Zé, Marquinhos, Esquerdinha e Wando; Wawa (Paulo Ricardo, 62m) e Maki.

Marcadores: Ricky (34 e 74m), Pedro Xavier (60m). Cartão amarelo para Wawa.

Futebol por aí fora

Divisão 2: o União de Lamas deslocou-se a Peniche e venceu a turma local por 1-0; em jogo referente à 1.ª jornada da zona centro. Com este resultado, o União de Lamas subiu para o 12.º posto, com 12 pontos (recorde-se que os líderes, Espinho e Salgueiros, já contam 23), enquanto o Peniche se mantém na cauda classificativa, com seis pontos nos 13 encontros já disputados.

Divisão 3: o Sacavenense venceu o Campomaiorense por 2-0, em encontro correspondente à 11.ª ronda da série «E». O clube de Sacavém encontra-se no 9.º lugar (com 15 pontos) e os alentejanos situam-se no 3.º posto (com 20). Os líderes (com 21 pontos) são o Santa Clara e o Futebol Benfica.

Juniores: o Benfica derrotou o Casa Pia por 5-0 em jogo referente à 8.ª ronda do campeonato nacional (série «D»). Após este confronto, o Benfica comanda a classificação (21 pontos), seguido do Sporting (17).

Juvenis: Chaves e Freamunde defrontaram-se em encontro correspondente à 13.ª ronda (série «A») tendo os flavienses vencido, por 3-2. O Chaves comanda a classificação (20 pontos).

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
GREVE DE 16 A 26 DE JANEIRO DE 1990
Período das 12.00 horas do dia 16/01/90 às 24.00 horas do dia 26/01/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e dos barcos, naquele período:

1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

1.1. Linha de Sintra

São garantidos pelo menos os comboios de Sintra e Cacém, mantendo-se, nestes casos o horário dos dias úteis.
Todos os comboios terão paragem em Campolide.

1.2. Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos.
Todos os comboios terão paragem em Santos.
As últimas partidas de Cais do Sodré e de Cascais terão lugar respectivamente às 23.40 e às 00.30 horas.
Prevêem-se igualmente circulações com partida de Cais do Sodré às 03.00 horas e de Cascais às 03.45 horas que terão paragem em todas as estações.

1.3. Lisboa-Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

1.4. Barreiro-Praias do Sado

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

1.5. Via Fluvial — Lisboa/Barreiro

Será praticado o serviço normal.

1.6. Cacém-Torres Vedras

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO
Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal

3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA
Coimbra-Figueira da Foz e Coimbra-Serpins

Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»
4.1. «ALFA»

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.
Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

4.2. «INTERCIDADES»

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto-Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo que será surprimida neste período.

6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA —
Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informação da CP.

10.Jan.1990
Informação divulgada pela
Divisão de Relações Públicas da CP

Caminhos de Ferro Portugueses

«Carrasco» de Lozano vai a tribunal

Yvan Desloover, defesa do clube belga Waregem, vai responder em tribunal por ter fracturado uma perna que pôs termo à carreira de Juan Lozano, (do Anderlecht), em Abril de 1987. Lozano (34 anos) foi submetido a várias operações desde o fatídico jogo para o campeonato belga e chegou a integrar no último ano a equipa do Anderlecht, que o dispensou no início desta época. Terminada a sua carreira na 1.ª divisão, Juan Lozano, um jogador de origem espanhola, foi obrigado a procurar uma equipa menos ambiciosa, alinhando presentemente pelo Eendracht Aalst, da 2.ª divisão belga.

Irmãos Koeman ajudam o Groningen

Os «internacionais» holandeses Ronald e Erwin adquiriram 1500 bilhetes, no valor de 3750 dólares (cerca de 600 contos) para o próximo encontro do Groningen, com o intuito de ajudar o clube a superar a grave crise financeira que o afecta. Os bilhetes, comprados pelos dois jogadores para o encontro entre o Groningen e o RKC, vão ser oferecidos a jovens adeptos do clube, que milita na 1.ª divisão principal. Primeira equipa da carreira futebolística dos irmãos Koeman, o Groningen tem dívidas que ascendem a mais de quatro milhões de dólares (cerca de 640 mil contos).

Disciplinas desportivas

CICLISMO: os vencedores das três últimas edições da Volta a França (Greg Lemond, Pedro Delgado e Stephan Roche), já anunciaram estar presentes na clássica Paris-Nice, que se disputará nos dias 4 a 11 de Março. Entre os inscritos, e para além do trio já referido, contam-se Laurent Fignon, Charly Mottet, Miguel Induriain, Moreno Argentin e Claude Criquielion.

ESGRIMA: Rui Ruas participou no torneio de Nelun (arredores de Paris) classificando-se em 48.º lugar na competição de florete, onde estiveram em acção 186 esgrimistas de diversos países. Os restantes portugueses (Filipe Melo Machado) tiveram modesta participação.

TÉNIS: o antigo campeão belga Bernard Boileau, que chegou ao n.º 42 do «ranking» mundial, foi condenado por um tribunal do seu pais, na pena de três anos de prisão, por uso de drogas, assalto e condução perigosa. Recorde-se que Boileau dominou o ténis belga, entre 1978 e 1985, ano em que a sua carreira sofreu colapso, devido ao seu trato difícil e ao uso de estimulantes, principalmente heroína.

Aliança entre autarquias

Zona Centro do País vai ter infra-estruturas desportivas

Os municípios de Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande vão unir esforços na criação de várias infra-estruturas desportivas naquela região da Beira Litoral, foi anunciado após uma reunião conjunta.

«Estes três concelhos vão dispor, a curto prazo, de instalações desportivas de nível internacional, que poderão servir para estágios de equipas nacionais ou estrangeiras, nas modalidades de natação, futebol ou atletismo», afirmou o presidente da Câmara de Castanheira de Pêra, o antigo árbitro internacional de futebol Viriato Graça Oliva.

Os três municípios pretendem dinamizar o binómio turismo-desporto na região (vizinha da serra da Lousã) que é densamente arborizada e praticamente «virgem» nestes dois sectores. O projecto é arrojado, mas os três municípiosestão determinados a concretizá-lo o mais preve possível, contando com o apoio da Direcção-Geral dos Desportos (Leiria) e com outras entidades, oficiais e privadas.

O principal complexo desportivo (a poucos quilómetros das margens do Zêzere e da Barragem do Cabril) vai nascer numa zona com mais de 130 hectares de terreno baldio e não cultivável, onde será construído um campo de golfe de 18 buracos, circuito de manutenção, campo de futebol relvado (com pistas de atletismo em tartan), piscina olímpica municipal (e respectivos tanques de aprendizagem) e «courts» de ténis. Esta infra-estrutura ficará localizada entre São João da Mata e Mega, e entre o actual Aeródromo de Santo António da Neve e outra pista de aviação

Graça Oliva: dos campos de futebol à Câmara de Castanheira de Pêra
Foto Arquivo/«DL»

(de maiores dimensões) a construir no alto da serra do Soeiro.

As instalações desportivas municipais estarão abertas aos mais de 300 estudantes do ensino preparatório e secundário da zona, ficando uma das escolas a menos de cem metros das piscinas. Para apoiar estas instalações será construído (em simultâneo) o primeiro hotel (dos três previstos) junto ao complexo desportivo.

«Se, pelo menos, o campo de futebol e o hotel estivessem já concluídos, posso garantir que a selecção do Brasil faria aqui o seu estágio de preparação antes do Mundial de Itália», disse o antigo árbitro, que acumula agora as funções de monitor e instrutor da FIFA e de presidente da Câmara de Castanheira de Pêra.

Foi, precisamente, no decorrer de uma das últimas reuniões da FIFA na Suíça, que o seu projecto de dinamizar a região da Beira Litoral através do desporto ficou mais vincado.

«Num intervalo dos trabalhos, falava-se de golfe num grupo em que estava o Havelange (presidente da FIFA), o Joseph Blater (secretário-geral), o Grandola (presidente da federação argentina) e o Anton Bukel (instrutor da FIFA) e foi este último que falou das pontecialidades de Portugal nesta modalidade», frisou Graça Oliva. «Disse-lhes (então) que se fosse eleito como presidente d Câmara de Castanheira, esse era um dos meus projectos desportivos. Todos ficaram encantados, e ofereceram-se para trazer os seus amigos até Portugal», disse Graça Oliva.

Outro projecto do grupo de autarcas é a construção de um restaurante panorâmico no alto da serra do Soeiro e junto ao futuro aeródromo (numa área de 16 mil metros quadrados) que fica no limite dos concelhos de Castanheira de Pêra e Pedrógão e de onde a panorâmica permite avistar Castanheira, Tomar e Pedrógão.

«Temos que defender e preservar todas as condições naturais desta região, dinamizando-a através do turismo e do desporto», acrescentou Graça Oliva. Toda esta região ficará em breve servida pela nova estrada (a IC8), havendo já um projecto com um 'braço' de seis quilómetros, que a ligará a todas estas infra-estruturas turístico-desportivas».

À apresentação desta iniciativa assistiram também os presidentes das Câmaras de Pedrógão Grande (Manuel Coelho) e Figueiró dos Vinhos (Fernando Manata), o delegado da DGD em Leiria (Mário Correia) e o deputado Belarmino Correia.

Para a concretização do plano (muito dispendioso) será criada uma sociedade, já designada de «Serra de Neveiros, Sociedade de Financiamento de Turismo, S.A.», grupo aberto a investimentos nacionais e internacionais. «O projecto vai avançar em força, pois os financiamentos não vão faltar, principalmente da parte dos emigrantes desta região, com destaque para os que estão no Brasil, onde se contam entre as grandes fortunas. Sozinhos, nada poderemos fazer. É por isso necessário sensibilizar os investidores e o próprio Governo, para nos ajudarem. Nós, autarcas, temos o dever de lutar para que as infra-estruturas sejam uma realidade e não um mero projecto ou uma promessa sem conteúdo», disse o antigo juiz de futebol, frisando que este projecto «vai avançar, custe o que custar». «O turismo de qualidade é um turismo que interessa explorar. Portugal poderá ser uma das últimas zonas tranquilas da Europa, onde se possa respirar ar puro, conviver com a natureza e repousar de exigentes solicitações», disse ainda o autarca, salientando que «as terras interiores precisam de polos de atracção para pouco a pouco desaparecerem as assimetrias que notamos ainda com muita clareza, neste nosso pequeno mas desigual Portugal». «O desafio é grande, mas penso que é acalentador e creio que será uma aposta a ganhar se o trabalho, a fé e a perseverança não nos faltarem», concluiu Graça Oliva.

Lusa/«DL»

assim vai o totobola

Penalti: 221 X12 112 1222; O Algarve: 221 X11 11X 212X; Jornal da Beira: 221 X11 X12 1X22; Algarve Desporto: 2X1 11X X22 1121; Correio do Vouga: X21 11X 112 12X1; A Defesa: 2XX X1X X22 1X21; Diário de Coimbra: 221 X11 X2X X221; O Diário: 22X 11X X12 X221 ; Diário de Viseu: 221 X1X 112 XX21; Folha do Domingo: 221 111 X12 1121; Ecos de Cacia: 221 X11 X22 122X; Eu Sei Tudo: 22X 21X 112 222X; Jornal de Felgueiras: 122 X1X 11X XXX1; Jornal do Fundão: 221 X1X 11X XX21; Jornal de Gaia: X21 X11 X1X 1XX1; RDP/Rádio Guarda: 2X1 X1X 1X2 XX12; Rádio Totobola: 2X1 211 X12 2222; Linhas de Elvas: XX1 212 112 1121; Litoral: 12X 211 1X2 2222; Jornal da Lixa: 2X1 21X 112 X22X; Maria da Fonte: 22X X1X 112 XX21; No Estúdio e no Estádio: 22X 211 1XX 2121; Notícias de Chaves: XX1 X11 XX1 1X11; Notícias de Felgueiras: 221 X1X 11X XXX1; Notícias de Gouveia: X11 212 122 2X21; Notícias de Guimarães: 221 X12 112 1221; Notícias de Viseu: 22X X11 112 1X21; Bom Dia/Rádio Comercial: 221 211 X11 1222; RR/Desporto: 221 111 111 XX2X; RR/Bola Branca: 22X X11 11X 12X1; RR/Frente Desportiva: 2X1 21X 2X2 X22X; Jornal do Sul: 2X1 211 212 1XX1; A Voz do Domingo: 221 X11 X12 XX22; Voz de Lamego: 2X1 X11 X12 X1X1; RDP/Rádio Guarda - Desporto: 111 X12 121 XX1X; RDP/Rádio Guarda - Contacto: 111 212 121 211X; RDP/Rádio Guarda - Meia Tarde: 12X 211 2XX 2111; RDP/Rádio Guarda - Encontro Com a Manhã: XXX 1X1 2XX 12X1; RDP/Rádio Guarda - Convidámos Para Lanchar: 2X2 12X X11 1222; Sons da Madrugada: 211 211 XX1 112X; Disco & Daquilo: 22X 211 X12 12XX; Tarde Desportiva: 221 21X X12 1X21; Livre e Directo: 221 21X X12 222X; Música e Desporto: 2X1 211 X2X 1221; Um Caso Por Semana - RDP/Covilhã: XXX X11 112 1XX1; Foi Notícia - RDP/Covilhã: 22X X1X X1X X222; Desporto e Música - RDP/Covilhã: 1X1 X12 22X 121X; Cultura e Recreio: 22X X1X X22 11XX; De Tudo Um Pouco - RDP/Covilhã: 221 211 1X2 X2X1; Jornal de Amarante: 221 X11 X1X X221; Ronda Desportiva: X21 11X X12 2121; Diário de Lisboa: 22X X11 11X 1X22; Grande Área/Rádio Nova Antena: 221 22X 112 1X2X; Gazeta das Caldas: 221 X1X X1X 2221; Semanário da Região Bairradina: 22X 211 1X2 2221; O Comércio de Leixões: 221 221 XX2 X221; De Tudo Um Pouco: 221 X1X 11X 2X2X; Jornal da Graça: 22X 21X 11X 2221; Quadrante Norte: 221 X1X X1X 1X2X; Resenha Desportiva: 22X X1X 11X 222X; Panorama: 221 X11 X11 12X1; Placard Desportivo: 22X X1X 1XX 1221; Alvo Desportivo: XX1 X11 XX2 1121; Rádio Alvo: 211 11X 11X 1XXX; Alvo: XX1 XX2 112 X111; Alvo Suplemento: 221 211 11X 1XX1; A Voz dos Ridículos: 2X1 X11 111 XX2X; Música e Desporto: 22X X11 2X1 11X1; Tempo e Resultados/Rádio Comercial: 22X 21X X12 X221; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 2X1 X1X 212 2221; Tempo de Desporto/Rádio Comercial: 22X X12 X12 X221.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 3/90 21 DE JANEIRO DE 1990

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Beira Mar - Porto	5	10	56	1	2	9
2. Belenenses - Benfica	5	19	47	1	3	8
3. Nacional - Penafiel	48	22	1	8	3	1
4. Setúbal - Sporting	9	38	24	1	6	5
5. Guimarães - Portimon.	67	3	1	10	1	1
6. U. Madeira - Braga	33	29	9	6	5	1
7. Tirsense - Chaves	34	30	7	6	5	1
8. Freamunde - P. Ferreira	48	13	10	8	2	2
9. Joane - Varzim	10	23	38	2	4	6
10. Rio Ave - Famalicão	32	22	17	5	4	3
11. Águeda - Espinho	16	25	30	3	4	5
12. Sintrense - Farense	6	16	49	1	3	8
13. Portalegr. - Lusitano V.R.	42	19	10	7	3	2

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
221 X11 112 1221

Jogos Olímpicos: de Olímpia a Barcelona (4)

Abebe Bikila e Cassius Clay: pé rapado e murro demolidor

Cassius Clay: ouro e profissionalismo

Os jogos de 1956 decorreram pela primeira vez em duas cidades diferentes: em Melbourne (Austrália) e em Estocolmo (Suécia), isto devido à obrigatoriedade das autoridades australianas de uma quarentena de seis meses para a entrada de cavalos. Por isso o Comité Olímpico Internacional transferiu as provas de hipismo para a capital sueca. Participaram 3342 atletas dos quais 158 em Estocolmo em representação de 67 países. Quanto a modalidades em desfile estiveram 18, sendo disputadas 155 provas.

Abebe Bikila: triunfo com pé descalço

1960: Roma

Outro herói surgiu nesta cidade mítica: Cassius Clay (ou Muhammed Ali) que chegou a Roma anunciando a sua vitória sobre qualquer opositor. O poderoso pugislista conseguiu a medalha de ouro na categoria de pesos pesados, passando rapidamente para o boxe profissional, para pouco tempo depois averbar o título de campeão mundial. Nesta edição dos JO a África ganhou a sua primeira medalha de ouro. Estiveram presentes 5396 atletas de 84 países, sendo 17 as disciplinas e 150 as provas.

1964: Tóquio

Organização impecável e a grande revelação foi o etíope Abebe Bikila que correndo descalço triunfou na prova da maratona. Tóquio foi a Olimppíada da espectacularidade ao organizarem grandiosos desfiles, utilizando aviões no dia da inauguração e conseguindo centrar a atenção mundial nos Jogos que, pela primeira vez, se realizavam num país asiático. Participaram 5586 atletas de 94 países e nas 18 modalidades foram disputadas 163 provas.

1968: México

Desde o primeiro momento que problemas estranhos à realização dos Jogos fizeram perigar as Olimpíadas mexicanas. Dez dias antes da inauguração, 260 estudantes perderam a vida em confrontos com o exército federal e, além disso, os atletas de cor norte-americanos, revoltaram-se fazendo, no pódio, o sinal do «poder negro». Esta edição ficou também marcada por ter sido a primeira vez que se fez o controlo «antidoping». O facto dos Jogos decorrerem a mais de dois mil metros de altitude criava alguma expectativa e, na verdade, esse factor concorreu decisivamente para o estabelecimento de diversos recordes olímpicos e mundiais. Foi nestes Jogos que o americano Dick Fosbury surgiu com o seu «fosburyflop» que fez sensação e escola.

Estiveram presentes 6626 atletas de 113 países e nas 18 modalidades disputaram-se 163 provas.

•

Quanto à participação portuguesa das edições de 1932, a 1968 foi assim:

1932: oito portugueses em três modalidades (tiro, pentatlo e atletismo). Exceptuando o 5.º lugar de Sales Andreia, no tiro, os demais tiveram intervenção modesta.

1936: dezassseis portugueses em presença, sendo: cinco no tiro, dois no atletismo e três em esgrima, vela e hipismo. Mais uma medalha de bronze vinda através do hipismo, cabendo o feito a Luís Nena e Silva e José Beltrão. Outro destaque vai para Manuel Dias (um dos fundadores do jornal «Record») que obteve o 17.º lugar na maratona. Os espadistas Eça Leal, Carinhas e Henrique Silveira conseguiram atingir as meias-finais e, na vela, Joaquim Fiúza e Francisco Herédia, terminaram na 10.ª posição.

1948: finalmente, Portugal conquista a primeira medalha de prata, cabendo o êxito aos irmão Fernando e Duarte Belo. Entretanto, no hipismo, Fernando Pais, Francisco Valadas e Mena e Silva proporcionam mais uma medalha de bronze. Portugal esteve representado por 45 elementos, participando em sete modalidades.

1952: Portugal esteve representado por 79 atletas em 10 modalidades: vela (13), esgrima (11), remo (10), ginástica e hipismo (9), pólo aquático e atletismo (7), tiro (5), pentatlo e natação (5). Joaquim Fiúza e Rebelo de Andrade subiram ao pódio, por terem obtido o 3.º posto na prova de «stors». Os nossos cavaleiros também tiveram excelente comportamento.

1956: apenas nos fizemos representar em hipismo (7 elementos) e vela (5). As provas de hipismo tiveram lugar em Estocolmo e a excepção honrosa coube a Henrique Calado com o 8.º lugar na prova de obstáculos.

1960: exceptuando a medalha de prata arrecadada por José e Miguel Quina os restantes 67 atletas lusos, ficaram em posições modestas. Quanto a presenças e distribuição foi assim: vela (13), hipismo (10), tiro e esgrima (9), remo (6), natação e atletismo (5), ciclismo e ginástica (4), luta (3) e halterofilia (1).

1964: vinte portugueses presentes sendo assim distribuídos: vela (5), tiro (4), atletismo e natação (3), hipismo (2), judo e ginástica. O destaque coube a Manuel Oliveira ao averbar a 4.ª posição nos 3000 metros obstáculos e para o 5.º posto de Duarte Silva na Taça das Nações de Hipismo. Os irmãos Fernando e Duarte Belo foram 8.os na prova de «stars» e Armando Marques 18.º no fosso olímpico.

1968: presença para esquecer dos nossos 23 atletas em vela (10), luta (4), esgrima (4), ginástica (3), atletismo (1) e halterofilia (1).

Olimpismo: a chama do dinheiro

A chama olímpica faz correr rios de tinta. Mas faz também correr rios de dinheiro. É a chama do dinheiro a ofuscar a chama do olimpismo. É o lucro a adiantar-se ao homem. É o comercial a sobrepor-se ao ideal. Inevitável, dir-seá. De qualquer modo, trata-se de um fenómeno que merece reflexão. Obviamente. E de reflexão é o artigo que a revista «Moskva» acaba de publicar. Assina-o o jornalista soviético Alexandre Kulechov. Título: «O Eco das Olimpíadas».

«Os habitantes de Seul construíram mais de uma centena de instalações desportivas que lhes custaram mais de três mil milhões de dólares. Para além disso, a construção de 'aldeias', auto-estradas e parques de estacionamento custou-lhes mais seis mil milhões de dólares. Mas, se não há dúvidas de que as olimpíadas implicam despesas enormes, dúvidas não há, igualmente, de que proporcionam também enormes receitas.

«Recordo-me, a propósito, de que, durante os Jogos Olímpicos de Inverno de 1968 em Grenoble, tive uma longa conversa com Dusler, um dos responsáveis pela firma Adidas, que, como se sabe, acabou por se tornar uma autêntica monopolista da produção de equipamentos desportivos. Sobretudo pelo mérito de uma publicidade imaginada magnífica e poderosamente executada. Em Grenoble, todos nós, não só jornalistas mas também membros das diferentes delegações olímpicas, fomos presenteados com sapatos de ténis... em cabedal. Perguntei a Dusler, então, se aquela forma de publicidade não seria demasiado dispendiosa. Ele, tranquilo, esboçou um sorriso, certamente pela minha ingenuidade, e limitou-se a dizer: «Qual quê?! Estes presentes todos não ultrapassaram um quarto da produção diária das minhas fábricas...»

«Realmente, a verdade é que dezenas de firmas, companhias e empresas, das mais diversas, têm comprado por elevadíssimos montantes o direito de utilização dos símbolos olímpicos nos seus produtos. O que, como esá bem de ver, lhes proporciona lucros vultuosos. Pelo que os responsáveis de «marketing» das mais variadas empresas, companhias e firmas acorrem às capitais olímpicas dispostas a «tudo». Muitos deles começam mesmo o seu trabalho muito antes dos Jogos propriamente ditos. E até chegam a influenciar a escolha das cidades onde as competições deverão ser realizadas. Como, ao que parece, terá sido o que se passou, por exemplo, com as Olimpíadas de 1964 em Tóquio: a candidatura da cidade japonesa de Nagoi terá sido posta de parte porque contrariaria os interesses da Adidas.

«Bem se sabe que, nos Jogos Olímpicos, é proibido exibir publicidade nos estádios. E que os desportistas igualmente não podem fazer reclames comerciais seja a que artigos for. Contudo, durante as Olimíadas de 1968 na Cidade do México, a Aldeia Olímpica albergava uma loja da Adidas. As paredes da loja encontravam-se cobertas de enormes fotos de desportistas famosos: corredores, saltadores e lançadores que envergavam camisetas e calçavam sapatos de ténis. Só que os seus rostos estavam tapados com manchas de tinta... Assim se observavam, 'escrupulosamente', as regras existentes.

«Por outro lado, já nos Jogos de 1988 em Seul, uma página inteira do «Jornal Olímpico» era preenchida com um anúncio da firma de equipamento electrónico Samsung. E na capa do «Guia Oficial» um outro anúncio se destacava, do cartão de crédito Visa, «Patrocinador dos Jogos Olímpicos de 1988»... Perante isto, é claro que as empresas que procederam aos seus investimentos publicitários em nada ficaram prejudicadas.

Da estratégia comercial à continuidade olímpica

«Entretanto, convém lembrar que os organizadores dos Jogos Olímpicos de 1992, tanto os de Inverno em Albertville quanto os de Verão em Barcelona, assinaram a 13 de Fevereiro de 1988 em Calgary o chamado programa «TOP-2».

De acordo com esse programa, os lucros líquidos proporcionados pelas olimpíadas deverão ser distribuídos como segue: se até cem milhões de dólares, Albertville receberá 16,7 por cento, Barcelona 33,3, os Comités Olímpicos Nacionais 42 e o Comité Olímpico Internacional 8 por cento; mas se mais de cem milhões, 40 por cento mais 800 mil dólares irão para os CON e o COI.

«Registe-se, já agora, que os custos previstos dos Jogos de Barcelona deverão ascender a um bilião de pesetas, cerca de oito mil milhões de dólares, 700 milhões dos quais serão destinados a despesas correntes. E foram mesmo estabelecidas já três categorias de produtos de empresas que já prticiparam em programas deste género: na primeira, incluem-se bebidas, máquinas fotográficas e de filmar, transporte rápido de cargas, papas para pequenos-almoços, materiais ópticos, aperitivos, amêndoas, biscoitos, saladas, publicações internacionais em língua inglesa, cartões de crédito, cheques de viagem, agências turísticas, máquinas de escrever portáteis e videocassetes; na segunda, café, chá, refrigerantes, equipamentos electrónicos, rádios, televisões, vídeos, óculos, medicamentos, máquinas de fotocópias, produtos alimentares, artigos de papelaria, equipamentos de iluminação e máquinas de calcular; e, na terceira, todos os produtos restantes.

«À primeira vista, parece difícil entender o princípio através do qual estas listas foram elaboradas. Penso, no entanto, que se baseiam no conhecimento prático das necessidades dos Jogos. ALém disso, os autores do programa «TOP-2» declararam abertamente que o objectivo consiste em incentivar as empresas transnacionais que desejem assegurar o monopólio mundial de qualquer artigo, mercadoria ou produto. A fim de se estabelecer uma certa continuidade de estratégia comercial.

«Nãol sei, em boa verdade, até que ponto as marcas de uma cerveja, de uma qualquer outra bebida, de pipocas, de óculos ou de amêndoas poderão assegurar a continuidade do Movimento Olímpico. Mas admito, naturalmente, que o dinheiro, com o qual as empresas irão contribuir para cobrir as despesas olímpicas, possa desempenhar um papel significativo neste âmbito.

México-68: mais de seis mil atletas em desfile

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - céu muito nublado tornando-se pouco nublado a partir da tarde. Possibilidade de períodos de chuva fraca durante a madrugada e a manhã. Pequena subida da temperatura. Mar encrespado com ondulação Oeste de 2 a 3 metros.

Regiões do Centro e Sul: - céu pouco nulado. Vento geralmente frado. Formação de geada especialmente nas regiões do interior. Neblinas ou nevoeiros matinais. Subida da temperatura máxima na região Centro. Mar encrespado com ondulação Oeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e na Costa Sul, encrespado com ondulação Sudoeste de 1 metro no Barlavento e de Oeste, também com 1 metro, no Sotavento.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação Sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul

No Funchal: céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Amanhã: - períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado de Leste.

Depois de amanhã: - períodos de céu muito nublado e vento moderado de Leste, sendo fraco na cidade do Funchal.

AÇORES

Grupo Ocidental: - céu muito nublado. Vento moderado a forte de Sul. Períodos de chuva.Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 3 metros e vaga de 4 metros a partir da manhã.

Grupo Central: - céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sul, soprando por vezes forte. Períodos de chuva fraca. Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupo Oriental: - céu geralmente muito nublado e vento geralmenye moderado de Sudoeste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 3 metros.

Amanhã: - Grupo Ocidental, céu geralmente muito nublado, Vento moderado de Sul. Períodos de chuva durante a madrugada e manhã.

Grupos Central e Oriental, céu geralmente muito nublado e vento moderado de Sul.

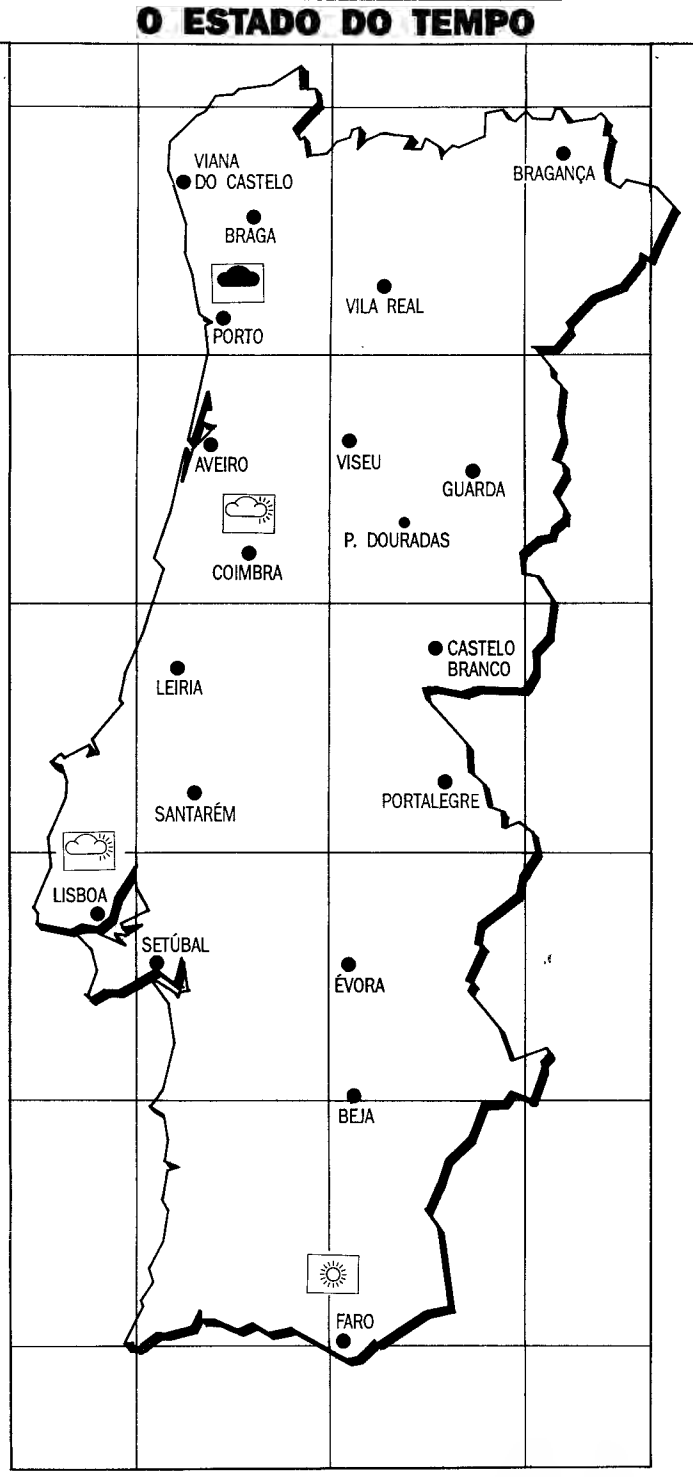
Depois de amanhã: - períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Sul, soprando forte no grupo Ocidental. Períodos de chuva fraca no grupo Ocidental.

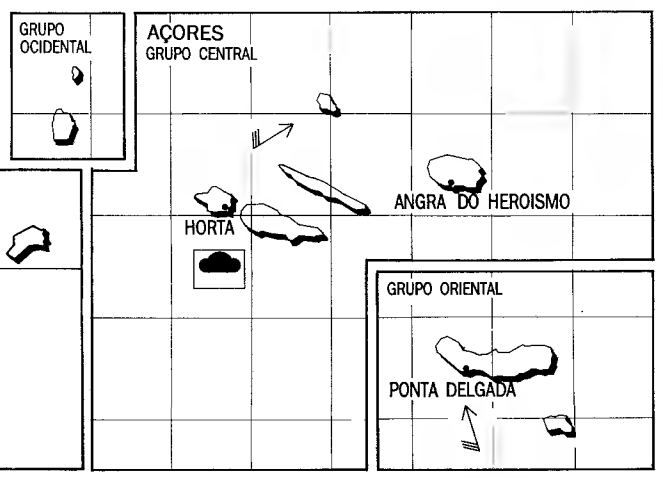
AMANHÃ

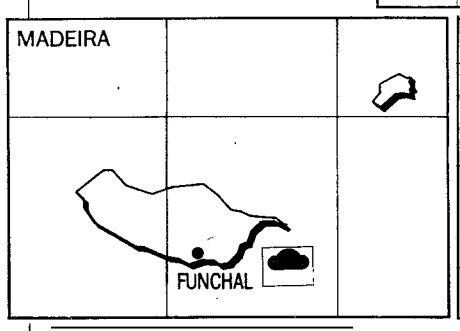
No Continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco. Geada especialmente nas regiões do interior. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Depois

No continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco. Geada especialmente nas regiões do interior.







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
07.37	3,2m	00.51	1,4m
20.05	3,0m	13.25	1,5m

Amanhã

08.28	3,0m	01.44	1,6m
21.06	2,9m	14.23	1,6m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	1	1	Nevoeiro
V. Castelo	7	7	Nevoeiro
Vila Real	-	-	-
Porto	4	6	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	6	6	Neblina
C. Carvoeiro	10	10	Limpo
C. Branco	4	5	P. nub.
Portalegre	7	7	M. nub.
Lisboa	7	7	Neblina
Évora	8	9	M. nub.
Beja	5	6	P. nub.
Faro	6	6	Limpo
Sagres	8	10	M. nub.
P. Delgada	13	14	Encoberto
Horta	14	15	M. nub.
Funchal	11	12	Limpo
Sines	-	-	-

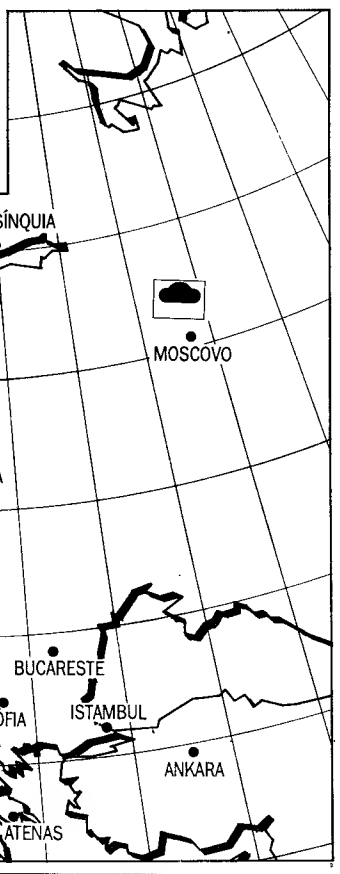
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 14; Porto, 13; Faro, 17; P. Delgada, 18; Funchal, 19.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-1	1	Nevoeiro
Londres	0	1	P. nub.
Paris	0	1	Nevoeiro
Bruxelas	1	2	Limpo
Amesterdão	4	5	P. nub.
Genebra	-2	-2	M. nub.
Roma	-1	1	Nevoeiro
Oslo	4	7	M. nub.
Copenhaga	4	4	P. nub.
Estocolmo	5	5	M. nub.
Berlim	5	5	M. nub.
Viena	6	6	M. nub.
Varsóvia	3	4	P. nub.
Atenas	8	8	Neblina
Moscovo	0	1	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	1	3	Limpo
Houston	16	23	Trovoada
Los Angeles	5	15	Limpo
Montreal	-6	2	Frio
Nova Iorque	8	14	P. nub.
S. Francisco	4	14	Limpo
Toronto	5	5	P. nub.
Vancover	-1	6	Limpo
Washington	8	15	Aguaceiros
Hong Kong	12	17	Chuva
Melbourne	7	19	Limpo
Pequim	-6	2	Limpo
Perth	15	28	Limpo
Singapura	24	29	Trovoada
Sydney	16	21	Trovoada
Tóquio	3	6	Chuva
Wellington	7	12	Aguaceiros



HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

ESPECTÁCULOS NA MANHÃ DE DOMINGO

ACORDO CULTURAL EGIPTO-ESPANHA

- um dos objectivos da viagem de Lopez Bravo ao Cairo

EM TODOS OS BAIRROS vai fazer-se a recepção das cadernetas

Acordo cultural Egipto-Espanha

O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Gregório Lopez Bravo, avistar-se-á esta semana, durante três dias, no Cairo, com o presidente Nasser e os ministros deste. Lopez Bravo assinará um acordo cultural com o Egipto e discutirá com o secretário-geral califa árabe, a instalação de uma representação da RAU em Madrid. Estas conversações, que se revestem de um particular significado na altura em que aumenta a tenção entre Israel e os países árabes, parecem destinadas a fazer evoluir a política externa espanhola para um apoio mais activo dos países árabes - dizem os observadores políticos da capital espanhola.

Reparada a avaria no "Maria Matos"

O Teatro Maria Matos já voltará esta tarde, e à noite, a apresentar o seu espectáculo - que ontem à tarde teve de ser suspenso devido a uma avaria no palco giratório. Em virtude dessa avaria, Igrejas Caeiro viu-se forçado a informar o público de que o espectáculo não poderia prosseguir, convidando os espectadores a pedirem na bilheteira a importância dos bilhetes. Hoje, porém, está tudo remediado, depois de uma noite inteira de trabalho, e o Teatro Maria Matos reabre, à tarde, as portas ao seu público.

Doze mil contos para o autódromo de Luanda

Na sede do Automóvel de Touring Clube de Angola, realizou-se uma reunião da comissão responsável pela construção do futuro autódromo da cidade de Luanda com representantes da Imprensa e outros elementos ligados ao automobilismo. Para já, como disse o eng. Couto Pires, existe o terreno cedido pela Câmara, além de um subsídio de 500 contos e a colaboração indispensável do secretário provincial das Obras Públicas e do Laboratório de Engenharia de Angola.

EFEMÉRIDES

1752

• Morre, em Lisboa, o arquitecto alemão Frederico Ludwig, autor do projecto do Convento de Mafra

1912

• O explorador britânico Robert Scott chega ao Pólo Sul

1934

• Revolta dos vidreiros da Marinha Grande, facto integrado num conjunto de acções desencadeadas pela central anarco-sindicalista CGT como forma de protesto contra a entrada em vigor do Estatuto Nacional do Trabalho, de Salazar, que previa, nomeadamente, a corporativização dos sindicatos

1943

• O Exército soviético liberta Leninegrado, cercada pelas forças alemãs nazis desde Junho de 1942

1984

• Morre, com 47 anos, o poeta Ary dos Santos

1988

• O líder rebelde Aldo Rico rende-se às forças leais argentinas do presidente Raul Alfonsin

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Alto Santo Amaro: Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29 A-B, Tel. 3637070; **Alvalade:** Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 - 66-A, Tel. 882368; **Avenidas Novas:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A, Tel. 763167; **Bairro Azul:** Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A, Tel. 544000; **Baixa:** Barral, Rua Augusta, 225, Tel. 2518518; **Benfica - atrás do Califa:** Rebocho, Rua Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B, (Calhariz), Tel. 743871; **Campo de Ourique:** Pinheiro, Rua Campo Ourique, 135, Tel. 686640; **Chelas - Colégio Valsassina:** Serra, Rua Luís Cristino da Silva, Lote 221, Loja 133 - Zona 2 - Chelas, Tel. 8593720; **F. Luminosa - Al. Af. Henriques:** Paes, Rua Abade Faria, 22-A, Tel. 883965; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq., Tel. 7588727; **Rato:** São Mamede, Rua Escola Politécnica, 82-B, Tel. 660280; **Santos:** Fontoura Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12, Tel. 662075; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Arco Cego - Estefânia:** Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31, Tel. 547088; **Av. Roma:** Avis, Av. Roma, 56 B-C, Tel. 895370; **Campolide - Sete Rios:** Nova, Rua Campolide, 297-C, Tel. 687475; **Infante Santo:** Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B, Tel. 666971; **Luz - Fr. Meninos da Luz:** Geny, Rua Cons. José Silvestre Ribeiro, 12-A ao 218 da Estrada da Luz, Tel. 7140342; **Olivais Sul:** Fernandes Borges, Rua D. Aleixo Corte Real, Lote 388, cruz. com a Rua Cidade Bolama, Tel. 311091; **Pedrouços:** Soc. Higilux, Rua Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; **Penha França - Bairro Colónias:** Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 8144361; **Picheleira:** Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16, Tel. 880703; **Santa Apolónia - Cam. Ferro:** Pereira Soc., Rua Paraíso, 98 - St. Clara - Hosp. Marinha, Tel. 863224; **Tivoli:** Morais Sarmento, Rua Santa Marta, 16 A-B, Tel. 546490; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loje E - 36-B, Tel. 990770; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permamente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permamente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permamente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permamente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suiça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real, B.º Caxias, Tel. 282407. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Dias & Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Permanente; Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 97046. Permanente; **Queluz:** Zeller, R. República, 83, Tel. 4350045. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Clarro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 3-A, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA

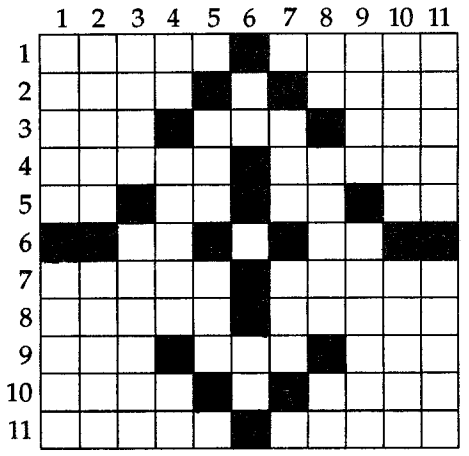
BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 275129. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 2296664. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45, Tel. 2071862. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131. Permanente; **Aldeia Paio Pires:** Central, Est. Nacional, 9-A, Tel. 2210365; **Montijo:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45, Tel. 2310008. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Coron. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Cunha Pinheiro, Est. Canarinha, 32, Tel. 29215. Permanente; Higiene, R. Frei Agostinho Cruz, 51, Tel. 22408. Permanente; Sália, P. Bocage, 96, Tel. 22484. Até às 22 h.

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 766171
766178
766179

PALAVRAS CRUZADAS



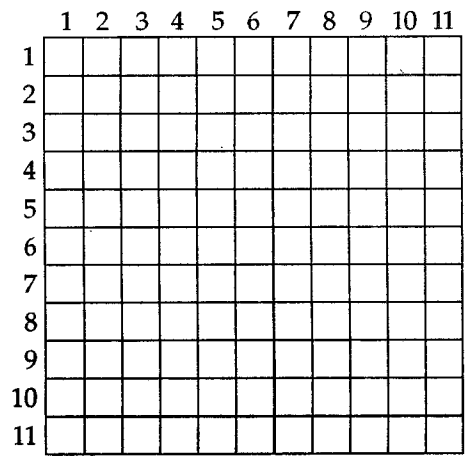
PROBLEMA N.º 17839

HORIZONTAIS:

1 - Governa. Nome de peixe.
2 - Aguce. Artigo definido. Mau.
3 - Compositor e pianista espanhol divulgador da antiga música popular. Recusa. Fileira.
4 - O mesmo que alaga. Tragédia de Shakespeare.
5 - Batráquio. Europio (s.q.). Apelido.
6 - A carta de maior valor no baralho. Artigo definido. Basta!
7 - Brancas. Pesquisam.
8 - Cidade do Egipto. Poeta e astrónomo grego autor de um célebre poema didáctico sobre os Fenómenos.
9 - Ave pernalta. Cinquenta e dois em romano. Pronome relativo.
10 - Invulgar. Tempo do verbo ser. Sair à rua.
11 - Vasilha com asas. Costumara.

VERTICAIS:

1 - Golfo do oceano Índico, entre Sri Lanka e a Índia. Aceira.
2 - Acirra. Sacerdotes budistas.
3 - O mesmo que arruela. Despachara.
4 - Preposição. Ditador romano rival declarado de Pompeu. Ano Domini (ano do Senhor) (abrev.).
5 - Embarcação grande. Nome de astro.
6 - Autores. Isto é.
7 - Peso turco, cerca de um quilo. Desaba.
8 - Brisa. Permanecer. Letra grega.
9 - Vias dentro duma povoação. Assalta.
10 - Pisas no gral com o pilão. Tratar por tu.
11 - Cidade do Iraque. Reduzira a pó por meio de moinho.



PROBLEMA N.º 16649

HORIZONTAIS:

1 - Osso malar. Variedade de feijão em Moçambique.
2 - Frutos silvestres. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
3 - Pegara. Batráquio.
4 - Voz usual entre os índios e caboclos da Amazónia que exprime espanto. Convoco.
5 - Grupo de talófitas que apresentam núcleos celulares, germes e leucito. Pronome pessoal.
6 - Transpiras. Arbusto originário de África, muito comum em Cuba, onde as folhas são usadas contra a paralisia. Lutécio (s.q.).
7 - Atraiçoaras.
8 - Diz-se do cavalo que tem os olhos ou um só olho branco (Bras). Tombada.
9 - Cólera. Dás mios. Brisa.
10 - Demorais.
11 - Governanta. Zomba. Vendem a crédito.

VERTICAIS:

1 - Nome de um adivinho do Egipto. Última imperatriz da Áustria e rainha da Hungria.
2 - Íntimo. Travaram luta com.
3 - Vila e sede de concelho (Santarém). Invulgar.
4 - Rezaras.
5 - Oportunidades. Cidade de Portugal.
6 - Membro de ave. Clima. Terceiro.
7 - O mesmo que abóboras.
8 - Deserto da Palestina antiga, perto do mar Morto. Camareiras.
9 - Carta de jogar. Antes do meio-dia. Zomba. Nota musical.
10 - Trapalhada.
11 - Jarro (planta). Empregaram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17838

HORIZONTAIS: 1 - Arão. Ralado. 2 - Ter. Leais. 3 - At. GUARDA. 4 - Cópia. Aida. 5 - Amarram. Ser. 6 - Ara. AC. 7 - Amaciar. O. 8 - If. Maomé. 9 - MELHOR. Babá. 10 - Broas. Catar. 11 - Aias. SAIO. VERTICAIS: 1 - Ataca. Comba. 2 - Retoma. Feri. 3 - Ar. PARA. Loa. 4 - Giram. Hás. 5 - Luar. Amos. 6 - Rea. Car. 7 - Aar. MAIO. Ca. 8 - Lida. Cambai. 9 - Asais. Reato. 10 - Dei. Ba. 11 - Orçar. Ocara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16648

HORIZONTAIS: 1 - Água. Batuca. 2 - Par. Lenha. 3 - As. Vi. Aliar. 4 - Més. Ga. 5 - Amen. Pastas. 6 - Rocha. Ora. 7 - Ad. As. Ab. 8 - Ota. Ois. Aso. 9 - Caduca. Cl. 10 - Asilassem. 11 - Aos. Amais. VERTICAIS: 1 - Aparar. Ocas. 2 - Gas. Mortas. 3 - Ur. Mec. Adia. 4 - Venha. Ulo. 5 - Eis. Adoças. 6 - Ias. 7 - Alagares. Sa. 8 - Telas. Cem. 9 - Uni. To. Alma. 10 - Chaparas. 11 - Aar. Sabores.

PROVÉRVIO: GUARDA O MELHOR SAIO PARA MAIO.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio. (2.ª edição) Informação Desportiva; **20.15:** Musical; **20.30:** A Viver Também se Aprende - Programa da Direcção Geral Educação Adultos) **21.00:** Diálogo; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

16.30: Ao Correr da Pena - Ferruccio Busoni; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart, - Quarteto n.º 16, em mi bemol K. 428 (dedicado a Haydn); **19.35:** Álbum Musical - Obras de Rossini, Johann Strauss e Shumann; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Histórias de Música e Outras - Bach, Schubert e Schumann à maneira de Mahler. Programa de António Cartaxo; **21.30:** Concerto para piano de Alexander Scriabin; **22.00:** Música Vocal Comentada; **23.00:** Novidades Discográficas; **01.00:** Música de Mendelssohn; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

17.00: Contacto; **19.00:** Peça que a Gente Passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de Desporto; **23.00:** 24.ª Hora; **01.00:** Fantástico.; **03.00:** Serviço Nocturno.; **06.00:** Diário Rural.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

16.00: Rock em Stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao Fim e ao Cabo; **20.00:** Topo de Gama; **22.00:** Pessoal e Transmissível; **00.00:** Morrison Hotel; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Serviço Nocturno; **06.00:** Diário Rural; **06.45:** Piadinhas e Torradinhas. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Jornal da Tarde - Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
ENTRE PRIMOS
Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rosselini.
Maiores de 12 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
CHUVA NEGRA
Filme de Ridley Scott c/Michael Douglas e Andy Garcia.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
COMO O CÉU SE ENGANOU
Filme de Emile Ardolino c/ Cybill Shepperd e Robert Downey.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
CHUVA NEGRA
Com Michael Douglas e Andy Garcia
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SOMBRA ASSASSINA
Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10
COMO O CÉU SE ENGANOU
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
O DRAGÃO DE FERRO
Filme de Moura Fang
Maiores de 13 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

Em exibição na sala 3 Quarteto **PUB**
Regresso a Viena **Filme de qualidade**

CAPITÓLIO
Parque Mayer
ESCRAVATURA DO SEXO
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
A TURMA DO SEXO
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
TERROR NAS PROFUNDIDADES
Filme de Sean S. Cunningham
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
EMANUELLE
Com Monique Gabrielle e C. Hadester
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maires de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
TENNESSEE BUCK E OS SALTEADORES DA TRIBO
Com David Keith e Kathy Shower
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
EM BUSCA DO MARFIM MÁGICO
De Anthony Richmond
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
COMO O CÉU SE ENGANOU
De Emile Ardolino
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
KINJITE - JUSTIÇA Á MARGEM DA LEI
Com Charles Bronson
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1752

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 15 kV, com 548 metros, do apoio n.º 10 da linha para o PTC STR 142 de Casais de Além, ao PT STR 193 C, de Américo Duarte Paixão, freguesia de Alcanede, concelho de Santarém, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Dezembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1762

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 15 kV, com 1055 metros do apoio n.º 7 da linha para o PTC TNV n.º 18 na Brogueira, ao PT TNV 228 na Charneca da Barreira Alva, na freguesia de Zibreira, concelho de Torres Vedras, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1990.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1698

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 15 kV, para o PT STR 427, com 190 metros e origem no apoio n.º 29 da linha para o PT STR 24, na freguesia de Póvoa de Santarém, concelho de Santarém, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

CARTAZ

R. Martens Ferrão
Telef. 538743
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
TAP-A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Dick Castle
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O INFERNO DOS HERÓIS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
A FLORESTA DO PRAZER
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
A CIDADE DO FIM DO MUNDO
Filme de Peter Yuval c/Demis Cole e Greg Cummins
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
TAP - A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Nick Castle.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00 e 24 .00 horas.

QUARTETO 3
REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
REGRESSO AO FUTUTO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
MORTO A TIRO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
O VELHO GRINGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
O PRADADOR
Com Arnold Schwarzenegger
Maiores de 18 anos.
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

"What Happened To Madalena Iglésias?»: Rita Ribeiro e António Cruz numa cena deste espectáculo actualmente em cartaz no Casino Estoril

CACÉM- ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
CYBORG
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
OS CAÇA FANTASMAS II
Mairoes de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas
SALA 2
ONZE DIAS E ONZE NOITES
Com Jessica Moore
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.
SALA 3
CYBORG
De Albert Pynun
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
REGRESSO AO FUTRO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
GOLPE DE VINGANÇA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE

PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
O REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMAD-

ENSE
Telef. 2752127
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO LISBOA

A BARRACA - CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 - Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira.
SALA 1
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando

CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas

RITZ CLUB
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sába. e Dom. às 16 horas.
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 688-A Processo 1/63

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro Distribuição de Almada a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 30 kV, LI 30-322-1-1, do apoio n.º 20 da linha LI 30-322-1, Azeitão, ao PT da Rodoviária Nacional, freguesia de S. Simão, concelho de Setúbal, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1990.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

GRUPO TEATRO HOJE/TEATRO DA GRAÇA
NO TEATRO DA TRINDADE
ÚLTIMA SEMANA SO ATÉ DOMINGO 21

«Elenco de Ouro». «O duelo Isabel de Castro, Fernanda Alves é algo de inesquecível, os jovens M.ª José Pascoal e José Walenstein não deixam os seus créditos por mãos alheias, Ruy Furtado é só por si um espectáculo» — **Diário de Notícias**
«Um festival de interpretações e uma das melhores encenações de Carlos Fernando» — **A Capital**

3.ª a Sáb. às 21.30h. Domingos às 16.00h. — *Marcações pelo Telef.: 32 00 00 SUB. SEC*

PATROCÍNIO Círculo de Leitores

APOIOS:
Lanalgo, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vitor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.

CARTAZ

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
De Edward Bond c/ Fernanda Alves e Isabel de Castro.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas ; Dom. às 17 horas.
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS
TEATRO DA MALAPOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sába. às 21.30; Domingos às 16.00 Horas.
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires. Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

PORTO
TEAR
R. do Heroismo, 86 - Telef. 573265.
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.
JARDIM DAS CEREJEIRAS
De Anton Tchekov, pelo TEAR. Encenação de Rogério de Carvalho.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Colecção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
ALFA MIXTA (Escola Gerais, 34): até 10 de Fevereiro, de terça a sábado das 14 às 20 horas, Pintura e Escultura de Liane katsuki, Romy Castro, Scoditti, Sobral Centeno e Verónica Nel.
ARTE OBJECTO (R. Francisco Metrass, 8 B): Pintura e tapeçaria de Alba Simões (1ª individual).
BAR IMPREVISTO (Tv. da Laranjeira, 35): até 21 de Janeiro, Pintura de Wanda Campos.
CASA DO ALENTEJO: até 28 de Janeiro, diariamente das 10 às 22 horas, Pintura de A. M. Partoja Rojão.
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.
ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naïf brasileiro Jorge Viriato.
GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13 horas, Pintura de Rui Viana.
GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".
GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 27 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 ás 20 e sábados das 15 às 19, Pintura de Ormond Fannon.
GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11A): Fotografia de Antón io José Alegria.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 28 de Janeiro, Fotografia de Mafalda Reis Moore (Branca de Neve) e de Eduardo Nery (Lugares).
GALERIA FONTE NOVA (Estrada de Benfica, 503): até 26 de Janeiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Carlos Neto, Fernanda Freitas, Fernando Lory e Urbano Resendes.
GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48.A): até 2 de Fevereiro, exposição de homenagem a Tomás Mateus, com venda de algumas das suas obras.
GALERIA EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19- sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.
GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do faial, 14-A): Pintura de Luísa Costa Cabral.
GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.
GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23): até 20 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, «Arremessos», Pintura-Video-Instalação de Miguel Telles da Gama e Paulo Cancela d'Abreu.
HOTEL MERIDIEN LISBOA (R. Castilho, 149): até 22 de Janeiro, diariamente das 9 às 23,30, a exposição de Pintura e Escultura do «GAP - Grupo de Artistas Portugueses».
AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.
LOJA DA ATALAIA (R. da Atalaia, 63): até 18 de Janeiro, os "Encontros de Fotografia de Coimbra" apresentam em Lisboa uma exposição com trabalhos de Joel Peter Witkin.
RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.
POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): até 31 de Janeiro, a exposição de Pintura "Sete Pecados Capitais", produção de Graça passos com trabalhos de Gonçalo Ruivo, Helena Pinto, Jaime Lebre, João Queiroz, Jorge Varanda, José António Cardoso e Miguel Branco. Na Galeria de Arte Moderna, também até ao final de Janeiro, Fotografia de Sérgio Eloy.
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Av. Duque de Loulé, 31): até 26 de Janeiro, "Linhas do Desejo", fotografias de Guilherme Silva.

"Sete Pecados Capitais" na Sociedade Nacional de Belas Artes, até 31 de Janeiro

ARREDORES

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 28 de Janeiro, a exposição «Francisco Valença - a Vida e a Obra»
RECREIOS DA AMADORA: até 21 de Janeiro, das 15 às 23, a "Exposição de Arte da Quirguizia - URSS".
GALERIA JF DE CASCAIS: até 31 de Janeiro, desenhos de Hector Ramsay.
CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14 - Sintra): até 31 de Janeiro, Pintura de Hugo Ferrão "Cabeças de Estrela".
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.
ATELIER EC (Várzea de Colares): até 21 de Janeiro, exposição colectiva de pintura e escultura, comemorativa do 2º aniversário.
GALERIA DE SANT 'IAGO (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.
SETÚBAL (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito): a exposição "Produção de Azulejos Artesanais da Região de Setúbal".

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1712

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Centro de Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 15 kV, para o PT STR 246, com 358 metros e origem no apoio n.º 13 da linha para o PT STR 30, na freguesia de Várzea, concelho de Santarém, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1989.

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

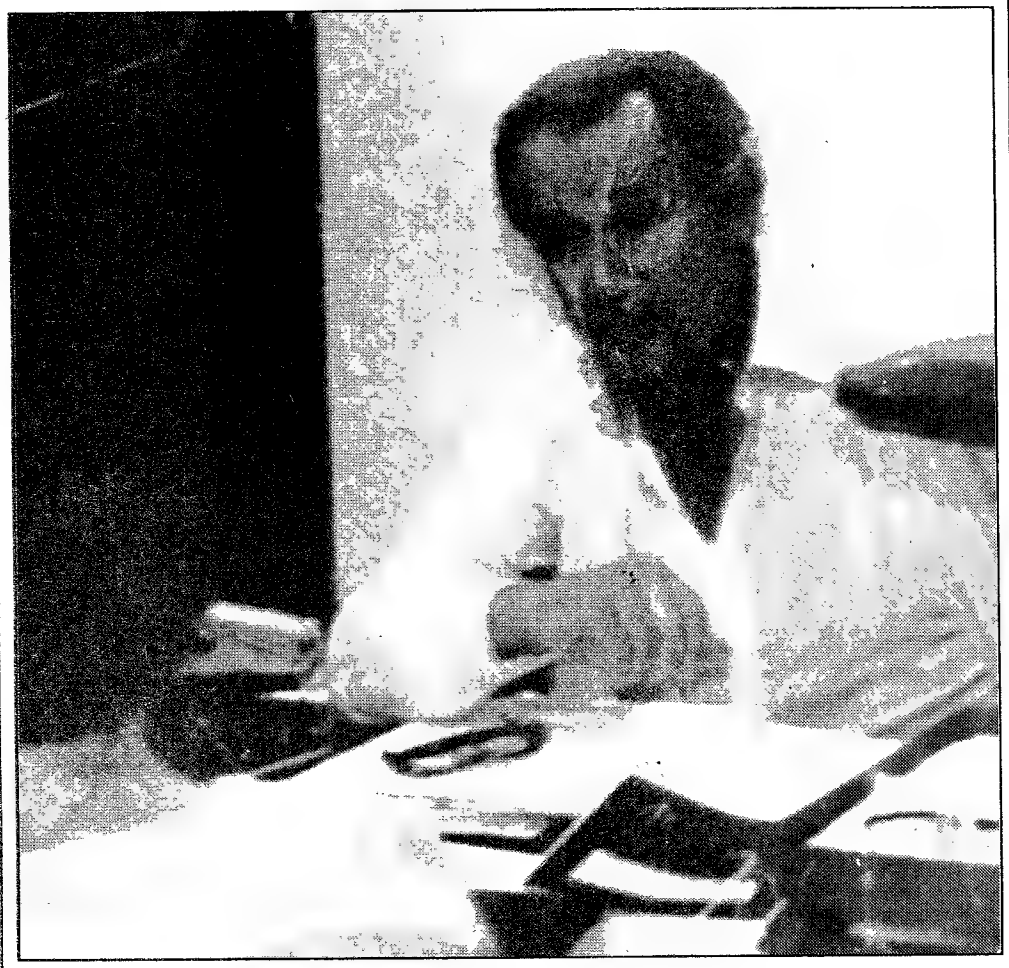
HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
O divertido "Virgul" abre esta emissão, na qual os mais novos podem igualmente assistir a episódios de "Decimal, a Baleia" e "Kate e Skubanek", que vai trazer-nos as aventuras de uma menina e de um cão. Destaque ainda para "Vem lá filme", um programa que apresenta filmes e videos especialmente destinados às crianças e também para mais uma aventura de "Tom Sawyer".
18.35- RUA SÉSAMO
54º episódio: o programa inicia-se com uma canção da autoria do Ferrão e interpretada pelo próprio. Destaque também para a ida ao cinema do Egas e do Becas e várias noções sobre o leite.
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15- BOLETIM AGRÁRIO
20.20 - VALE TUDO
30º episódio
21.10 - JUSTIÇA CEGA
2º episódio: Franck Cartwright propõe-se defender, em tribunal, os familiares de Nola Marshall, médico alcoólico, morto em circunstâncias pouco claras, quando estava na prisão. Katherine, por seu turno, é obrigada a prestar declarações à Imprensa quando se descobre que um dos seus clientes foi acusado de pertencer a um movimento político de extrema direita.
22.45 - 24 HORAS
23.15 - REMATE

RTP-2

16.50 - BENJI, O PRÍNCIPE

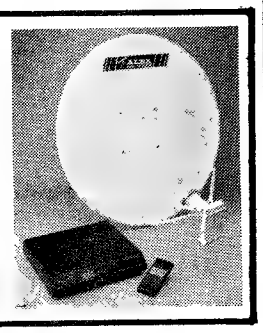


No 1º Canal, de segunda a sexta a seguir às 14 horas, "Palavras Cruzadas"

O último episódio da série "Maude", no 2º Canal às 21.30

EXTRATERRESTRE
17.15 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
21º episódio: Zezé mente a Godoya, dizendo-lhe que Henrique mandou um bilhete dirigido a Lili, mas depois fica com remorsos. Zezé inventa mais outra história, desta vez dizendo que jandira ten de fazer um tratamento, pois tende a ficar careca. Paulo resolve castigar o filho e Zezé, sabendo que não será perdoado, decide fugir de casa.
18.25 - OS HENDERSON
19.15 - DESENHOS ANIMADOS
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina» e "O Homem Invisível"
20.25 - PRIMEIRO ANDAMENTO
Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa
20.50 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - MAUDE
14º e último episódio: quando o orgulhoso e seguro mr. Butterfield, o pai de Victoria, aparece em cena com intenção de a levar da "liberal" casa dos Findlay, Maude confrontra-o com um segredo que em nada honra os pergaminhos dele.
21.55 - HORA DA VERDADE
23.05 - QUINTA DIMENSÃO
A descoberta de desenhos pré-históricos em cavernas aponta para a possibilidade de alguém ou alguma coisa ainda poder viver nessas grutas.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

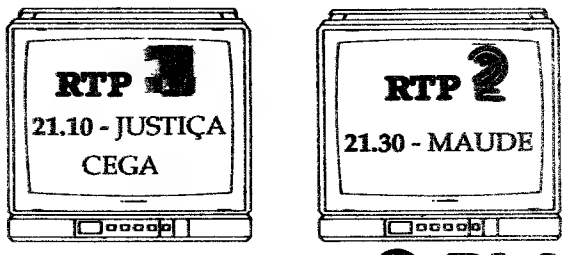
RTP-1

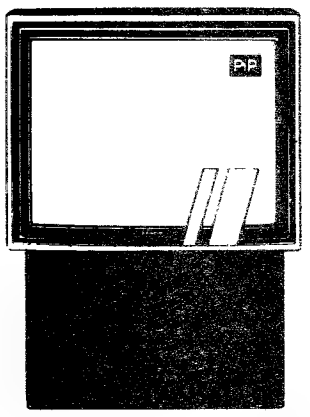
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.11 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
21.20 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
21.35 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.25 - TELEMUNDO
23.15 - CHEFE, MAS POUCO
23.40 - 24 HORAS
00.10 - REMATE
00.20 - PELA NOITE DENTRO
"A Ameaça do Passado"

RTP-2

15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.50 - 3, 2, 1 CONTACT
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.30 - HAJA MÚSICA
19.15 - DESENHOS ANIMADOS
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.45 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
22.50 - ACERTO DE CONTAS
23.20 - ROTAÇÕES

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...





BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

ENSINE O SEU FILHO
Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras
PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

«Cavaco Silva eliminou a última mão estendida que o destino lhe oferecia, através de uma remodelação ministerial que conformou um inexplicável atentado à sua própria inteligência.»

Carlos Blanco de Morais, «Diário de Notícias», 17.01.90

A PERGUNTA DO DIA

Luís de Pina, director da Cinemateca Portuguesa

Como vai ser a programação da Cinemateca Portuguesa para este ano?

«Vamos ter em Fevereiro um ciclo intitulado *Óscares 39/Óscares 89*. Depois, o ciclo Jacques Rivette, esperando-se a presença do cineasta. Ainda em Fevereiro teremos um ciclo com a presença do historiador finlandês Peter Von Bagh, que será uma escolha dos seus filmes preferidos. Em Março haverá um ciclo dedicado ao cineasta alemão Werner Schroetter e a seguir um ciclo de tesouros da Cinemateca Francesa, envolvendo filmes clássicos, recuperados por esta Cinemateca. Em Abril/Maio vamos organizar uma grande retrospectiva do cinema suíço e a seguir uma retrospectiva completa de Perdigão Queiroga, no décimo aniversário do seu falecimento. Ainda em Maio haverá uma retrospectiva do realizador americano Frank Borvage. Em Junho teremos um ciclo de filmes pouco vistos ou, talvez, pouco valorizados, do período 1918-57. Isto vem a propósito do lançamento do livro *Estreias em Portugal 1918-1957*. No segundo semestre haverá retrospectivas de Andy Wharol, Fellini, Michael Powell e Leo Mc Carey. Haverá ainda uma retrospectiva dedicada a Isabel de Castro e o *Audiovisual 90*, em colaboração com a Federação de Cinema e Audiovisuais.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Piteira Santos comenta entrevista de Cavaco Silva

Os buracos de Lisboa

O suplemento A MOSCA

ENTREVISTA

Francisco Louçã é o líder do Partido Socialista Revolucionário, um homem de verbo escorreito e interventor, que se revela preocupado com o «racismo agressivo» em Portugal

«Temos que ser todos africanos contra os racistas»

D.L. - É um homem de fé?

F.L. - Não, no sentido em que as pessoas normalmente o interpretam...

D.L. - Em que sentido?

F.L. - Eu tenho uma confiança enorme na luta pela dignidade humana e acho que isso é um princípio sustentador de todo o projecto socialista. Fé, no sentido em que envolva a passividade e a espera por alguma interferência metafísica estranha às pessoas concretas, não.

D.L. - O que é isso de ser um socialista revolucionário?

F.L. - É uma coisa antiga e uma coisa moderna. É dizer que o projecto socialista, que recomeça com uma força revigorada depois da morte do estalinismo, teve sentido e tem sentido numa experiência concreta de lutas sociais que atravessaram a História das revoluções e contrarevoluções do séc. XX. E que desse ponto de vista é o projecto da sociedade da abolição das classes, da livre organização dos produtores... É aquela frase da Rosa Luxemburgo que diz que a emancipação dos trabalhadores deve ser - e eu acrescentaria agora, só pode ser - obra dos trabalhadores.

D.L. - Portugal precisa de uma revolução?

F.L. - Precisa.

D.L. - Porquê?

F.L. - Portugal é o paradigma da livre civilização capitalista dependente...

D.L. - O que é isso?

F.L. - Isso é uma sociedade que junta as piores características da exploração, do trabalho infantil, à megalomania política dos governantes, dos gestores públicos, à acumulação selvagem e pirata dos salários em atraso. É toda a parvónia em relação à Cultura importada dos Estados Unidos, o *chewing gum* das grandes noções filosóficas e sociais...

D.L. - Como fazer então a revolução?

F.L. - Isso está para ver. A revolução não é um receituário. O que digo é que uma sociedade socialista implica uma ruptura com o capitalismo. Essa ruptura é uma ruptura revolucionária e só tem sentido se for protagonizada pela grande maioria da população.

D.L. - Há racismo em Portugal?

F.L. - Muito. Ao contrário do que se diz. Não vemos uma igualdade das várias raças no acesso à Cultura, ao ensino, aos postos de responsabilidade... Sobretudo existe um racismo muito agressivo.

D.L. - A que é que se deve?

F.L. - Eu acho que se deve às noções que foram inculcadas durante séculos sobre a supremacia do branco, sobre a supremacia da civilização ocidental em relação a África, a própria noção do colonizador, do envagelizador... Tudo isso foi alimentando várias formas de racismo.

D.L. - Como é que se pode combater?

F.L. - Eu acho que se tem que combater, em primeiro lugar com a ideia da fraternidade. Nós somos iguais e temos que lançar na sociedade portuguesa um SOS - Racismo no sentido de criar a ideia de que não podemos deixar que toquem naqueles que são iguais a nós. E desse ponto de vista, hoje em dia, em Portugal, temos que ser todos africanos contra os racistas.

A.J.T.

meteorologia

Mau tempo em Rio de Onor

Todo o começo é involuntário, disse Pessoa, mas Ernesto, filho de um clã da burguesia republicana, nortenha por definição, deixou a família, mandou passear a advocacia, abandonou a carreira normal e todas as normas, e começou a vida aventureira de homem da ciência incerta chamada etnografia e etnologia, em toda consciência. Ernesto Veiga de Oliveira.

A amizade criativa com Jorge Dias, que durou até à morte deste nosso primeiro antropólogo, levou-o pelas vias mal marcadas nos mapas, entre o povo nunca antes visitado, e ainda menos respeitado nas suas diferentes culturas; lavradores, pescadores, artesãos desse Portugal que não espera por vós, conheciam o seu arqueológico 2 CV, o gravador aproximativo, o seu sorriso sério, a atenção, mas também as suas narrativas de contador nato, de memória prodigiosa, de experiência ímpar, como que sempre surpreendida.

Um dos primeiros do Centro de Etnologia, mais tarde membro do Centro de Antropologia Cultural, verdadeiro inovador em museologia; depois da morte de Jorge Dias, director do exemplar Museu de Etnologia, museu do homem português, até à aposentação.

Amigo, de amizade medida em tempos confusos, homem de palavra e de palavras, escritor também, escritor maravilhoso de textos antropológicos que teriam murchado à nascença se não fossem irrigados de amor, espírito, poesia, rigor: eles vivem, ele morreu no domingo passado.

Não passou para a outra margem de Léthé, o rio do esquecimento, atravessa ainda o Rio de Onor, o dele, que soube tornar amado, como tantos outras coisas, cestos, telhados, o compadrio rural, as festas dos rapazes, casas de estacas, espigueiros... Sabia muitas coisas humanas. E também sabia outras.

Jorge Listopad

NÓS POR LÁ

O jornal italiano *IL MANIFESTO* noticiou o relançamento do *Diário de Lisboa* na sua edição do passado dia 11. A este propósito, Rita Ciotta, correspondente em Portugal, refere «o novo aspecto gráfico mais ágil e moderno e que parece assim reconquistar um importante espaço que detinha no meio intelectual de esquerda na capital antes do 25 de Abril».

LUSIADI

1990 a Lisbona

rrivo la tv privata e un nuovo quotidi

Rita Ciotta

no *Diario de Lisboa*, uscito a dicembre con una nuova veste più agile e moderna e che sembra così riacquistare l'importante spazio che aveva tra gli intellettuali di sinistra della capitale prima del 25 aprile. Tra le novità, molto pubblicizzate, sono due cronache settimanali che arrivano dall'Italia una di Umberto Eco e l'altra di Francesco Alberoni.

O adiamento do lançamento do *Público* , o «monopólio arrogante» da RTP e o «ganhar tempo» de Cavaco Silva quanto à televisão privada são também motivo de análise do *IL MANIFESTO*.

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO
LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 18 JANEIRO 1990 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

A nobre arte da autópsia, pág. 2; O suicídio de Antero, pág. 3; Poemas de Paul Celan e de Sylvia Plath, págs. 4 e 5; Luís Miguel Nava, pág. 7; Norberto Bobbio, leitura na pág. 8

VACHÉ, RIGAUD, ZO D'AXA, JACOB,
Os «Alegres terroristas»

Um escrevia e o outro não. À margem do surrealismo ou do anarquismo, eles foram os «alegres terroristas» (Breton), seguramente ao serviço de ninguém, nem sequer da revolução. Antes de mais nada fiéis a uma certa ideia de si próprios, ideia essa que um dia se emaranha, ou cujo contraste com aquilo que se é, com o que vai ser-se, simplesmente exige que se morra com asseio, e sem declarações.

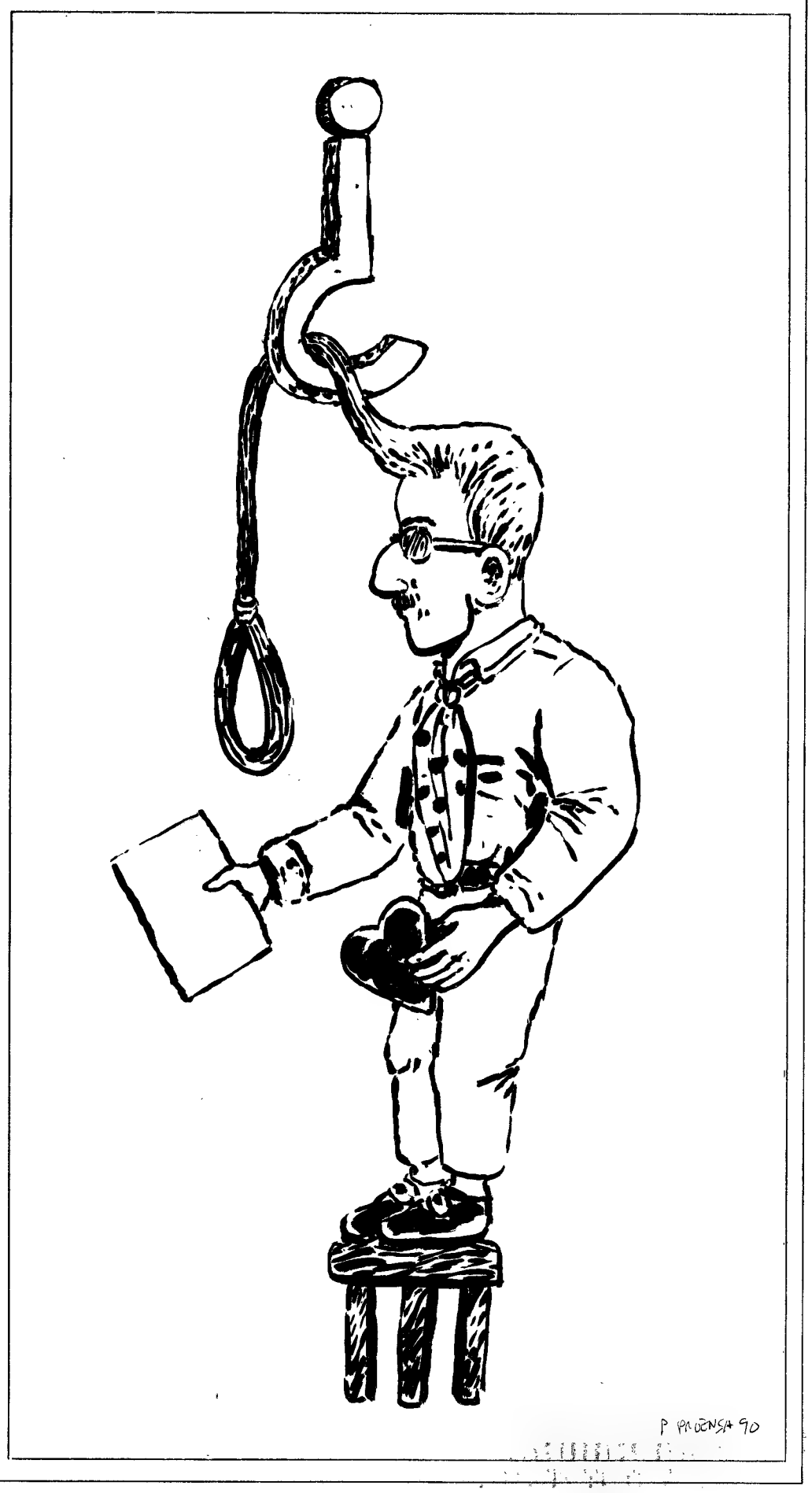
Jacques Vaché escreve a André Breton, da frente de batalha, a 9 de Maio de 1918: «Faço objecção a ser morto em tempo de guerra.» E mata-se, livre dos seus actos, numa segunda-feira, 6 de Janeiro de 1919, com 23 anos. «A sua morte teve de admirável o ela poder passar por acidental. Absorveu, segundo julgo, 40 gramas de ópio, se bem que, como se pensa, não fosse um fumador inexperiente.» Na mesma *Confession Dédaigneuse* Breton acrescenta: «Só num caso me parece legítimo uma pessoa suicidar-se: não tendo no mundo nenhum outro desafio a emitir se não o desejo, e não recebendo desafio maior que o da morte, posso chegar a desejar a morte.»

Quanto a Rigaut, o que ele procurava era «não morrer», ou seja, procurava, sem ilusões demasiadas, o meio de escapar à *decisão de morrer*. «Procurai, porém, se o puderdes, deter um homem que viaja com o suicídio na lapela.» De entre quantos se mataram, Rigaut é, sem dúvida, o que mais duvidou do suicídio: «Não há razões para viver, mas tão-pouco há razões para morrer. A única forma que nos foi deixada para testemunharmos o nosso desdém pela vida consiste em aceitá-la. A vida não merece que tenhamos o incómodo de a abandonar. (...) O suicídio é o melhor do pior, pouco menos antipático do que o ofício ou uma moral. (...) Uma pessoa matar-se é reconhecer que há coisas a recear, ou apenas a ter em conta.» E quando isso acontece, porque acontece, «o que nos liberta, o que nos retira toda a possibilidade de sofrimento, é este revólver com o qual nos haveremos de matar esta noite, se tal for nosso prazer e vontade.» O absurdo ainda ressoa nessa manhã de 6 de Novembro de 1929, quando o tiro estala. Com a ajuda de uma régua, Jacques Rigaut disparou uma bala em pleno coração. Bonita publicidade póstuma feita à sua Agência Geral do Suicídio, que garantia, «graças a dispositivos modernos, uma MORTE SEGURA e IMEDIATA, coisa que não há-de deixar de seduzir todos quantos se afastaram do suicídio com medo de 'falharem o golpe'».

Alphonse Galland, *alias* Zo d'Axa, afirma-se *fora* de todas as leis, de todas as guerras, de todas as teorias, sejam elas anarquistas. *L'Endehors* é o título do jornal que funda em 1891. Notável polemista, pontua a actualidade com panfletos que o levam a frequentes condenações, ao exílio e à prisão. Põe fim à vida aos 86 anos, em Agosto de 1930, em Paris.

A liberdade não é apanágio dos que dela falam. E o suicídio não é privilégio dos literatos. Alexandre Marius Jacob é ladrão assaltante, também anarquista. Em 1897 vê-se condenado a seis meses de cadeia, por fabrico de explosivos. De novo condenado em 1899, desta vez a seis anos de reclusão, faz-se passar por doido e evade-se do hospital de Marselha onde se encontra retido. De bom grado se disfarça de polícia, ataca igrejas e ricaços, e financia a imprensa libertária. Aquando do processo criminal de Amiens, em 1905, arrisca nele a vida. Os seus companheiros criam especialmente um jornal a fim de lhe assegurarem a defesa, de propagarem a ideia e de ameaçarem os jurados. O *Germinal* reproduz, à noite, as suas declarações da véspera: «é preciso destruir as castas, eu escolhi como meio o roubo.» Organiza um processo «de ruptura», recusa o protocolo judicial, lança invectivas. É condenado a trabalhos forçados perpétuos e deportado. Repatriado para França um quarto de século mais tarde, é libertado em Dezembro de 1928. Tentará ainda organizar o tráfico de armas para Espanha, a fim de apoiar a revolução libertária. Não muito gasto aos 75 anos, Jacob considera, todavia, que já não durará muito, e decide acabar. Uns quantos assuntos a resolver, uma companheira anarquista desejada, com a qual fará amor uma primeira e última vez (com o assentimento do companheiro dela), e a 28 de Agosto de 1954, um sábado, «para que as pessoas se ocupem do corpo no domingo e que os preparativos e as diligências as não incomodem», toma uma injecção com uma dose mortal de morfina e dá outra ao seu cachorro, Negro.

*(excerto de **Suicídio, modo de usar**, de Claude Guillon e Yves Le Bonniec. Tradução de Júlio Henriques e Paulo de Costa Domingos. Edições Antígona, 1990)*



literário

A morte como forma de vida

Após todos estes anos praticando autópsias, uma dúvida se levanta: será que esta ocupação, directamente ligada à morte, terá tido alguma influência sobre a minha personalidade? O facto de uma tal actividade poder deixar marcas nos seus agentes é, no mínimo, opinião com alguns pergaminhos. Na obra «Nicomachean Ethics» argumenta-se que o soldado aprende a coragem no campo de batalha onde se expõe ao perigo. Pode-se então subentender que a virtude, tal como o vício, resultam do hábito e da prática.

Costuma-se dizer na brincadeira que tanto advogados como ginecologistas vêem o mundo de pernas para o ar. Pode-se assim presumir que os médicos legistas, obrigados a espreitar a vida de dentro para fora, acabam por adoptar um ponto de vista também desiquilibrado, enviesado e assimétrico, e que a sua profissão não pode ser totalmente inofensiva.

Manipuladores de cadáveres tais com os patologistas, cangalheiros ou embalsamadores são olhados com desconfiança, existindo sobre eles uma sombra de hostilidade. Bertrand Russel, por exemplo, fala de um professor de Cambridge que, bcecado pela morte, trazia sempre consigo um estilete destinado a aniquilar os vermes que via nos relvados, gritando:«Toma! Ainda não foi desta que me apanharam».

Contudo, esta desconfiança não se encontra apenas entre os leigos. Richard Selzer, um cirurgião, considerava os patologistas como uma espécie de bolor emanado da Medicina. Num ensaio humorístico, o autor descrevia-o como uma criatura ignóbil, aviltada pela morbidez e pervertida pelo seu longo contacto com as víscera e o desmembramento.

Contra tudo isto quero afirmar que tais actividades, levadas a cabo por um patologista, são salutares para o carácter do profissional, não deixando de o enobrecer emprestando-lhe um tom poético.

É importante notar que o patologista é dos poucos profissionais realmente interessados na morte como tal, de forma concreta e inequívoca. Contrariamente aos padres, cientístas místicos ou poetas, para quem a morte faz parte do curriculum, o patologista assume uma atitude frontal e sem ambiguidades. Todos os outros encaram sempre o mortodespersonalizando-o, deixando de o assumir como ser humano. Despojado de qualquer individualidade, o morto torna-se num ser abjecto.

Mas consideremos a posição do patologista. Quando chega o momento de se confrontar com o defunto, ele está sozinho. Os familiares do morto estão prisioneiros da dor, embora o padre os tente libertar. Por outro lado, o cientista e o poeta escapam-se pelas traseiras da abstração logo que se encerram as portas da morgue. Mas para o patologista não existe saída. A sua função é a de confrontar-se com o morto, violar a sua mais íntima individualidade recolhendo informações úteis que dêm corpo àquilo que, até então, não passava de uma abstração. Mas, para isso, ele tem que mergulhar as mãos em sangue e nas secreções viscosas, e passar por sensações repugnantes, odores nauseabundos e visões pouco agradáveis.

Na época heróica da ciência da patologia, cientistas devotos não envidavam esforços. Giovanni Battista, um dos fundadores desta disciplina, registou para a posteridade o sabor dos fluídos encontrados no baço dos porcos. O seu discípulo, Valsalva, não hesitava em provar os quistos nos ovários e nos rins. Naturalmente que não é necessário salientar que os seus actuais sucessores estão supremamente gratos pelo facto de o progresso científico ter tornado desnecessários estas provas de bravura em nome da investigação. No entanto, ainda hoje, as excrecências pútridas têm que ser recolhidas, os tumores têm que ser analisados, pesados e classificados.

Mas é na patologia criminal que tudo isso se torna mais evidente. Para que os meus colegas não me ataquem por fazer referência a uma zona subsidiária, apresso-me a salientar que ela constitui uma disciplina tão respeitável como qualquer outra, muito havendo a dizer sobre a questão.

Na realidade, para a patologia criminal a estrutura da morteliga-se, geralmente, ao horrível efeito da violência sobre a fragilidade do corpo humano. O seu campo de estudo é o homem, a mulher e a criança cortados aos pedaços, espancados até não serem mais do que uma coisa amorfa; corpos carbonizados, imersos em tanques com ácidos corrosivos, desvanescidos, meio devorados pelos ratos, atacados pelos vermes, azulados pela asfixia ou despedaçados por uma explosão.

Confesso que me falta a coragem para olhar para além destas situações e considerá-las do ponto de vista legal, moral ou científico. No entanto, há um aspecto nisto tudo que acho fascinante e que é central para o patologista criminal. trata-se do estudo sistemático do formalismo da morte, a cuidadosa elaboração da postura, do gesto e de todas as circunstâncias extrínsecas que acompanham cada um dos defuntos.

Os caminhos para se entrar nesta vida são limitados. Mas são infinitas as formas de se sair dla. À medida que os tempos se foram tornando menos religiosos as atenções quanto aos pormenores finais começaram a ser considerados inúteis. As circunstâncias externas da morte pareciam desprovidas de interesse científico. Toda uma ciência, a obstetrícia, preocupava-se com os mecanismos da chegada. No entanto, os processos da partida não eram considerados como um campo legítimo de investigação.

Mas atenção! Foi através dos eforços dos médicos legistas que os sinais exteriores da morte se tornaram num campo credível de conhecimento. O momento da morte adquiriu respeitabilidade científica. De onde se depreende que a autópsia, como ocupação, representa uma forma única e particular da actividade humana. Única porque recebe como recompensa a desconfiança da sociedade; e única também devido ao seu confronto, sem ambiguidades, com a morte, considerando-a como tal e não como uma abstração.

Na minha opinião, o sinal positivo dessa actividade resulta da forma singular pela qual a autópsia fornece uma dupla lição sobre o ser humano. O impacto didático reside no seu poder coercivo. Abandonada a abstração, a nossa mente pode arrastar-se por filosofias que defendem a nossa qualidade de seres únicos. A autópsia, de uma forma muito directa, revela a semelhança, que é a nossa característica. Gostaríamos de buscar refúgio em pensamentos que lisonjeiam este nosso desejo de permanência. Mas ela arrasta-nos pelos cabelos para o espectáculo da nossa própria dissolução.

NOTES OF AN ANATOMIST
de F. Gonzalez-Crussi
(tradução/adaptação de G. I.)

OS ANTIGOS LIDOS DE NOVO (4)

ENTRE REIS E FILÓSOFOS

«A culpa ponho aos reis, porque vieram a gostar mais de lisonjeiros que de filósofos e sabedores; porque se assi não fôra, viramos cada dia fazer a muitos privados o que fez o grande Alexandre a um filósofo, que havia muito trazia consigo; o qual, como nunca o repreendesse de cousa alguma, lhe disse: – eu sou homem e como tal devo de errar em muitas cousas; e tu sendo filósofo não me repreendes nem avisas de nada; ou é que não entendes meus erros, ou, se os entendes, não és meu amigo, pois mos dissimulas e não repreendes; por isso vai-te embora, que me não quero servir de ti.»

Assim falava pelo engenho de Diogo do Couto o «soldado prático», no seu diálogo «que trata dos enganos e desenganos da Índia». E, aqui, o repito, eu, agora, por estar verificando que mais vai cativando a lisonja que o aviso aqueles que, sendo homens, erram e, errando, preferem fechar os olhos e orelhas e deixar que a boca diga coisas que nem eles próprios ouvem. Por essas e por outras é que os escritores são, também, mestres de cepticismo (quase tanto como de esperanças), mesmo que se admita não ser do seu foro «reorganizar coisa nenhuma». Por essas e por outras, lembro a pena camiliana a socorrer-se de Voltaire – «O meu romance não pretende reorganizar coisa nenhuma. E o autor desta obra estéril assevera, em nome do patriarca Voltaire, que *deixaremos este mundo tolo e mau, tal como era quando cá entrámos.*»

São desabafos de mágoas lúcidas, com os exageros próprios das almas inspiradas, porque «A brasileira de Prazins» a que Camilo pôs aquele ponto final não é obra estéril. E se ele apontava com contundente ironia tantos desses erros em críticas que os reis citados por Couto preteriam às lisonjas, cumpria bem o seu papel de filósofo que não correria o risco de despedimento pela mesma causa que levou o grande Alexandre a despedir o seu.

O que lhe poderia acontecer era sofrer as consequências do seu engenho por cumprir com zelo excessivo as suas atribuições de «repreender» e «avisar».

Mesmo quando a prosperidade geral é o caminho anunciado, isso não basta para calar as queixas e evitar que o filósofo formule as suas dúvidas e interrogue se se está num «sistema» ou numa «pausa», no sentido que lhes deu Oliveira Martins no «Portugal Contemporâneo»: «A um sistema sucede outro sistema e, nos intervalos das doutrinas sucessivamente dominantes, há sempre pausas de materialismo obscuro.»

Estas coisas, lidas a tanta distância de tempo e espaço, aguçam todas as interrogações, a começar pelas mais íntimas, aquelas que apoquentarão sempre os poetas, os filósofos, os homens de letras e os artistas de um modo geral, por vezes indevida e depreciativamente tratados pela vasta designação de intelectuais. É, a-propósito, sadio exercício para quem se rala com estas inquietações do mundo e da alma reler uma redondilha de Sá de Miranda, para ajudar a colocar as coisas no seu devido lugar:

«Agora quem me dará
Novas de mim onde estou
Pois dizeis que não sou lá
E eu cá comigo vou?»

Nisto meditava eu, no outro dia, entre Deli e Jaipur, cruzando filas de camelos que – sinal dos tempos – puxam agora, com a mesma solenidade paciente com que arcavam com os palaquins das princesas rajput ou mughal, carroças montadas sobre pneus recauchutados.

Não escapam também eles ao progresso que, pregando destas partidas estéticas, melhora o conforto do camponês do Rajastan que acedeu ao uso de rodas idênticas às dos Rolls-Roices dos últimos marajás.

Afastei-me ao sabor da palavra do tema da crónica que começou por aludir às orelhas moucas dos poderosos, às críticas dos seus filósofos. Mas não perdi o norte ao progresso que ilustrei modestamente, mas o bastante para contradizer Camilo e demonstrar que não deixamos o mundo «tal qual era quando cá entrámos». A roda está claramente muito melhor que no tempo do imperador Akbar ou da liteira camiliana.

A verdade, porém, é que as almas vão cometendo os mesmos deslizes de outrora, moderadas pela encadernação e sujeitas a aceitar umas regras gerais que lá se vão cumprindo, sempre que os negócios do «materialismo obscuro» o permitem.

Álvaro Guerra

• LIVROS SELECCIONADOS
• RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS

★

NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 2 59 88

4000 PORTO • PORTUGAL

literário

ANTERO
A luz inextinguível do suicida

Lamentava-se Pascal que Montaigne se perdia em vãs preocupações quanto à possibilidade "de morrer cobardemente, do mesmo modo que", o que também lhe parecia irrisório," o obcecava viver em tranquilidade". É um estranho juízo porque, seja a vida o **naufrágio** de Ortega e Gasset, seja a **demolição** de S. Fitzgerald ou o **imenso desejo** pervertido por um **imenso desgosto** de Heraclito, o certo é que a vida nos desaloja e compromete com as mais radicais fragilidades, sendo este um dos poucos aspectos onde a unaminidade não esmorece.

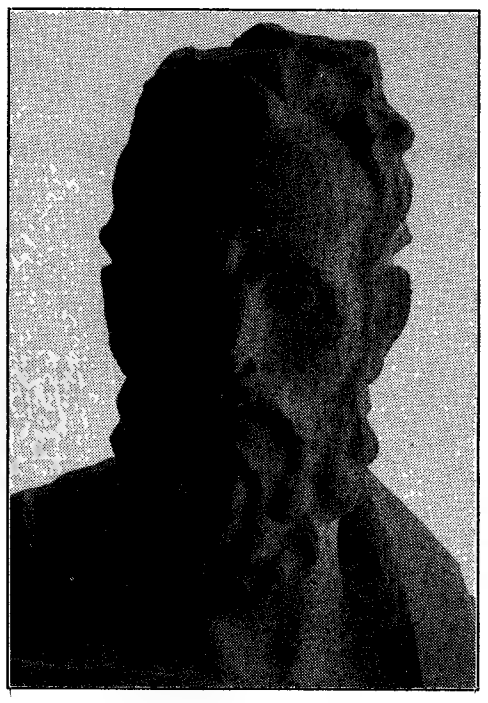
Ser cobarde diante da morte é mesmo para muitos o único sinal de desapego e o mais franco índicio do que poderiam ter sido não fora o uso social e a obediência aos ritos domésticos. Apesar de

todas as protecções, não passou Lázaro, depois do seu breve cruzeiro pelo reino do além, a ter maiores cuidados com o corpo, preocupando-o acima de tudo o **não morrer de fome**? Não se dedica de repente a frivolidades aquele que emprestou o seu corpo às trevas, nem será a cobardia que o leva à maquinação de digerir. Os tubos que o alimentam e a matéria devoluta por onde respira conhecem agora o absoluto valor da inanidade.

Não querer morrer de fome não pode significar senão a insistência no **luxo** de um corpo, na sua vanidade essencial. Como perorava Montaigne, sage capaz de uma benevolência de que Pascal se encontrava arredado, "é o viver ditosamente e não, como dizia Antístenes, o morrer ditosamente que constitue a felicidade humana". Ou seja: só a vã ilusão pode **instruir** o erro e dar-lhe a conformidade onde a felicidade se afeiçoa. A morte contenta-se em industriar o erro, em reproduzi-lo.

O suicídio é, como reinvindicava Camus, uma questão filosófica e não uma forma ambígua de demissão porque está, paradoxalmente, do lado da vida. Trata-se de investir no **luxo** de um corpo. Experimentemos mesmo ver nesse acto um reverso da culpa cristã, sendo o aniquilamento que o prescreve, neste contexto, a antítese de um desfalecimento da vontade. Nem a exposta volubilidade do culpado nem a esperançosa expiação do arrependido constituem a autarquia do suicida. O suicida recusa simplesmente ser mais mártir de um espectáculo e presta-se ao triunfo do seu acontecimento, impartilhável e unilateral. Calcinar o mundo não lhe concedendo a boca de cena.

Não há no suicida impasse da ordem do que nos é transmitido em **Fedon**, por Platão, onde **o** filósofo, agónico, (que é como quem diz mesmo mesmo a **reencarnar e a aportar à orbe das almas**) manda chamar um discípulo para lhe pedir o mesquinho favor de pagar a dívida de um galo. O suicida não é motivado pelo impasse entre uma solicitação social e uma **ideia** primordial/obsessiva. A usarmo-nos de um trocadilho alheio, digamos que se « na oscilação entre presença no mundo e ausência do mundo (...)chegámos à etapa em que já precisamos de reclamar a morte» (Júlio Henriques e Dreide Palomar, no prefácio a **Suicidio. modo de uso**) o suicida é aquele que renega estas duas formas de alienação complementares: presença **no** mundo e ausência **do** mundo. O suicida assume a vida como um **upercut, uma overdose**, como



se pretendesse reembolsar o corpo do seu extenso rol de proibições. É esse o seu manifesto político, o seu modo de reacomodar-se depois dos traumas que lhe foram tornando pesado e espúrio o quotidiano. Presença **no** corpo e ausência **no** mundo: eis a plenitude que busca o suicida.

E radica aqui o seu escândalo: o **ditoso** corpo que se suicida recusa-se à economia da morte com que a transacção do social o quer alienar e desvalorizar. E prefere rebentar **integramente** a esvaziar-se no funcionalismo que o instrumentaliza.

Razão porque é quase sempre um **espectáculo** o modo como se noticia aquilo que é por excelência a denegação das circunstâncias: o suicídio. Todos os nossos mais queridos suicidas são traídos no desbarato da notícia, que diz mais de quem a redige do que da" matéria do facto"

Tomemos a fotografia da casa de Antero de Quental acima reproduzida. Se do ponto de vista do património o seu esventramento é de facto uma calamidade pública do ponto de vista do suicida é a mais consequente memória do seu gesto.

Se há algo de exibicionista na forma de suicídio de Antero não esquecemos de que havia neste **vencido da vida** um chamamento búdico por esse espaço sem partilha, o **Nada**, que tanto assusta os Ocidentais. Especulemos portanto: o Largo de S. Francisco era para Antero um espaço desvalido, uma simples planície para o vento semear os seus nervos- sem- corpo.

Sábado, 12 de Setembro de 1851. No **Diário dos Açores** de Ponta Delgada, em editorial, comenta-se: «Cahiu!...Impelliu-o a tempestade medonha, formada no seu cérebro extraordinário. Não resistiu à impotência da matéria. Não pôde mais suportar as luctas gigantescas: porque era um vencido da vida!(...) E a dúvida, o indefinido em que se debatia o seu espírito, scismador, e de uma orientação profu díssima, fizeram-no sucumbir(...)» Do espírito **definido** e dado à bonança que produziu este paternalíssimo lamento não resta lembrança. No mesmo dia, no mesmo jornal saiu este mimo que o suicida Antero, com a sua atenção ao social, não desdenharia assinar:« Achamos de toda a conveniência a prompta remoção dos depósitos de pedra, que há tempos existem no Largo da Conceição, impedindo a sentinella do governo civil de ver o que se passa no mesmo largo e que por isso constituem um grave perigo público».

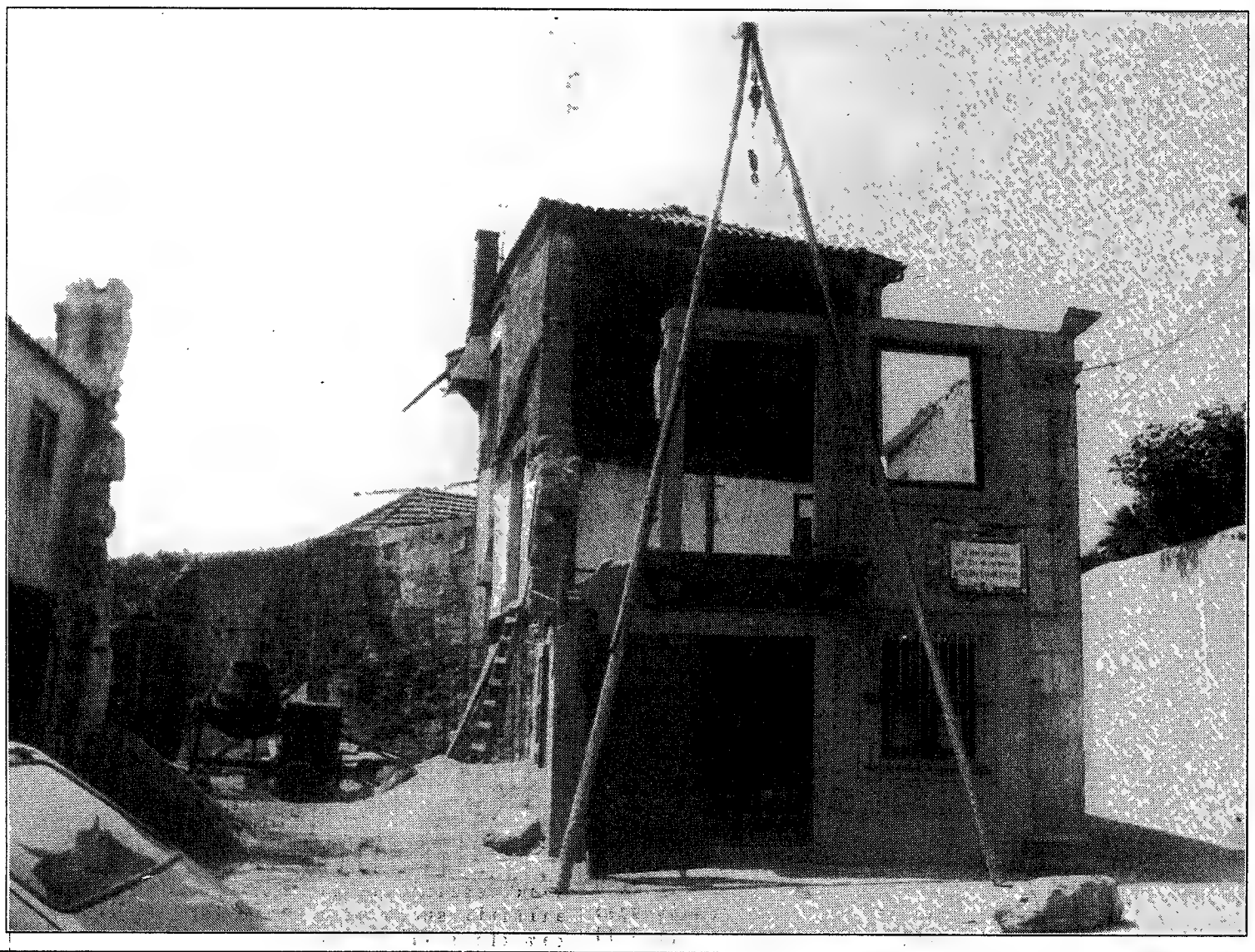
O **Açoriano Oriental**, semanário da mesma ilha, S. Miguel, absteve-se de noticiar o acto voluntário do autor de **Odes Modernas**. Na sua edição de 20 de Setembro, o número que se sucedeu ao suicídio, o destaque magazinesco vai para um debate acérrimo que à data se travava em Inglaterra sobre se as almas têm ou não sexo.

O semanário **Terceira**, da ilha homónima, só noticia o suicídio em 3 de Outubro, o que diz das dificuldades de comunicação entre ilhas, e despacha o assunto em quatro ou cinco linhas. Ao invés, o jornal reproduz a extensa carta de Homem Christo na qual este dá as razões da sua demissão do directório do Partido republicano e da sua retirada da política activa. Ou seja: é reduzida a amendoins a intervenção de Antero para a consolidação de uma ideia de socialismo em Portugal.

Tudo se faz pelos vivos que sempre foram póstumos, em termos de noticiário.«Inundações e mortes em Hespanha» e a noticia de que «A distincta poetisa D. Alice Moderno partiu para S.Miguel no vapor Funchal» são outras referências na mesma edição.

Uma última curiosidade que merece ser assinalada: na edição do Açoriano Oriental que omitiu o suicídio do mais ilustre micaelense observa-se que durante toda a semana se assistiram a fenómenos atmosféricos de inusitada turbulência, o que dada as características telúricas do arquipélago não deixa de ser simbólico. Se pensarmos que havia em Antero uma **veia panteísta**, isto permite-nos indiciar que a ilha se queixou pelo seu mártir. Constitua este o derradeiro dos escândalos: a luz inextinguível do suicida.

António Cabrita



literário

Paul Celan e Sylvia Plath são, além de fidedig
cada um na sua língua. Para Paul Celan, 1920-1970, e

CRONOLO

O projecto poético de Paul Celan traça um meridiano que de forma aparente se inicia em 1948, data da publicação de seu primeiro livro "Der Sand aus den Urnen", em Viena, numa tiragem de 500 exemplares. Livro subtraído da memória, debaixo da emoção que envolveu a sua fuga da Roménia...mas comecemos pelo início, Czernowitz, cidade onde nasceu em 23 de Novembro de 1920.

Aí entabulou os seus estudos num "Kindergarten" alemão, e aos dez anos dominava o romeno e o alemão e recebia as primeiras aulas de hebraico. Entre 1934 e 1935 encetou os primeiros contactos com a literatura alemão : Goethe, Schiller, Kleist, Holderlin, Rillke constituem as leituras tutelares que amalgama com a aprendizagem do grego, do latim e do francês. E em 1938 Celan transfere-se para a Universidade de Tours,na França.

Entrávamos em 1939 e o caldeirão da tragédia europeia já apresentava sinais de aquecimento. Em Agosto desse ano Hitler e Staline firmam o pacto de não agressão germano-soviético. O exército romeno mobiliza os seus reservistas e Celan que se encontrava em férias fica sem possibilidades de retornar. Na primavera de 1940 os tanques russos invadem Czernowitz. Em Maio de 1941 é a vez de Hitler invadir a URSS. Então os soviéticos evacuam Czernowitz levando consigo colaboradores e simpatizantes. Em Julho do mesmo ano as tropas romenas entram em Czernowitz e assassinam judeus e ucranianos. Leve prenúncio do que a SS alemã perpetraria quando ocupou a cidade, no dia seguinte. Seguiu-se uma época de horror e de bárberie que só terminaria com a intervenção dos EUA. Durante este período Paul Celan trabalharia em grupos de trabalhos forçados. No verão de 42 intensificaram-se as deportações dos judeus e é nessa altura que os seus pais são mortos a tiros num campo de extermínio.

Entre 1943/45 Celan tenta permanecer em Czernowitz. Deste período valerá a pena ressaltar os estudos do "Mittelhochdeutsch - alemão medieval e de filologia inglesa bem como a compilação dos seus poemas. Mas a situação volta a agravar-se e em Abril de 45 atravessa a fronteira em direcção à Roménia. Foi o adeus final a Czernowitz,

Ocaso das palavras – vidente no silêncio.
Um passo e outro mais,
um terceiro e o vestígio
tua sombra não borra,

a cicatriz do tempo
a abrir-se
transforma a terra, sanguínea.
Os cães da noite-palavra, os cães
dormem agora
dentro de ti:
festa pela sede mais feroz
fome mais feroz...

A última lua te socorre:
um osso de prata
– nu, o caminho que te pertence –
lanças à matilha
ele não te salva:
o raio que evocaste
encrespa-se mais
e ao alto voga um fruto
que há anos, mordeste.

(Von Schwelle und Schwelle)

Córtice da árvore nocturna, facas oxidadas de nascimento
murmuram os nomes, o tempo e os corações.
Uma palavra que dormia quando escutamos
desliza sob a folhagem:
suave será o outono,
mais suave a mão que o colhe,
fresca, como a papoula do esquecimento, a boca que a beija.

(Mohn und Gedächtnis)
Paul Celan

LINGUAG
SACRIFÍ
SILÊNCIO

Paul Celan ao afirmar que «Meine Muttersprache ist die sprache der Mörder Mutter» (a minha língua materna é a língua dos assassinos de minha mãe) desemboca na clausura da própria linguagem (o que se pode ilustrar com um dos títulos de seus livros «Sprachgitter»: Grade Verbal). Este «aprisionamento» direccionará a sua poesia para uma depuração vertiginosa, como se a «constituir uma língua própria», em defesa de si mesmo. Subvertendo e de certa forma transformando esta língua num quase murmúrio pro-gramático, perpassada amargamente pelos resquícios dos acontecimentos pessoais e pela sua formação poética, como assinala Theodor Adorno na Teoria Estética sobre os poemas de Celan: «Eles querem dizer o grau extremo da repulsa exactamente quando silenciam.»

Expressão concentrada, verdadeira magia vocabular-visual, cada poema nos interdita (este verbo, no caso de Celan, é de uma compreensão dúbia) o discurso verborrágico e inconsequente, a oralidade, sendo necessário «apreender e aprender». Cada palav[illegible] cada letra a atomizar o corpo do poema (jogo que inicia desde as anagramatizações do seu próprio nome, nas versões do seu trabalho tradutório, até na efusão das criações neológicas que empreendeu no seus poemas).

Nome nuclear da poesia alemã, Paul Celan ao dar cabo de sua vida jogando-se bêbado no Sena, numa data que oscila entre 20 e 21 de Abril de 1970, encerrava um percurso ímpar («Ele tende [illegible] assumir na sua pessoa, na sua obra, um século de poesia europeia» – Harold Wee-

literário

ignos suicidas, dois dos grandes poetas do século,
), e Sylvia Plath 1932-1963, aqui fica a nossa homenagem.

OGIA

lan rias de de in- Em de En- iam con- im- do me- witz cra-) do aria ade, u-se e de aria dos odo em hos e 42 por- essa são mpo enta ow- erá a udos sch de omo poe- lta a de 45 em Foi o witz,

que desapareceria com o fim da guerra, mas que no entanto será um ponto nevrálgico para a obra e a vida de Paul Celan.

Em 1947 Paul Celan recomeça a vida e trabalha como tradutor na Roménia, vertendo obras russas que firmaram o seu nome no cenário cultural: Anton Tchecov, Mihail Lermontov e Konstantin Simonov passaram pelo seu estro.

Continua em Bucareste até Dezembro de 1947, quando segue para Budapeste e depois Viena (onde publica "Der Sand Aus der Urnen"), lugares de passagem para Paris. Aí se licencia em Julho de 48, passando a lecionar na "École Normale Superiére". Casa-se em 1952 com a artista gráfica Gisèle Lestrange e publica o que considerava o seu primeiro livro, "Mohn und Gedachtnis". Do seu matrimónio nasceram dois filhos: François, o e nasceu à nascença e em 1955. Recebeu aind em vida dois prémios : o de literatura de Bremen em 1958 e o gweoprg Búchner da Literatura em 196O. É nessa altura que escreve "Der Meridian", discurso de reconhecimento do prémio, que é a verdadeira chave para a sua **poética** .

Jorge Henrique Bastos

AGEM ÍCIO IO

lav- corpo inicia ações , nas palho fusão s que poe- oesia dar do-se data 21 de a um nde- a, na poe- Wee-

inrich) ao aprofundar, estender até a absoluta radicalidade uma escrita admiravelmente vincada por uma busca sintética de aprisionamento, de endurecimento da linguagem num nicho vocabular hiper-condensado, como se a sua ânsia fosse submeter essa linguagem a uma verdadeira cela de silêncio, lucidez e amargor.

«Sprache, Finster-Lisene,
kumi
ori.»

Jorge Henrique Bastos

O JARDIM DO SOLAR

As fontes estão secas e as rosas acabaram.
Incenso da morte. O teu dia aproxima-se.
As peras engordam como pequenos budas.
Uma névoa azul prolonga o lago.

Moves-te através da era dos peixes,
dos presumidos séculos do porco...
A cabeça, os dedos dos pés e das mãos
saem nítidos da sombra. A História

alimenta estas caneluras quebradas,
estas coroas de acantos,
e o corvo vem arranjar as suas vestes.
Tu herdas a urze branca, uma asa de abelha.

Dois suicidas, os lobos da família,
horas de escuridão. Algumas estrelas isoladas
já iluminam os céus.
A aranha na sua própria teia

atravessa o lago. Os vermes
abandonam as suas casas habituais.
As pequenas aves convergem, convergem
com as suas dádivas para um difícil nascimento.

Sylvia Plath
(Tradução de Maria de Lourdes Guimarães)

COLHENDO AMORAS

Ninguém no caminho, e nada, nada a não ser amoras,
amoras dos dois lados, embora sejam mais à direita,
uma álea de amoras, descendo em curvas fechadas,
e um mar algures, lá ao longe, arfando. Amoras
tão grandes como a cabeça do meu polegar, e mudas como olhos
negros nas sebes, repletas
de um suco azul-vermelho. Este desperdiça-se nos meus dedos.
Não pedira tal comunhão de sangue; devem amar-me.
Comprimem-se numa garrafa de leite, de encontro aos seus lados.

Sobre mim passam, com a sua cacofonia, os corvos em bandos negros,
pedaços de papel queimado oscilando num céu ventoso.
A sua voz é a única que está a protestar, a protestar.
Julgo que o mar não vai mesmo aparecer.
Os verdes e altos prados brilham como iluminados por dentro.
Chego a um arbusto de bagas tão maduras: é um arbusto de moscas,
suspendendo os seus abdómens azuis esverdeados e os vidrilhos alados
de um biombo chinês.
O festim de mel das bagas surpreendeu-as; julgam-se no paraíso.
Para além de uma curva, as bagas e os arbustos acabam.

A única coisa que vem a seguir é o mar.
De entre duas colinas sopra contra mim um vento súbito,
sacudindo como fantasmas a sua roupa branca contra o meu rosto.
Estas colinas são demasiado verdes e suaves para terem saboreado o sal.
Sigo, entre elas, a vereda aberta pelas ovelhas. Uma última curva leva-me
até à face norte das colinas, e a face é uma rocha alaranjada
que olha para nada, nada a não ser uma grande extensão
de luzes brancas e cor de estanho e um ruído como o de um ourives
batendo sempre um metal rebelde.

Sylvia Plath
(Tradução de Maria de Lourdes Guimarães)

A GRALHA NEGRA EM TEMPO DE CHUVA

Lá no alto, num ramo firme
arqueia-se uma gralha negra toda molhada
arranjando e voltando a arranjar as penas à chuva.
Não espero qualquer milagre
nem nada

que venha lançar fogo à paisagem
no interior dos meus olhos, nem procuro
mais no tempo inconstante qualquer desígnio,
mas deixo as folhas manchadas cair conforme caiam,
sem cerimónia ou maravilha.

Embora – admito-o – deseje
ocasionalmente alguma resposta
do céu mudo, não posso honestamente queixar-me:
uma certa luz pode ainda
surgir incandescente

da mesa da cozinha ou da cadeira
como se um fogo celestial tornasse
seu, de um instante para outro, os mais estranhos objectos,
assim consagrando um intervalo
de outro modo inconsequente

por nos dar grandeza e glória,
ou até amor. De qualquer modo, caminho agora
atenta (pois isso poderia acontecer
mesmo nesta paisagem triste e arruinada); descrente,
mas astuta; ignorante

de que um anjo se decida a resplandecer
repentinamente a meu lado. Apenas sei que uma gralha
ordenando as suas penas negras pode brilhar
de tal maneira que prenda a minha atenção, erga
as minhas pálpebras, e conceda

um breve repouso com medo
de uma neutralidade total. Com sorte,
viajando teimosamente por esta estação
de fadiga, acabarei
por juntar um conjunto

de coisas. Os milagres acontecem
se gostares de invocar aqueles espasmódicos
gestos de luminosos milagres. A espera recomeçou de novo,
a longa espera pelo anjo,
por essa rara, fortuita visita.

Sylvia Plath
(Tradução de Maria de Lourdes Guimarães)

revista de poesia

FIAMA:
Três Rostos ou a respiração da maturidade (conclusão)

Destaquemos brevemente alguns aspectos: dos sons, as três partes do livro de igual modo nos dão conta da extraordinária sabedoria vinda nas «vozes da terra» (p. 62). No vento ou no mar, no reino animal ou no reino vegetal, estalidos (p. 11), sopros (p. 23), grasnidos (p. 31), brados (p. 33), murmúrios (p. 57), trilos (p. 59), gorjeios (p. 65), latidos (p. 64), uivos (p. 70), cacarejos (p. 73), arrulhos (p. 86), zumbidos (p. 65), assobios (p. 97), rumores (p. 98), aulidos (p. 112), etc. Eis no ecoar e no ressoar de toda a Natureza a manifestação dessa extraordinária sabedoria como exposição epifânica através da vida miúda. Assim como relativamente ao reino vegetal, na primeira parte do livro, encontramos o mais estreito contacto entre Natureza e referências literárias, no sentido em que se falará em subtítulo de uma «Nova Natureza», assim também relativamente aos sons, é, na primeira parte, que o reenvio à expressão literária do som (voz/leitura) surge mais explicitada. As figuras isoladas de livros (p. 18) aparecem como: «imagem sonora» (p. 9), ou como «figura falante» (p. 102).

Mas vemos também nestes poemas recortarem-se silhuetas de rostos (p. 57), vultos (p. 59 e 75), pedras e árvores, que fazem lembrar figuras humanas (p. 72), contornos, perfis (p. 60), ou vemos, ainda, a simulação de «outras formas». Da expressão antropomórfica à expressão cénica se destaca um traço de representação, a mobilidade das figuras («figuras móveis/ do microcosmos», p. 75). A dimensão móvel das figuras é particularmente percebida, sobretudo em *Poemas Revistos*, pela associação às sombras, aos reflexos; digamos que a figuração se impõe pela sua existência virtual e pela mobilidade. Universo que simbolicamente nos é apresentado logo no início do Livro. No quinto poema de *Âmago*, a primeira explícita nomeação de luz e sombra harmonizados sob o geometrismo da figuração triangular: «Identidade e paz/os triângulos iguais/em que se decompõe/ a sombra-luz no céu» (p. 10). Diversas intensidades se deixam perceber no avançar da primeira à segunda parte. Note-se que mesmo no primeiro bloco, onde a luminosidade é dominante, é justamente do confronto com a zona sombreada, ou no reflexo de um possível confronto, que todo o universo se projecta, ou que nós projectamos o conhecimento que dele nos vem: «até que haja na parede/ um corte entre luz e menos luz» (p. 37). Note-se ainda que, para além do conhecimento imanente das coisas possibilitado pelo «claro-escuro» (p. 18), dos jogos de luzes e sombras é a luz que permite o acesso ao Conhecimento. Luz que vemos incidir em *Poemas Revistos*, sobre a figura da Autora. Em «Imagem Minha» (p. 58), a Autora vislumbra, compõe e reanima a silhueta: um «perfil marcado cruamente pela luz». A incidência da luz sobre a figura da autora sublinha a absoluta assunção de uma demiurgia cosmogónica. Por todo o texto se repetem as marcas do reforço identificativo; reforço da presença e da *autoridade:* «o meu monólogo» (p. 27), «a minha vida feérica» (p. 50), «as minhas vidas» (p. 89 «meu ser letárgico» (p. 89), «sou uma figura» (p. 14), «que eu alcance a graça» (p. 18). O obsessivo centramento revela soberanamente a essência lírica do universo criado. Re-incidência programaticamente repetida. Lia-se a insistência em *Homenagemàliteratura:* «reconsiderar: (...) 5. a absoluta unicidade do autor. 6. a absoluta necessidade do autor. 7. o total esoterismo de cada autor no reino dos indivíduos (...) 18. Texto-Autor.» O papel é racionalmente assinalado como vida ficcionalizada. Lemos no *F de Fiama*, em subtítulo, a personificação emblemática das vidas da autora (nove livros, *nove biografias*, ou a construção de nove vidas).

Neste livro, *Três Rostos*, como nos outros, a intenção da autora como lição: a autoria que lê e vive no texto recusa morrer como autora, ressuscita na leitora. Um autocentramento que se vê reforçado pela reversão, pela coincidência de figuras, trânsito que sobrepõe (faz coincidir) o rosto do autor no rosto do leitor. Convocamos, agora, palavras de *O Retratado*: «O Leitor sabe que é aquilo em que se transformou este Autor quando chegou ao fim da obra sabe que enquanto a vida está presente na consciência é improvável poder Sentir-se o transitório dos dias...» (p. 19). E lemos a reversão. No personagem lemos o espelhamento, o retrato da autora. Dentro do livro somos, assim, pela autora conduzidos ao âmago de uma teoria poética: uma poética que se prende ao «horizonte da voz», à oralidade. A Autora/Leitora propõe o «horizonte da voz» como horizonte aureolado contraposto ao «horizonte do texto» (p. 50). A voz é fundadora. A grafia, o verso, o texto escrito são mera transcrição, mero reflexo do real: «o fluido dos sentimentos que evocam muro e sombras/agora é chamado verso./A frase reflecte» (p. 111). Assim, as «variações sobre textos in-/terrompidos» (p. 22), assim a «frase, fruto do texto passageiro» (p. 39). Fiama prefere falar de poema. A poesia, na sua intensidade declamadora, serve a matéria fundadora. Invocam-se princípios míticos, divina oralização da reescrita, e toma-se o exemplo de Eros, o nocturno trimegisto, o «nascido na concha acústica de Deus», aquele que reescreve o poema. Fiama lê a literatura como «paisagem recitada» (p. 31) onde a natureza, imenso receptáculo, ecoa interminavelmente como o microscómico poço da quinta, onde ecoa a voz da autora. Celebração da fertilidade onomatopaica, celebração da poética do informe, poética que renomeia o real, deixando falar as coisas como eterna matéria informe. «O fim que ainda espera/uma forma» (p. 7), o «baldio sem formas e o céu/há séculos a nascer» (p. 10), o «podador que escolhe» a «aparên-/cia da obra que devagar executa» (p. 11), ou a «paisagem que está a nascer» (p. 12): o mesmo «horizonte em expansão», tanto na paisagem dos pinheiros como na paisagem dos versos.

Carlos Mendes de Sousa

revista de poesia

A faca anónima e o secretário inoportuno

1. No último livro de Luís Miguel Nava, *O Céu sob as Entranhas*, cumpre-se, de certo modo, a poética que se anunciava em *Películas*, o seu primeiro. O autor torna-se deveras credor da radical novidade que nele vira um Eduardo Prado Coelho: a associação do rigor da construção textual ao regresso do referencial, e o todo sobre um plano algo paradoxal de auto-reflexividade incessante, cujo domínio unificador era o de «uma das mais espantosas *imagens do corpo* de toda a nossa literatura».

O Céu sob as Entranhas parece gerir o seu conjunto de textos por um princípio de transgressão que é basicamente o da inversão. À maneira *cool* de um Franco Alexandre, que não corresponde, aliás, de modo nenhum ao tom geral do livro, «University Parks» inaugura o procedimento, através talvez de uns óculos dotados de espessura, - i.e., de uns olhos metonimicamente inquietos: «*Por entre* os vidros/inquietos dos meus óculos (...)» (p. 7, sublinhados meus). Aqui tudo se passa ainda 'como se': «As árvores/desafiam o sol como se nele/tivessem as raízes enterradas» (p. 7). O *incipit* («Do céu pende a folhagem») ou é tão literal como uma metáfora morta ou é reconhecidamente descritivo. E se, por entre aqueles vidros, «o verde/das folhas ting(ia) o coração», e temos uma asserção, por assim dizer, sem precauções (uma metáfora com um núcleo predicativo), também de há muito que, na poesia ocidental, ao coração se chega pelos olhos, - e, no neo-platonismo renascentista, podemos mesmo encontrar algo de muito semelhante a este atingir/tingir com o *topos* da 'pintura na alma'. Um não menos tradicional substituto poético do coração - o espírito - prossegue a versão *cool* do «lugar comum», dele fazendo justamente um lugar: um lugar materno de acolhimento, não propriamente de imagens, mas de um narcisismo em imagem. E temos, assim, uma reciprocidade que é a imagem desse narcisismo. Ao lugar como abrigo, i.e., como onde se esconde o *focinho* correspondem os *pequenos* animais: «Nas ervas/que crescem do meu espírito/pequenos animais escondem o focinho». E o poema segue e conclui com o já citado desafio ao sol, que radicaliza a inversão topológica inicial. A radicalidade do desafio tem interessantes consequências: os *topoi* podem ler-se, na sua ligeira paródia, como a proposta da inversão como lugar comum, i.e., desde logo, como o lugar *da* comunicação.

A comunicação é erótica, de ser para ser, por sobre uma descontinuidade e um vazio afirmados e desmentidos pela inversão do céu. Quando, em *O Azul do Céu*, as duas principais personagens fazem amor sobre um cemitério «de campas iluminadas», e o narrador entra no ventre de Dirty como num sepulcro, as «circunstâncias» são as seguintes: «Estranhamente, esse vazio não era menos ilimitado, a nossos pés, do que um céu estrelado por cima das nossas cabeças (...) estávamos estupefactos, fazendo amor por cima de um céu estrelado» (Bataille, *O Azul do Céu*, Lisboa, 1978). Toda a medida da transgressão pode avaliar-se aqui, se se lembrar que em Kant o homem vê-se garantido como ser moral, *e ser erecto*, pelo imperativo que leva dentro de si e pelo céu que está sobre a sua cabeça. Para além do 'como se', pende, portanto, a folhagem do céu e as árvores têm as raízes enterradas no sol. Do céu às avessas falarei depois. Detenho-me, por instantes, neste sol desafiado. O desafio ao sol é muito exactamente dirigido à paternidade, na exacta medida em que o sol é o lugar comum metafórico da paternidade. O significante fálico teria sido «mentido» na dominância solar, especialmente configurada: não só *(num desafio)* poderiam as «árvores» manifestar-se às avessas, como no astro-rei «enterrar as raízes», - essas raízes que são falicamente «femininas» e atingem/tingem o coração da imagem do sol. A presença do falo é dada pela turgescência de um «sol (que) parece inchar», porque «é de crer que ele também tenha o seu buraco», e que as «vísceras (o consumam)» - de modo que, no espírito, dele deveras se consiga «uma imagem *totalmente falseada*» («Transcrição», p. 46, sublinhados meus, para uma leitura «abreviada» aquém da «transcrição»).

O segundo poema, «Virgínia», conclui, segundo a mesma inversão, por uma corda, que «oscilava ligeiramente» «ao longo dos telhados», e «onde a cidade, o céu/e os montes pareciam pendurados» (p. 8). Esta corda reencontrá-la-emos num regime *oscilante*.

2. *O Céu sob as Entranhas* é dominado pela presença da pele. A pele vem do mais fundo, de sob as entranhas (é «a pele que o tempo trouxe nas entranhas», p. 49), e, no seu regime superlativo e celestial de acessibilidade, não tem doenças. Contudo, a indisponibilidade da pele expõe. O que é exposto não vem por assim dizer, de sob a pele, «como» céu sob a entranhas, mas talvez seja a roupa que correias e cordas do espírito servem então para, apenas, pendurar. Porque a roupa é o inimigo, - persistindo «em irromper na pele de quem por isso nunca por completo se consegue desnudar» («Os Rostos Náufragos», p. 10).

Dado o espírito como cadinho tradicional do apuramento do amor, correlacionam-se, decisivamente no que à pele importa, o deserto e o mar. Segundo o mesmo princípio de inversão, o mar vem depois do deserto («O mar surge no termo dum processo em que o deserto é uma das fases ou, mais concretamente a sua cristalização», *idem*). De acordo com um certo estereótipo homossexual, são invocadas como testemunhas idóneas do que se afirma (i) os marinheiros pelo seu «íntimo contacto com o mar» e (ii) os rostos náufragos, que sob o «contacto (...) mais discreto» testemunham como «são avassaladoras essas águas», mais nítidas que a fisionomia. Segundo o regime das substituições mais relevantes do texto, a fisionomia é anterior à água, como o deserto é anterior ao mar e como a pele é anterior à roupa. E, se a «cristalização» (da fisionomia, do deserto e da roupa) é persistente, se a sua presença é tanto mais efectiva quanto «clandestina», é-o, sem dúvida, porque deve fazer ressaltar a promessa de gozo, transportada pelo avassalador das águas, enquanto nudez completa, que irrompe e «ultrapassa». A pele superlativa é, efectivamente, a promessa de um gozo total. Se há nestes textos um *instante fetichista*, para além dos fetiches que se cumprem como metáforas do pénis materno ou, digamos, da maternidade do pénis (o sol «totalmente falseado», os ossos, e, sobretudo, o coração), esse instante só pode ser o da ruptura da cristalização, i.e., do contínuo da rotina (da fisionomia, do mar e da roupa como invólucros), para dar a pele, corpo da fruição, e restituir uma continuidade outra: o céu, proposto como lugar comum do gozo contra o quotidiano de que «o corpo está demasiado próximo» («Abertura», p. 41). A restituição, ou não fosse basicamente o fetiche um pénis fecal, age pelas entranhas que «rompe», ao manifestar o que se manifesta: o falo.

3. Mas a pele tem modalidades onde o superlativo *oscila*, podendo ainda ser obrigada a enfrentar o deserto e «um sol deserto, onde o deserto penetrou» («Estacas», p. 11).

A pele só surge efectivamente com e nos instantes falofânticos *de ultrapassagem*. É aquela que «por *fulgurantes*/instantes muitas vezes (se abre) até onde/seria impensável» (p. 12), aquela de que não há «senão rápidas/visões» (p. 12) «um traço agudo e anónimo» (p. 13), apesar dos «reclames do coração (p.12)» e de «o coração fazer (a sua) publicidade (p. 13). A pele é aqui um segredo e, sem dúvida, alicia, porque o lampejo «não dá (dela) a exacta dimensão» (p. 13).

Por outro lado, a pele surge numa dimensão residual, segundo formas várias de «corpo espacejado», como em «Estacas», que me lembra aliás, um episódio dos *Cantos de Maldoror*. Caída da sua superlatividade fálica, em que fora «uma bandeira, quase uma coroa» (p. 11), a pele deve «(garantir) o espaço» *(idem)*, i.e., ser o mínimo de uma identidade, e isso para além dos *ossos*: «o resto logo se veria» *(idem)*. A pele como última garantia de identidade, surge ainda no discurso panegírico de «Retrato». Ao contrário dos que simulam não ter pele, quando «ela não está/senão um pouco atrasada em relação ao coração» (p. 14), não era assim a pele do retratado, pois «(...) ia imitando o céu como podia» *(idem)*. Contudo, era uma pele retraída, ensimesmada (daí a necessidade de distinguir o retratado dos que têm a pele em atraso): nela, «que servia/de poço», se buscava «água» e «protecção» *(idem)*. Água e protecção devem ler-se como para-sinónimos, segundo uma *figura interpretatio*, - e pode remeter-se o que se aqui enuncia ao espírito como lugar da consonância narcísica. A pele retraída é o espírito/coração num estado minimal, o «Último Reduto» (p. 21) «contra o curso da escassez» («Estreitos Aros Dóceis», p. 47), - até porque, agora «que o tempo apaga tudo à minha volta» («O Azul do Mar», p. 55), «a pele (...)/desembaraça-se/da treva (...) com mais custo» («Marcas», p. 49).

A oscilação também se cumpre entre pele e coração, segundo a imagem da árvore a que o tronco falta: o coração é as raízes e a pele «corresponde às folhas» («Sombra», p. 17). O traço de união é, muito precisamente, e conforme à necessidade de ultrapassagem, o tronco que falta, o próprio «intransponível hiato» *(idem)*. Tal não obsta a que as identidades oscilem: «o que é que neste caso são as feras - a pele ou o coração - é que é talvez difícil de dizer» *(idem)*. E é-o tanto mais, quanto oscilantemente, i.e., «às vezes», o coração é de tal modo «frondoso (...) que toda a pele se acolhe à sua sombra» (p. 17). Inversão na inversão (porque o coração, que era raízes, goza agora dos privilégios do frondoso que são comummente os da árvore), a manifestação através do fetiche *consegue* o maternal no todo.

Oscila ainda a roupa apesar e por causa «da distância enorme» («A Roupa», p. 39) que há entre ela e a pele. Como invólucro a romper, é «uma incógnita», - «esmagada assim *entre* a esperança e as torrentes» (*idem*, sublinhados meus).

A oscilação, tornando o espírito um lugar de trânsito, vai mais longe em «O Último Reduto», quando ao concentrarmos na pele «tudo o que nos resta», o concentramos, de facto», na roupa (...) os brincos, as pulseiras e os anéis» (p. 21); a pele torna-se então o «carburante» do que «nos rechaça», «numa duplicidade idêntica à de um livro cujas páginas entrassem e saíssem do espírito de quem o escrevesse» (p. 21).

O melhor exemplo destas duplas articulações vê-se talvez, no belíssimo poema «Dois Rios», poeticamente transcendido e imobilizado, por assim dizer, no céu da poesia, como num Eugénio de Andrade: «O corpo dividido em duas partes/fechadas/à chave uma na outra, avanço/num duplo coração como se fosse/*ao mesmo tempo num só barco* por dois rios» (p. 42, sublinhados meus).

Mas a pele regressa sempre, segundo uma promessa de integral regeneração narcísica, que pode, aliás, corresponder subliminarmente a um lugar comum a ela associado. De facto um dos tópicos acompanhantes da 'pele' é a regeneração dos tecidos que nela é especialmente visível e, ia a dizê-lo, probatória. A pele é, assim, correlacionável com os «momentos em que 'sou' mais do que noutros» e «tenho a minha identidade acelerada» («Identidade», p. 30), ou com o acesso, «por um pouco democrático desígnio da natureza», a um espaço que estivera até então «reservado a deus» («Disjunção», p. 29).

4. De todo o *corpo espacejado*, das isotopias do esvaziamento e do deserto, que acompanham a oscilação e a reversão constantes, pode, então, concluir-se que a poesia de Nava, como a ficámos a conhecer com este *O Céu sob as Entranhas*, aparece como o lugar do enfrentamento com a Coisa materna, essa coisa que não é um objecto, que não está no mundo, de que se constata a falta de plenitude, e que se deseja «como uma no próprio instante em que se dilacera em conformidade com a castração que, ao infligir-se, inflige» (Juranville, *Lacan et la Philosophie*, Paris, 1984). Do surgir da Coisa surge o sujeito como falo: é também isso que o «espírito» acolhe, acolhendo a morte (neste livro tão insistente). E o gozo pleno (instanciado textualmente por um corpo que não seria senão a pele e a acessibilidade da pele) pertence ao falo: a uma pele sem o sujeito e sem o seu corpo (cf. Lacan, *Le Séminaire, Livre VII, L'Éthique de la Psychanalsyse*, Paris, 1986). Nava não se coíbe, aliás, de colocar ainda em perspectiva esse céu restaurado como um contínuo: dele quer, sempre que dele fala, «deixar à mostra um dos agrafos mais profundos» (p. 18). Daí a ligação do gozo à pulsão de morte que, na sua reversão, fez a volta da Coisa: tratar-se-ia, redizendo com Nava esse percurso, do tempo que trouxe a pele nas entranhas (p. 49) e a trouxe das entranhas. Porque o que se nomeia/desmente como céu é, possivelmente, um vazio: havia frinchas nas casas e por essas frinchas «a custo conseguimos/fazer entrar o céu, pondo o silêncio à mostra» («Marcas», p. 49). A plenitude da pele «provoca no corpo uma 'depressão'. O sujeito é então somente a Coisa esvaziada» (Juranville, *idem*).

4.1. Esta prática precisa, possivelmente, de uma poética (tanto quanto essa poética precisa de uma prática) que tanto terá a ver com «metáforas atadas/por dentro ao próprio corpo que nomeiam» e que seriam usadas como «meio» e instrumental (p. 49), como com a instauração do silêncio que é, aliás, quase um substituto presentificante do céu que enche um vazio *(idem)*. Em «Matadouro» quer-se apenas para o poema um espaço sem imagens. A dança, comunhão ritual, proscreve a fala e a «mentira frigorífica». É aqui que intervém a faca anónima que dá ao valor da dança o valor do «berro» animal: o grito, onde a pulsão de morte é superlativa, «faz o abismo onde o silêncio se precipita, diz Lacan» (Juranville, *idem*).

Também «Céu Árido» apresenta uma poética, - e este livro é, nessa poética, deveras escrito de costas viradas para um Eugénio de Andrade. Porque se deve ter «o maior cuidado com as palavras que empregamos» e evitar a «vegetação», «a fala quer-se árida» e deve mostrar agrafos no céu (p. 18).

Contudo, não se pode ler o livro sem a tranquila aporia de «O Secretário» (p. 9), texto que parodiza o outro Borges de Borges, o «Vinde cá, meu tão certo secretário», de Camões, e todo um temário bem artaudiano. O poeta gerou dentro de si «uma espécie de filho», que tomou o seu lugar e desde sempre escreveu por si. Ver-se-ia, perfeitamente, que todos os livros do autor são incipientes e que teriam sido, na verdade, escritos por, se não uma criança, pelo menos um adolescente. No próprio momento actual de escrita não se pode saber se é Nava ou ele o autor. A consequência seria o de não se poder dar nunca do que ao espírito aflora «senão uma imagem distorcida, pelo facto de entre o espírito e o papel inexoravelmente se interpor a mão de tão indesejado secretário» *(idem)*. A aporia atinge este texto *hic et nunc*, mesmo, e sobretudo, após Nava reconhecer a impossibilidade de saber qual dos dois escreve. Nava não teria, para dizer isto, aquele espírito anterior a isto, idêntico a si, e que devesse ser dito. *But* Nava *minds that*. O adolescente é indubitavelmente mimado («indesejado secretário») e, ou criança, ou adolescente, é a desejada garantia da ascendência fálica àqueles ligada enquanto representantes da *nova geração* - e nova geração a iniciar e educar. Tudo isto se acorda com o proselitismo típico da perversão que posso traduzir, «com» Nava, por «o sol não é bilingue» («O Sol e as Cinzas», p. 40) e está inteiramente presente em «Os Descampados» (p. 54). É este um curioso poema pela rede intertextual que expõe: Horácio, Pushkin, Rimbaud. Trata-se de o equivalente da erecção de um monumento mais duradouro que o bronze, de abrir a estrada que o meu povo há-de trilhar, de re-invenção da vida que está alhures, e mesmo do subterrâneo avançar da História, «vieille taupe». E trata-se, quiçá para além de Nava, de um convite a habitar o vazio.

Enfim, os vindouros escavarão nos descampados dos produzidos por Nava, «como se avançassem/assim para uma vida mais autêntica./Terão o tempo nas mãos como uma enxada./Brilhar-lhes-ão nas pás/pedaços do meu corpo que respiram» *(idem)*.

Américo António Lindeza Diogo
(Luís Miguel Nava, *O Céu sob as Entranhas*, Porto, Limiar, 1989)

leituras e ideias

UM ELOGIO DA DEMOCRACIA

Norberto Bobbio é, talvez, o mais importante politólogo italiano da actualidade, sendo este o seu primeiro livro publicado no nosso país. Trata-se de um verdadeiro *elogio da democracia*, tanto mais interessante quanto o autor alia o rigor académico à responsabilidade e paixão de quem participa activamente nas labirínticas práticas de uma das democracias mais complexas e mais fascinantes da Europa. A ambição deste livro não se reduz à análise da democracia, dando contributos importantes para reflectir sobre o fenómeno político na nossa actualidade. Mas como é evidente, e o recente exemplo dos países de Leste aí está para o confirmar, não é possível pensar o destino das formas políticas modernas sem uma apreciação séria da democracia.

Tratando-se de uma recolha de sete ensaios, não deixa portanto de haver uma unidade de enquadramento e de problemáticas, delineada desde o primeiro capítulo sobre o «Futuro da Democracia» que dá o título ao livro. Não que se vise o futuro, mas o que de futurível há no nosso presente.

Daí que Bobbio se lance numa fenomenologia orientada por uma série de questões: como é que as promessas da democracia se apresentam depois de duzentos anos de prática política? Que efeitos a situação actual, marcada pela crise do Estado-Providência, tem sobre essas promessas, que quando não eram ilusões alimentavam pelo menos a esperança no «viver bem», aristotélico e sem «violência»? E que permitem indiciar quanto ao futuro deste regime eminentemente débil e se calhar desinteressante do ponto de vista ético ou estético, mas que é o único que, racionalmente, parece aceitável?

Estas questões vão ser escalpelizadas com rigor nos diversos capítulos, em que ideal e real são distinguidos sem subterfúgios: 1) ao indivíduo autónomo contrapõe-se a rede de interesses dos grupos de pressão e a persistência das oligarquias; 2) à representação política (mandato livre) opõe-se o mandato imperativo regido por interesses particulares (neocorporativismo); 3) à democratização social, a persistência de ilhas não-democráticas (casos da empresa, da escola, etc.); 4) à visibilidade e controlo do poder pelo espaço público, o poder invisível dos Estados dentro do Estado; 5) à participação de todos na vida colectiva, contrapõe-se a impreparação dos cidadãos e o abstencionismo. As análises de Bobbio forçam a concluir que afinal, mais do que promessas e esperanças da democracia, estamos diante de verdadeiros paradoxos que só o prudencialismo político pode resolver, mas sempre provisoriamente. Tais paradoxos ganham presentemente novos contornos, numa situação em que as dificuldades do Estado-Providência são acompanhadas pelo ressurgimento do(s) liberalismo(s) e a explicitação de novas tendências fundacionistas como é o caso do neocontratualismo de Rawls, Buchnan, etc. que colocam à esquerda, onde se posiciona Bobbio, novas tarefas do pensar.

Nem que fosse apenas pela pertinência das suas descrições, a importância deste livro é apreciável. Mas também encontramos motivos de interesse no travejamento dos seus pressupostos. Contra as exigências incumpríveis e destruidoras que um certo socialismo e um certo liberalismo colocam à democracia, Bobbio parte de uma definição fraca da democracia, mas que é suficiente para afastar as tentações organicistas e comunitaristas, que tanto se querem «sociais» para afinal serem impolíticas (teses desenvolvidas no capítulo sobre o «vínculo democrático»). E na verdade, as suas análises sobre a definição mínima da democracia, processual, formal e dinâmica, abrem perspectivas eminentemente teóricas, que poderão alimentar a nossa reflexão sobre o fenómeno político.

Apesar da lucidez do seu diagnóstico, pouco optimista, não se procure em Bobbio qualquer *pathos* apocalíptico. Se desencantamento há nele, encontramo-lo na clara consciência das debilidades da democracia, da sua fraqueza que faz com que seja um regime político em transformação permanente. A sua descrição das «transformações da democracia», que correspondem a dificuldades essenciais dos regimes democráticos da actualidade, mostra que o pensamento democrático ainda não chegou à exaustão nem à indiferença.

Alguns autores gostariam de falar aqui de crise, e isso seria correcto, mas as «transformações» que analisa Bobbio são a melhor comprovação de que a democracia conseguiu dar uma forma racional ao que desde sempre escapava ao «que fazer» humano e que fazia da política um domínio de crise e de excepção por excelência.

*(Norberto Bobbio, **O Futuro da Democracia**, Publicações Dom Quixote, 1988, 229 págs., trad. Miguel Serras Pereira)*

José A. Bragança de Miranda

UM NOVO OLHAR SOBRE O OCIDENTE

A partir da discussão dos conceitos de «cultura» e «civilização» - tal como se constituíram no pensamento europeu dos sec. XVI e XVII, no confronto das elites cortesãs e intelectuais, na Alemanha e em França - Norbert Elias desenvolve, nesta sua obra maior, um percurso intelectual que nos conduz pela observação mais microscópica da realidade social e, simultaneamente, nos desafia, a cada momento, para um novo projecto teórico de grande dimensão.

A forma mais imediata, em particular neste primeiro volume, é a de uma «história dos costumes», pela qual se procura compreender como nasceram e se institucionalizaram comportamentos, formas de ser e de estar que hoje respeitamos «naturalmente» - plasticidades da nossa condição ocidental que de tão arreigadas, inconscientemente assumidas, acabamos por ignorar e não compreender nos seus mais profundos significados. O processo de individuação, as formas da subjectividade e de constituição da interioridade não são categorias metafísicas de um qualquer exercício especulativo. Têm uma materialidade muito objectiva que é reconhecível no trabalho concreto do corpo e sobre o corpo: é a partir das formas de acção comuns, na assunção de posturas e gestualidades, na sexualidade e na agressividade que a consciência de si emerge - a consciência de uma individualidade do corpo que se estabelece na imediata referência às individualidades de outros corpos.

A minúcia deste olhar, feita a partir de uma recolha documental grandiosa e de uma viva perspicácia de análise, não limita a amplitude da obra. O título tem, neste sentido, tanto de ambicioso como de verdadeiro, o processo civilizacional é, de facto, a grande problemática com que Elias se confronta, e que o leva a empreender uma interpretação original da evolução social.

Uma evolução social que, do seu ponto de vista, não decorre em termos causalistas simples e da qual não devemos tirar juízos precipitados quanto a qualquer pretensa «libertação humana». Daí que o nexo mais indestrutível que Elias reconhece se estabeleça precisamente entre esse movimento de afirmação da individualidade - na sua forma mais avançada da autodisciplina e do controlo emocional dos afectos - e a constituição do Estado Moderno, enquanto monopólio institucional da capacidade impositiva e da violência.

A redescoberta da realidade «sociedade», à primeira vista tão óbvia, reveste nesta obra aspectos algo provocatórios para o pensamento social instituído, com a afirmação de uma dinâmica especificamente social que não é, sob qualquer forma, redutível nem ao voluntarismo dos desempenhos individuais, nem à intencionalidade das acções colectivas. O processo civilizacional e a evolução social em geral obedecem a um percurso não intencional, resultado de inúmeros imponderáveis da acção que se cristalizam nas dinâmicas de objectivação e de institucionalização, como Elias procura demonstrar através de vários exemplos.

A cooperação que reconhece entre a burguesia emergente e os círculos aristocráticos, de que resultam as condições necessárias à institucionalização da racionalidade dominante, é mais uma provocação lançada ao «iluminismo» predominante. Esta espécie de «sociologia das elites» que Elias desenvolve neste trabalho não tem subjacente um protagonismo simplista: homens poderosos e personagens ilustres, reis, homens de corte e governantes detêm uma capacidade de influência superior, mas o seu poder é, ainda assim e sempre, limitado. Também eles são elos de uma cadeia que não dominam por inteiro

O Processo Civilizacional contém ainda o que se poderá designar prolegómenos de uma teoria da história com referência às ideias de Darwin - como o próprio autor mais recentemente reconheceu, não chegando porém a esclarecer com todo o rigor - e a um «behaviourismo primitivo» que não encontrou grandes ecos no pensamento europeu nos últimos anos.

O desprezo votado a esta obra por altura da sua primeira edição (1939) veio a ser corrigido em décadas mais recentes, através de um interesse crescente (a que agora esta edição portuguesa também não é estranha, apenas tardia), mas não ao ponto de a partir dela, ou do trabalho em geral do seu autor, se haver constituído uma nova «escola». A continuidade deste projecto teórico foi assumida de forma mais relevante, mas mesmo assim bastante subterrânea, no pensamento de Foucault e, pouco mais... Insuficiente para resolver todos os problemas deixados em aberto, em particular os que decorrem no plano ético-moral, quanto à questão do Estado, aos processos de decisão e, mesmo, aos mecanismos de internalização dos comportamentos (essa máquina abstracta investida pelo medo que torna a submissão desejável, segundo a tese de Elias).

O afrontamento das ortodoxias sempre foi um desafio que a tradição ocidental fez pagar caro. E esta é, sem dúvida, a posição desta obra: da tradição filosófica alemã, ao materialismo marxista e à psicanálise freudiana - perante todas elas, Elias assume reservas e não dispensa a crítica.

O preço desta heterodoxia é, neste momento, ainda incontabilizável, mas a originalidade do percurso traçado promete manter viva esta obra por bastante tempo. Ou, talvez, mesmo algo mais que isso, se é verdade, como defende Elias, que o processo civilizacional é sobretudo feito de imponderáveis.

*(Norbert Elias, **O Processo Civilizacional** - Vol. 1, Publicações Dom Quixote, 1989, 267 págs., tradução de Lídia Campos Rodrigues)*

João Pissarra

TEORIZAR A PARÓDIA

A obra de Linda Hutcheon, **Uma Teoria da Paródia** é uma tentativa bem fundamentada de dotar o discurso teórico e crítico de uma perspectiva adequada à abordgem de modos de expressão que se vêm tornando significativos, senão mesmo dominantes, nos mais diversos domínios artísticos, ao longo dos últimos anos. Termos como os de citação, eclectismo, ironia, sátira e intertextualidade têm, de facto, invadido o discurso tanto de críticos como de artistas, sobretudo, a respeito de uma arte dita «pós-moderna». Mas não parece ter surgido, até hoje, uma abordagem suficientemente coerente e de fôlego, capaz de os integrar num verdadeiro discurso teórico (a que, contudo, parece aspirar a sua vertente crítica), nem de fornecer uma caracterização dos seus processos comuns, nomeadamente os que comandam o seu eclectismo.

Linda Hutcheon toma, para este efeito, o termo de **paródia**, apoiando-se em vários estudos, que o têm, recentemente, abordado, e procurado retirar-lhe a carga negativa que o senso-comum ainda eventualmente lhe atribui. A paródia não é um género menor e parasitário, mas sim um modo complexo de «auto-reflexividade» que tem caracterizado no nosso século um grande número de produções modernas e contemporâneas. A referência aos formalistas russos e aos seus processos de introduzir a estranheza nos nossos hábitos de percpção e de discursividade procura demonstrar que a paródia é sempre um modo de nos confrontarmos com a tradição. Ela estava já presente no moderno, como forma de reflexividade, apesar de ter assumido na cultura contemporânea cambiantes novos, que tornam mais híbridas as suas fonteiras com a sátira e a ironia.

Dialogando com algumas das abordagens mais importantes relativamente à questão do sentido (formalistas, estruturalistas, pós-estruturalistas e hermenêuticas), Linda Hutcheon procura demonstrar que todas elas são por si só insuficientes para explicar o funcionamento da paródia. Ela escapa necessariamente aos modelos fechados e unicamente centrados sobre a obra, em virtude da forma como se apropria do passado; mas escapa, também, à mera noção de intertextualidade, pelo facto de não se reduzir exclusivamente a um diálogo entre textos, ou a um efeito significante com base num trabalho realizado apenas sobre o paradigma. O mecanismo da paródia assentaria na «transcontextualização» da tradição, na «repetição com diferença», cujo potencial significante depende do encontro entre a sua recepção real e a sua «produção inferida» (expressão retomada de Umberto Eco), ou a descodificação da intenção e do «alvo» da paródia. O peso recentemente dado ao receptor na construção do sentido da obra implicaria, para Hutcheon, uma dimensão pragmática que faltaria à perspectiva hermenêutica, pois a paródia só funciona se a sua descodificação for ao encontro de um conjunto de «respostas intencionadas», o que obriga a considerá-la sempre como um acto enunciativo. A isto chama Hutcheon o seu «**ethos pragmático**».

O interesse desta Teoria de Hutcheon reside, para além do diálogo com algumas importantes referências teóricas (através das quais se constrói), nos inúmeros exemplos bem integrados e minimamente desenvolvidos da literatura, da música, do teatro, da pintura, do cinema e da arquitectura. A paródia contagia grande parte das nossas práticas artísticas com a sua ambiguidade elitista e popular, conservadora e transformadora. Impõem-se, talvez, hoje, fazer algo mais do que ironizar sobre a sua ironia.

*(Linda Hutcheon, **Uma Teoria da Paródia**, Edições 70, 1989, 165 págs. tradução de Teresa Louro Peres*

Maria Teresa Cruz